



UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física – PPGCAF

GLORIA LONTRA BAPTISTA

**ETNOMÉTODOS E METODOLOGIAS ATIVAS NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO COM
CLASSES DE ACELERAÇÃO**

Niterói / RJ

2026

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física – PPGCAF

GLORIA LONTRA BAPTISTA

**ETNOMÉTODOS E METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO COM CLASSES DE ACELERAÇÃO**

Niterói

2026

GLORIA LONTRA BAPTISTA

ETNOMÉTODOS E METODOLOGIAS ATIVAS NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO COM CLASSES
DE ACELERAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, da Universidade Salgado de Oliveira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física. Área de Concentração: Aspectos Biodinâmicos e Socioculturais da Atividade Física. Linha de Pesquisa: Educação Física, Atividade Física, Esporte e Manifestações Culturais. Projeto vinculado do Orientador: Atividade física, desenvolvimento e Inovação: aspectos socioculturais e suas implicações nos campos acadêmicos, esportivo e tecnológicos.

Orientador (a): Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo Da Silva.

Niterói / RJ

2026

CIP - Catalogação na Publicação

Baptista, Glória Lontra.
B222 Etnométodos e metodologias ativas na educação física escolar: um estudo com classes de aceleração. / Glória Lontra Baptista. – Niterói, RJ, 2026.
xiii, 14-115.; il., tabs.
[Numeração da publicação: [i] – xiii -14-115p.
Referências: P. 60-65.
Apêndice: P. 66-114.
Anexo: P. 115.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva.
Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) - Universidade Salgado de Oliveira, 2026.

1. Educação Física – Metodologias de ensino. 2. Atraso escolar - Turmas de aceleração . 3. Fracasso escolar. 4. Inclusão. I. TÍTULO.

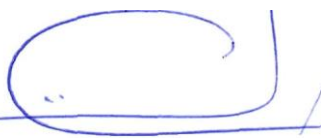
CDD 371.3

Elaborado pela Biblioteca Universo Niterói, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

GLORIA LONTRA BAPTISTA

“ETNOMÉTODOS E METODOLOGIAS ATIVAS NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO COM
CLASSES DE ACELERAÇÃO”

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física, aprovada no dia o i t o (8) de abril de 2026 pela banca examinadora, composta pelos professores:



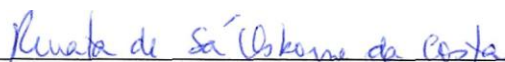
Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Professor do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Leandro Ribeiro de Lacerda

Professor do Centro Universitário Hélio Alonso - FACHA



Prof. DE. Renata de Sá Osborne da Costa

Professora do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira
(UNIVERSO)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos colegas de profissão que trabalham na educação pública brasileira, que, mesmo com todas as atribulações, frustrações e empecilhos do cotidiano, buscam um tempo para melhorarem suas práticas em busca de um Brasil mais justo para todos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão à Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), pela oportunidade de poder cursar com bolsa integral de 100% este programa. Agradeço sinceramente por acreditarem em meu potencial e por proporcionarem as condições necessárias para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Esta bolsa não apenas alivia o peso financeiro, mas também fortalece meu compromisso em contribuir de forma significativa para a comunidade acadêmica e para a sociedade como um todo.

Agradeço também ao meu orientador Carlos Alberto, o querido Carlão, por toda paciência e parceria ao longo desses dois anos. Você foi uma inspiração para minha prática e é uma referência em minha formação.

Impossível não dedicar também algumas palavras de agradecimento para o meu marido Otávio. Sem você ao meu lado provavelmente seria muito mais difícil. Obrigada por tornar esse caminho mais leve.

E por último, a minha fonte de pesquisa, meus alunos e alunas. Verdadeiros protagonistas deste processo educativo, que diariamente nos desafiam a repensar práticas e teorias, e nos motivam a buscar sempre o melhor em prol de uma educação mais inclusiva, significativa e transformadora. Que este trabalho contribua para ampliar horizontes e fortalecer os laços que unem a comunidade educativa em busca de um mundo mais justo e igualitário.

EPÍGRAFE

“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende.” - Leonardo da Vinci

RESUMO

O objetivo deste estudo é refletir sobre o contexto das aulas de Educação Física em turmas de aceleração. A justificativa decorre do reconhecimento de que enfrentar o fracasso escolar – um problema sistêmico e urgente – é essencial para promover a justiça social e reduzir as desigualdades educacionais. A repetência e o abandono escolar, desafios históricos no sistema educacional brasileiro, são os principais contribuintes para o fracasso escolar. O estudo destaca a importância de melhorar a qualidade do ensino e combater a distorção idade-série por meio de medidas como as turmas de aceleração. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, combinando revisão integrativa da literatura, observação sistemática e entrevistas semiestruturadas. O estudo foi desenvolvido em três etapas: (a) realização de uma revisão integrativa da literatura; (b) observação da realidade, com coleta de informações registradas em um diário de campo e entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física que atuam nas turmas de aceleração das escolas selecionadas; e (c) análise combinada da revisão da literatura com os dados coletados em campo à luz da etnometodologia. A organização estrutural deste trabalho se faz com a produção de um artigo que discute as conclusões da revisão de literatura e um outro artigo interrelacionando às conclusões do primeiro com as informações coletadas na pesquisa de campo por meio dos seguintes instrumentos de coleta de dados: observação de aulas, diário de campo e entrevista semiestruturada com professores que trabalham com classes de aceleração de ensino fundamental II da rede municipal de educação de Niterói. Os resultados indicam uma escassez de produção acadêmica sobre Educação Física e metodologias ativas, especialmente em relação a turmas de aceleração. Os estudos revisados enfatizam a importância da gestão escolar participativa, da formação contínua de professores e o fato de que práticas pedagógicas inovadoras ajudam a criar um ambiente educacional mais inclusivo e estimulante para alunos com distorção idade-ano escolar. Aponta-se o planejamento participativo como uma estratégia eficaz para melhorar a qualidade das aulas de Educação Física e democratizar o ambiente escolar, contribuindo para um sistema educacional mais equitativo e eficaz.

Palavras-chave: Metodologia de Ensino, Turmas de Aceleração, Atraso Escolar, Fracasso Escolar, Inclusão.

ABSTRACT

The objective of this study is to reflect on the context of Physical Education classes in acceleration classes. The justification arises from the recognition that facing the school failure - a systemic and urgent problem - is essential to promote social justice and reduce educational inequalities. Repetition and school dropout, historical challenges in the Brazilian educational system, are the main contributors for school failure. The study highlights the importance of improving the quality of teaching and oppose age-grade distortion through measures such as acceleration classes. The research adopts a qualitative approach, combining systematic observation; integrative reading review and interviews. The study will be developed in three stages: (a) carrying out an integrative reading review; (b) observation of reality, with information collection recorded in a field diary and interviews semi-structured sessions with Physical Education teachers who work in acceleration classes of selected schools; and (c) combined analysis of the literature review with data collected in the field. The structural organization of this work is done with the production of an article that discusses the conclusions of the literature review and another article interrelating the conclusions of the first with the information collected in field research using the following data collection instruments: observation classes, field diary and semi-structured interviews with teachers who work with accelerated elementary school II classes at pole V of the municipal education in Niterói. Preliminary results indicate a scarcity of academic productions focused on Physical Education in accelerated classes, especially related to teaching methodologies in these classes. The studies reviewed emphasize the importance of participatory school management, continuous teacher training and innovative pedagogical practices, crucial to create an inclusive and stimulating environment for students with age-grade distortion. Participatory planning is highlighted as an effective strategy to improve the quality of Physical Education classes and democratize the school environment, contributing to a system more equitable and effective education system.

Keywords: Teaching Methodology, Acceleration Classes, School Delay, School Failure, Inclusion.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABE	- Aprendizagem Baseada em Equipes
ABNT	- Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABPJ	- Aprendizagem Baseada em Projetos
CA	- Classes de aceleração
CHD	- Classificação Hierárquica Descendente
CPII	- Colégio Pedro II
EF	- Educação Física
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
FACHA	- Faculdades Integradas Hélio Alonso
FME	- Fundação Municipal de Educação de Niterói
FRM	- Fundação Roberto Marinho
GA	- Google acadêmico
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IRAMUTEQ	- Interface de R Pourles Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases Nacionais
MEC	- Ministério da Educação
NBR	- Normas Técnicas Brasileiras
PBL	- Project-Based Learning
PCDs	- Pessoas com deficiências
PNUD	- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PP	- Planejamento Participativo
PPGEDU	- Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGEDUC	- Programa de Pós-Graduação em Educação
PROFEDUC	- Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação
PUC	- Pontifícia Universidade Católica
TBL	- Team Based Learning
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEMS	- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UERJ	- Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFJF	- Universidade Federal de Juiz de Fora

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UMESP - Universidade Metodista de São Paulo

UnB - Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UTF-8 - Unicode Transformation Format

LISTA DE FIGURAS

PÁGINAS

Figura 1: Fluxograma da revisão de literatura	33
Figura 2: Análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) elaborada pelo software IRAMUTEQ®	43
Figura 3: Grafo de Similitude produzido pelo software IRAMUTEQ®	44

LISTA DE TABELAS

PÁGINAS

Tabela 1: Conteúdos e objetos de conhecimento da educação física para o Ensino Fundamental II	31
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
1.1. Problematização	16
1.2. Justificativa	19
1.3. Relevância	19
1.4. Objetivo Geral	19
1.5. Objetivos Específicos	20
2. METODOLOGIA	21
2.1. Contexto e Participantes	21
2.2. Coleta de Dados	22
2.3. Análise de Dados	23
2.4. Procedimentos para Maximização da Confiabilidade	24
2.5. Procedimentos Éticos	24
2.6. Autorreflexividade	24
2.7 Organização da Dissertação.....	26
3. ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA	28
4. ARTIGO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICES E ANEXOS	68
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	68
Apêndice B - Questionário/Roteiro de entrevista.....	72
Apêndice C -. Cartilha para formação continuada em Educação Física Escolar e o uso de Metodologias Ativas da Educação	73
Apêndice D - Observações do diário de campo	106
Anexo A - Termo de Autorização do Comitê de Ética	117
Anexo B - Termo de autorização para disponibilização de trabalhos científicos	121
Anexo C - Relatório de Autenticidade do DocxWeb ou CopySpider.....	122

1. INTRODUÇÃO

1.1. Problematização

Em 1990, o Brasil participou, em Jomtien, na Tailândia, da Conferência Mundial Sobre Educação para Todos, organizada por diversas instituições internacionais, dentre elas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pelo Banco Mundial (Raimundo; Votre; Terra, 2012). Essa participação influenciou diretamente na construção da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 (Brasil, 1996), respaldada nas normativas da Constituição Federal (Brasil, 1988), e que foram posteriormente reforçadas no artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 2021).

Deste encontro, resultou uma série de exigências e orientações para a construção dos planos educacionais visando atender às necessidades básicas da aprendizagem, como universalizar o acesso à educação e promover a equidade, combatendo a repetência e o abandono escolar (Raimundo; Votre; Terra, 2012). O enfrentamento ao fracasso escolar, como forma de promover justiça social e acabar com as desigualdades, constitui-se uma das principais urgências da educação contemporânea (Neira; Nunes, 2022), sendo compreendido como um problema estrutural e historicamente enraizado no sistema educacional (Bastos, 2013). O fracasso escolar é composto pelo binômio reprovação/evasão escolar, visto que, mais do que um indicador de desempenho individual, a repetência é um desafio histórico nos sistemas de ensino, e tem contribuído significativamente para o aumento da evasão escolar no Brasil (Souza; Rodrigues; Ferreira, 2023).

Mesmo com as garantias legais do direito de acesso e permanência à escola para todos entre 4 e 17 anos, inúmeras crianças e adolescentes ainda enfrentam dificuldades para alcançar os padrões educacionais estabelecidos (Glória, 2002). Isso significa que muitos deles seguem sendo reprovados repetidamente, e devido à obrigatoriedade legal de permanecer na escola, continuam dentro do ambiente escolar, porém sem atingir uma educação de qualidade. Glória (2002), corroborando a ideia de outros autores, destaca que:

[...] Convivemos com milhões de crianças fora da escola ou presentes na escola, mas fora da idade apropriada. Avançamos muito nesse campo, mas enquanto houver criança sem escola ou fora da idade adequada, o direito de todos e o dever do Estado não terão se consubstanciado (Glória, 2002, p. 5).

Com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino e dar ênfase ao combate à repetência escolar e à defasagem idade-série, um conjunto de medidas foram criadas pelos diferentes governos, visando acelerar os estudos para alunos com atraso escolar (Raimundo; Votre, 2010). Com esse intuito, em 1997 o Ministério da Educação do Brasil (MEC) instituiu as classes de aceleração dos estudos: turmas compostas por alunos com distorção idade-ano escolar de referência, ou seja, alunos que apresentam idade mais avançada do que a esperada para aquele ano de escolaridade no qual está matriculado (Brasil, 1997).

De acordo com a legislação vigente, os estados e municípios possuem autonomia para estruturar essas classes de aceleração, fomentando seu progresso e reintegração ao ambiente escolar para continuação dos estudos (Pezzin; Marin, 2016). Na Rede Municipal de Educação de Niterói, município localizado na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, a portaria 489/2014 regulamenta as classes de aceleração nos anos finais do Ensino Fundamental (Niterói, 2014). Como a rede trabalha no formato de ciclos, as turmas de aceleração ficaram compostas com base nas classes que compõem os ciclos. Portanto, para o terceiro ciclo do Ensino Fundamental, seriam as turmas de sexto e sétimos anos, e para o quarto ciclo, as turmas de oitavo e nonos anos do mesmo (Niterói, 2014).

Esses alunos encaminhados para as classes de aceleração têm que ter dois anos ou mais de diferença em relação à idade prevista para o ano no qual foram matriculados (Niterói, 2014). Sendo assim, seriam, respectivamente, aqueles que no 6º ano do ensino fundamental estariam com 13 anos de idade ou mais, no 7º ano com 14 anos ou mais, para o 8º ano 15 anos ou mais; e, por fim, para o 9º ano de escolaridade até 17 anos (Niterói, 2014). As turmas são formadas no início do ano letivo, com até 25 alunos. A matriz curricular é semelhante à das turmas regulares, com inclusão de letramento, e propõe-se em seu texto a sugestão de trabalho através de metodologia de projetos, com avaliação contínua e formativa (Niterói, 2014).

Essas turmas são compostas normalmente por um perfil de público que apresenta períodos de evasão por diversos motivos, e/ou carregam momentos consecutivos de insucesso escolar (Baptista, 2020). Estudos mostram que a autoestima dos alunos é influenciada pelas circunstâncias de vida e pela qualidade da escola, com uma correlação entre autoestima e desempenho escolar (Silva, 2020).

Dados do Censo Escolar de 2017, analisados pelo UNICEF em 2018, revelam que mais de 7 milhões de crianças e adolescentes da educação básica brasileira encontravam-se com defasagem de dois ou mais anos entre a sua idade e a recomendada para a série cursada. O problema é cumulativo e se agrava nos anos finais do Ensino Fundamental e 1º ano do

Ensino Médio, o que sinaliza a urgência de políticas públicas capazes não apenas de acelerar percursos, mas de reincluir trajetórias marcadas por repetidos insucessos (Pinheiro *et al.*, 2020).

A literatura tem demonstrado que, embora a política de incentivo e permanência no ambiente escolar exista, pouco se sabe sobre como ela se materializa no cotidiano escolar, especialmente em alguns componentes curriculares, como é o caso da Educação Física (Vilarim, 2019; Baptista, 2020). A Educação Física, como disciplina curricular regulamentada pela lei nº 10.793/2003 (Brasil, 2003), tem como papel pedagógico, através das manifestações da cultura corporal de movimento, possibilitar experiências sociais, estéticas, emotivas e lúdicas essenciais para o pleno desenvolvimento dos estudantes (Mommad, 2020).

O texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998), propõem que a Educação Física, como disciplina obrigatória do currículo básico do Ensino Fundamental, desenvolva suas práticas pedagógicas buscando democratizar, humanizar e diversificar as estratégias, contribuindo assim para o desenvolvimento da autonomia, da participação social e da consciência corporal dos alunos. Sendo, portanto, uma disciplina fundamental para o desenvolvimento da autoestima, estimular a motivação, desenvolver as habilidades de resolver conflitos e problemas, fortalecer o pertencimento do alunado ao ambiente escolar e fomentar atitudes positivas e de respeito entre os pares (Miranda, 2024).

Segundo Furtado e Borges (2023), as práticas pedagógicas da Educação Física escolar atualmente estão ancoradas em basicamente três definições. A primeira, de acordo com as autoras, é o modelo tradicional de ensino, que se entende por aquele que ainda apresenta o conservadorismo do ensino dos esportes, numa relação hierárquica, onde o professor centraliza todas as ações, com uma avaliação somativa com aspectos técnicos e descontextualização dos conteúdos com a realidade dos alunos (Daólio, 2010).

A segunda é o desinvestimento pedagógico (Furtado; Borges, 2023), ou para Baio (2023) o “rola bola”, que seriam as chamadas “aulas livres”, sem nenhum contexto intencional pedagógico, no qual os professores estariam ali mais para controlar o uso dos materiais e manter uma vigilância sobre a turma.

E a terceira prática pedagógica seriam as metodologias mais participativas e democráticas, que, para Silva (2020), podem ser definidas como uma abordagem pedagógica que envolve ativamente o alunado no processo de elaboração, implementação e avaliação do planejamento educacional. Nesse contexto, os alunos, professores e demais participantes do

processo de ensino-aprendizado são considerados sujeitos ativos, capazes de contribuir com suas experiências, conhecimentos e perspectivas para a construção de práticas educativas mais democráticas e significativas (Correia, 1996).

É justamente na intersecção entre esses três elementos — classes de aceleração, educação física e metodologia de ensino — que esta dissertação se insere. A pesquisa parte de uma inquietação prática da pesquisadora, professora deste segmento há muitos anos na rede pública referenciada, diante da constatação de que os alunos das turmas de aceleração, embora estejam fisicamente presentes na escola, muitas vezes dela se sentem simbolicamente e afetivamente ausentes.

1.2. Justificativa

Este estudo propõe uma reflexão sobre o contexto das aulas de Educação Física com turmas de aceleração de Ensino Fundamental II, partindo da experiência prática da professora pesquisadora, embasada numa revisão integrativa de bibliografia, numa observação da realidade e com análise de entrevistas semiestruturadas à luz da etnometodologia. A escolha dessa problemática se faz diante do desafio diário que é dar aula para este público, e por compreender que o fracasso escolar é um problema sistêmico e urgente na educação.

1.3. Relevância

Este estudo tem como importância colaborar com o aprimoramento do trabalho docente de professores de Educação Física que já atuam na educação básica, servindo como sugestão de práticas de ensino a serem consideradas. Evidencia-se a necessidade de se problematizar estudos nesta temática, assim como ainda há poucos trabalhos que investigaram o funcionamento das classes de aceleração. Ainda menor é a produção científica em torno da participação desses alunos nas aulas de Educação Física escolar. Com o intuito de buscar alternativas que aperfeiçoem o trabalho e os resultados, foi proposta a interseção com as metodologias ativas de ensino, a fim de apontar outras possibilidades para esse desafio.

1.4. Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho foi investigar quais metodologias de ensino são utilizadas nas aulas de Educação Física em classes de aceleração do Ensino Fundamental II da rede pública municipal de Niterói, e de que forma estratégias participativas podem contribuir para o engajamento e a inclusão desses estudantes.

1.5. Objetivos Específicos

Partindo desse objetivo geral, propôs-se: a) revisar a literatura corrente sobre metodologias de ensino utilizadas na Educação Física escolar, em especial em classes de aceleração; b) descrever quais metodologias de ensino são comumente mais usadas nessas turmas durante aulas de Educação Física na rede pública municipal de Niterói; c) realizar entrevistas semiestruturadas com professores que atuam na rede; e d) produzir uma cartilha com informações atualizadas sobre metodologias de ensino-aprendizagem que possam auxiliar os profissionais que atuam com aulas em classes de aceleração, de modo a proporcionar diferentes formas de interação entre docentes e discentes (Apêndice D).

2. METODOLOGIA

Neste estudo qualitativo, que se baseia na consideração de um recorte temporal e espacial específico do fenômeno pesquisado (Velloso *et al.*, 2022), a intenção foi analisar o contexto metodológico que os professores utilizam nas aulas de Educação Física em turmas de aceleração na rede municipal de ensino de Niterói. A utilização de diversas técnicas qualitativas para busca, coleta e integração de múltiplas fontes de evidências com triangulações, visa conferir maior confiabilidade e credibilidade à argumentação proposta (Yin, 2016).

Nesse sentido, essa pesquisa combinou observação sistemática, que privilegia a observação de aulas, e a entrevista semiestruturada com os docentes de Educação Física que trabalham com as turmas na rede selecionada, buscando interpretações do cotidiano escolar e ações orientadas para a pesquisa-ação com foco no desenvolvimento dos educadores, idealizando modificar atitudes, conscientizar ou possibilitar a construção de conhecimentos sobre um problema identificado pela pesquisadora, no âmbito da prática pedagógica (Yin, 2016; Velloso *et al.*, 2022).

Com o objetivo de elaborar e validar o inventário de práticas docentes para o ensino de qualidade da Educação Física escolar, o estudo foi desenvolvido em três etapas: a) realização de uma revisão integrativa de literatura; b) observação da realidade, com coleta de informações anotadas em um diário de campo (Apêndice E) e entrevista semiestruturada com cinco professores de Educação Física que trabalham com essas classes de aceleração; e c) análise combinada do *software* IRAMUTEQ® sob o olhar da etnometodologia.

2.1. Contexto e Participantes

O espaço no qual a pesquisa foi realizada está localizado no município de Niterói, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, compreendendo cinco unidades de ensino que trabalham com Ensino Fundamental II da rede municipal de educação. A rede se subdivide em 7 polos, de modo que a pesquisa abarcou 5 dos 7 polos existentes, compondo com uma escola de cada polo, sendo que no polo 6 não existem escolas de 3º e 4º ciclos, e no polo 1 nenhum professor tinha a possibilidade de participar.

As escolas que compuseram a entrevista possuem quadra poliesportiva e materiais diversificados básicos para as aulas. Sobre organização das turmas: a escola do “Professor 1”, do “Professor 2” e “Professor 5” compreendem apenas o 3º e 4º ciclos do ensino

fundamental. E a dos “Professor 3” e “Professor 4” abrangem todo o Ensino Fundamental.

O grupo de professores selecionados tem como proposta atender a três critérios escolhidos pela professora pesquisadora: 1) Todos os cinco professores são concursados em regime estatutário a mais de três anos na rede municipal de Niterói; 2) atuam na mesma escola como professores de Educação Física há mais de um ano; 3) trabalham com classes de aceleração de Ensino Fundamental II há mais de um ano. Esses cinco professores são compostos por três do sexo masculino e dois do sexo feminino.

Foram observadas as metodologias de aula utilizadas em sete turmas de aceleração entre 4º e 3º ciclos nas cinco unidades escolares. As aulas de Educação Física são compostas por dois tempos consecutivos de 45 minutos cada, contabilizando um total de 1 hora e 30 minutos de aula uma vez por semana.

2.2. Coleta de Dados

Para este estudo, foram selecionados os seguintes instrumentos: entrevistas semiestruturadas com os professores regentes de Educação Física das classes de aceleração, observações de aula e formulação do diário de campo (Apêndice E), análise de documentos oficiais da rede e do planejamento individual do professor, quando disponível. A proposta foi conseguir arrecadar o maior número de informações que consigam caracterizar qual a metodologia empregada pelos professores, como o conteúdo é desenvolvido, e como as propostas pedagógicas são orientadas para essas turmas.

As observações de aula e formulação do diário de campo ocorreram nos meses de novembro e dezembro de 2025, compreendendo de quatro a seis aulas de cada professor. Após a observação, foi realizada uma entrevista semiestruturada com cada um deles, individualmente, num local reservado dentro do seu espaço escolar. Durante o período, realizou-se o registro das dinâmicas das aulas, para a análise das informações do diário de campo, juntamente com a transcrição das entrevistas, com o máximo de fidedignidade das impressões e informações coletadas, sem intenção de exposição dos pares, apenas para fins de pesquisa. Além dos instrumentos supracitados, foi feita a análise dos planejamentos de aula do professor e demais documentos oficiais que norteiam as práticas pedagógicas na escola e na rede. No Apêndice B, encontra-se a organização prévia do roteiro desta entrevista.

A observação envolveu coleta de dados por meio da observação direta e sistemática de comportamentos, interações e contextos naturais, realizada de forma não participante, mantendo a pesquisadora como observadora externa (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 2002). O tempo de permanência no campo de coleta foi de no máximo dois meses, por se

tratar de basicamente compreender um período dentro de uma unidade bimestral de planejamento, sendo tempo suficiente para estabelecer relações positivas e reconhecer a fundo as particularidades dos professores.

A escolha de se aplicar uma entrevista semiestruturada permite ao pesquisador capturar, de forma mais flexível, informações sobre comportamentos, práticas e dinâmicas sociais, de maneira que o participante tenha um ambiente mais relaxado e maior liberdade para acrescentar dados às perguntas (Taquette; Borges, 2020).

A análise de documentos envolveu a coleta e análise de materiais escritos, como relatórios, diários, registros institucionais, legislação, entre outros. Os documentos forneceram informações contextuais, históricas e institucionais relevantes para a pesquisa, permitindo ao pesquisador compreender melhor o cenário em que o estudo se desenvolve, bem como complementar os dados obtidos por outros métodos (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 2002).

2.3. Análise de Dados

A análise de dados qualitativos é um processo complexo que geralmente é dividido em cinco fases distintas (Yin, 2016). Inicialmente, na primeira fase analítica, os dados são compilados para formar uma base de dados formal. Essa etapa incluiu a fase de coleta de dados de diferentes fontes. Para a execução deste trabalho, foi realizada uma revisão integrativa de literatura sobre a temática, material oriundo da observação das aulas e documentos oficiais, além dos dados obtidos através das entrevistas (Yin, 2016).

Em seguida, na segunda fase, os dados foram decompostos em fragmentos ou elementos menores, facilitando a análise detalhada, em que cada parte é colocada numa categoria para melhor facilitar a organização e o entendimento (Yin, 2016). A terceira fase envolveu a recomposição dos dados, utilizando termos substantivos para reorganizá-los em novos agrupamentos e sequências, permitindo uma nova perspectiva sobre as informações originais. Na fase dois e três o *software IRAMUTEQ®* foi utilizado visando otimizar a hierarquização dos caracteres selecionados. Verifica-se nessa fase o que se repete, o que parte mais do professor e o que consta mais na parte documental (Yin, 2016).

Posteriormente, na quarta fase, ocorreu a interpretação dos dados recompostos, em que foram criadas categorias através ainda do *software IRAMUTEQ®*, as quais foram analisadas à luz da etnometodologia para o desenvolvimento do texto final. É importante ressaltar que a interpretação dos dados qualitativos requer rigor e atenção aos detalhes, evitando atalhos e reconhecendo possíveis vieses que possam influenciar a análise (Yin, 2016).

Por fim, na quinta e última fase da análise de dados qualitativos, que é a conclusão, os

resultados finais foram extraídos e relacionados à interpretação dos dados realizada na fase anterior. Essas conclusões refletem não apenas a análise dos dados, mas também todo esse processo de sua coleta e análise, garantindo a integridade e a validade dos resultados obtidos. A ênfase no rigor metodológico e na reflexão constante sobre possíveis vieses é essencial para garantir a qualidade e a confiabilidade da análise de dados qualitativos em pesquisas acadêmicas (Taquette; Borges, 2020).

2.4. Procedimentos para Maximização da Confiabilidade

A escolha dos critérios que asseguram a credibilidade e confiabilidade dos resultados desta pesquisa qualitativa se dá por meio da estratégia de triangulação. A triangulação de dados envolve a coleta e análise de informações de diferentes fontes, e por meio de métodos diversos auxilia a confirmar e enriquecer os resultados, aumentando a confiabilidade das conclusões (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 2002). Para compor o processo, foram utilizados como recurso os instrumentos: revisão de literatura e imersão no campo. O uso dessas ferramentas garante maior qualidade e robustez à pesquisa qualitativa (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 2002).

2.5. Procedimentos Éticos

Com base na resolução nº 466/12 e nº 510/16, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento fundamental em pesquisas envolvendo seres humanos, pelo qual os participantes são informados sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios do estudo (CEP, 2024). Ao assinar o TCLE, cada participante demonstra sua compreensão e concordância voluntária em integrar a pesquisa, garantindo seus direitos e sua segurança durante o processo. No Apêndice 3, encontra-se disponível uma cópia desse termo, que compreenderá uma via entregue para o entrevistado, e outra ficando em posse da pesquisadora. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 7.806.866, submetido pela Plataforma Brasil.

2.6. Autorreflexividade

De acordo com Yin (2016), numa pesquisa qualitativa é impossível isolar o pesquisador da interação com o fenômeno estudado, por isso a importância de se explicar para os leitores as lentes de análises que vão ler os dados coletados. Corroborando com o pensamento do autor supracitado, apresento a minha autorreflexividade para a temática proposta.

Sempre estudei em escola pública, e me lembro de que sempre estudava com uns dois ou três alunos bem mais velhos que a maioria do grupo da turma, que normalmente sentavam nos assentos no fundo da sala, faziam muita bagunça, tinham baixo rendimento e alguns já até trabalhavam. Passaram-se alguns anos, tornei-me professora, e novamente encontro a mesma situação: o mesmo perfil de alunos “mais velhos”.

Em 2015, a Prefeitura de Niterói, atendendo às exigências institucionais federais, criou as turmas de aceleração. Com isso, esses alunos “mais velhos”, que anteriormente ficariam repetindo nos turnos diurnos até abandonarem de vez a escola ou serem encaminhados para a EJA à noite, passaram a ser aglutinados nestas classes, chamadas de turmas de aceleração.

A escolha de se trabalhar com o planejamento participativo foi se construindo através da busca para provocar naqueles jovens o pertencimento àquele espaço. Os desafios que essas turmas me provocavam me levaram a ter que procurar novas estratégias, formas diferentes daquelas com as quais eu estava habituada a usar para dar aula.

Eu não me formei uma professora democrática quando saí da faculdade, fui me tornando uma professora mais flexível, na tentativa de fazer com que, em conversas e combinados com os alunos, pudéssemos construir juntos um aprendizado significativo. E aos poucos o resultado foi aparecendo, a participação foi aumentando e a interação entre eles foi ficando mais respeitosa. Por isso decidi me aprofundar no tema e, através deste estudo, inspirar outros pares a procurarem novas estratégias de trabalho com suas turmas.

2.7 Organização da Dissertação

Esta dissertação se organiza iniciando com uma introdução geral, explicitando o problema de pesquisa, o objetivo geral e os específicos, a justificativa, a relevância e a metodologia. Posteriormente, acontecem dois movimentos complementares, cada um materializado em um artigo científico, de acordo com o seguinte percurso investigativo, conforme modelo adotado pela Universidade Salgado de Oliveira.

O primeiro movimento consistiu em uma revisão integrativa da literatura, conduzida com o auxílio da estratégia PICO e realizada em bases de dados nacionais e internacionais. O objetivo foi mapear o estado da arte acerca do planejamento participativo e das metodologias ativas na Educação Física escolar, com interseção nas classes de aceleração. Os resultados, apresentados no primeiro artigo, intitulado “Planejamento Participativo em Educação Física para Turmas de Aceleração: uma revisão integrativa”, revelaram uma produção acadêmica ainda incipiente, com poucos estudos que articulam diretamente os três eixos temáticos propostos. Contudo, a revisão permitiu identificar princípios fundamentais para uma prática escolar mais participativa, como gestão democrática, formação continuada e inovação pedagógica, que serviram para a etapa seguinte.

O segundo movimento, de caráter empírico, voltou-se para a prática na escola. Onde foram realizadas as observações sistemáticas e as entrevistas. Essa opção teórico-metodológica mostrou-se particularmente produtiva por permitir desvelar os etnométodos, ou seja, os raciocínios práticos, as táticas cotidianas e as lógicas implícitas que os professores mobilizam para planejar, negociar e conduzir suas aulas em condições frequentemente adversas (Silva; Votre, 2012; Garfinkel, 2018). Os achados dessa etapa compõem o segundo artigo intitulado “O uso de Metodologias Ativas em aulas de Educação Física para Classes de Aceleração”, no qual se evidencia um descompasso entre a intuição pedagógica e a fundamentação teórica.

Posterior à análise dissertada nos dois artigos, temos uma conclusão geral que retoma os objetivos do estudo, integra os principais achados e explicita as contribuições, limites e desdobramentos possíveis da pesquisa. Mais do que um exercício acadêmico, este trabalho pretende oferecer subsídios para a reflexão e a qualificação da prática pedagógica em Educação Física, reafirmando o compromisso ético e político de uma educação que não se propõe apenas a acelerar tempo na escola, mas, sobretudo, a incluir e acolher.

Posteriormente, no corpo do texto, encontram-se: as referências totais, que englobaram todas as referências dos artigos e demais textos; os apêndices, onde constam os roteiros da

entrevista, o TCLE e as observações coletadas em um diário de campo; e, sequencialmente, nos anexos, o parecer do Comitê de Ética aprovando a pesquisa, e o relatório de autenticidade emitido pelo *Copyspider* ou *DecXweb*. E, por fim, os demais documentos de autorização para publicação da dissertação junto à CAPES.

3. ARTIGO DE REVISÃO

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA TURMAS DE ACELERAÇÃO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

PARTICIPATORY PLANNING IN PHYSICAL EDUCATION FOR ACCELERATION CLASSES: AN INTEGRATIVE REVIEW

Glória Lontra Baptista

Resumo

O objetivo deste estudo é refletir sobre o contexto das aulas de Educação Física em turmas de aceleração. A justificativa decorre do reconhecimento de que enfrentar o fracasso escolar – um problema sistêmico e urgente – é essencial para promover a justiça social e reduzir as desigualdades educacionais. A repetência e o abandono escolar, desafios históricos no sistema educacional brasileiro, são os principais contribuintes para o seu fracasso. O estudo destaca a importância de melhorar a qualidade do ensino e combater a distorção idade-série por meio de medidas como as turmas de aceleração. O método empregado utiliza uma abordagem qualitativa a partir de uma revisão integrativa de literatura, realizada em bases de dados, com a busca enquadrada pela estratégia PICO. A busca resultou em 30 estudos, com uma seleção final de nove para análise detalhada. Os principais resultados indicam uma escassez de produção acadêmica sobre Educação Física em turmas de aceleração, especialmente em relação a metodologias participativas. Os estudos revisados enfatizam a importância da gestão escolar participativa, da formação contínua de professores e de práticas pedagógicas inovadoras. Esses elementos são cruciais para criar um ambiente educacional inclusivo e estimulante que apoie o sucesso dos alunos em situação de distorção idade-série. A conclusão ressalta a necessidade de práticas educacionais inclusivas que envolvam todos os agentes educacionais e a contextualização das práticas pedagógicas. Aponta-se o planejamento participativo como uma estratégia eficiente para melhorar a qualidade das aulas de Educação Física e democratizar o ambiente escolar, contribuindo para um sistema educacional mais equitativo e eficaz.

Palavras-chave: planejamento participativo, metodologias ativas, educação física, fracasso escolar, classes de aceleração.

Abstract

This study aims to reflect on the context of Physical Education classes in accelerated classes. The justification stems from recognizing that addressing school failure - a systemic and urgent problem - is essential to promoting social justice and reducing educational inequalities. Repetition and school dropout, historical challenges in the Brazilian educational system, are the main contributors to school failure. The study highlights the importance of improving the quality of teaching and combating age-grade distortion through measures such as acceleration classes. The method uses a qualitative approach based on an integrative literature review

carried out in databases, with the search framed by the PICO strategy. The search resulted in 30 studies, with a final selection of nine for detailed analysis. The main results indicate a lack of academic production in Physical Education in accelerated classes, especially in participatory methodologies. The studies reviewed emphasize the importance of participatory school management, continuous teacher training, and innovative pedagogical practices. These elements are crucial to creating an inclusive and stimulating educational environment that supports students' success in age-grade distortions. The conclusion highlights the need for inclusive educational practices involving all educational agents and contextualizing pedagogical practices. Participatory planning is highlighted as an efficient strategy to improve the quality of Physical Education classes and democratize the school environment, contributing to a more equitable and effective educational system.

Keywords: participatory planning, active methodologies, physical education, school failure, acceleration classes.

INTRODUÇÃO

O combate ao fracasso escolar, como forma de promover justiça social e acabar com as desigualdades, é uma das principais urgências da educação na sociedade contemporânea (Neira; Nunes, 2022). O fracasso escolar é composto pelo binômio reprovação/evasão escolar, considerado um desafio histórico nos sistemas de ensino brasileiro, em que a repetência escolar tem contribuído significativamente para o aumento da evasão escolar (Bastos, 2013).

Crianças e adolescentes oriundos principalmente das classes sociais mais vulneráveis, em muitos casos, são excluídos por não conseguirem acesso às instituições de ensino. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação passa a ser um direito de todos e dever do Estado (Brasil, 2024). Um conjunto de medidas foi criado pelos diferentes governos com o objetivo de acelerar os estudos para discentes com atraso escolar (Raimundo; Votre, 2010), com o objetivo de melhoria da qualidade de ensino e enfatizar o combate à repetência escolar e à defasagem idade-série. Assim, diversos governos criaram as classes de aceleração dos estudos, turmas compostas por discentes com distorção idade ano escolar de referência, ou seja, alunos que apresentam dois anos ou mais de defasagem quanto à idade esperada para aquele ano de escolaridade no qual está matriculado (Niterói, 2014).

Estudos mostram que essas turmas são compostas por um perfil de público que apresenta consecutivos momentos de insucesso escolar, o que gera neles uma baixa autoestima, acompanhada de um sentimento de incompetência sobre suas capacidades acadêmicas (Baptista, 2020). A autoestima dos alunos é influenciada pelas circunstâncias de vida e pela qualidade da escola, com uma correlação entre autoestima e desempenho escolar (Silva, 2020). A Educação Física, como disciplina curricular regulamentada pela Lei de

Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96, tem como um dos papéis pedagógico o de, por meio das manifestações da cultura corporal de movimento, possibilitar experiências visando o desenvolvimento da autoestima, estimular a motivação, desenvolver a habilidade de resolver conflitos e problemas, fortalecer o pertencimento do alunado ao ambiente escolar e fomentar atitudes positivas e de respeito entre os pares (Miranda, 2024).

Segundo Furtado e Borges (2023), as práticas pedagógicas da Educação Física escolar atualmente estão ancoradas em basicamente três definições: a primeira é o modelo tradicional de ensino dos esportes básicos, a segunda é o desinvestimento pedagógico, que seriam as chamadas “aulas livres”, sem nenhum contexto intencional pedagógico, e a terceira são as práticas com metodologias mais participativas e democráticas.

Este estudo propõe uma reflexão sobre o contexto das aulas de Educação Física com turmas de aceleração, embasada numa revisão integrativa da bibliografia. A escolha dessa problemática se faz por se compreender que o trabalho com esse público é um desafio, e que o fracasso escolar é um problema sistêmico urgente, devendo todas as áreas da educação se envolverem para combater essa mazela educacional.

Este estudo se ancorou no seguinte objetivo geral: “Quais práticas metodológicas docentes são mais utilizadas de acordo com a literatura nas aulas de Educação Física em turmas de aceleração do ensino fundamental”? De que forma poderia, portanto, colaborar com o aprimoramento do trabalho docente de professores de Educação Física que já atuam na educação básica, servindo como sugestão de práticas de ensino a serem consideradas.

MÉTODO

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, tratando-se de uma revisão integrativa da literatura, que tem como propósito reunir e sintetizar resultados de estudos sobre um tema específico de forma sistemática e organizada, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre o assunto investigado (Galvão; Ricarte, 2020). Para compor a revisão, foram consultadas as seguintes bases de dados: PubMed, Lilacs, SciELO, PEDro, Biblioteca Digital, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Science, CAPES, além do Google Acadêmico, devido a sua abrangência de fontes de informação. Nas estratégias de busca, visando aumentar a credibilidade do estudo, foi empregada a ferramenta PICO, conforme descrito por Dantas (*et al.*, 2021). Os critérios PICO utilizados incluem: (P) a população estudada, que consiste nas classes de aceleração; (I) a intervenção, que se refere ao uso da abordagem do planejamento participativo em aulas de Educação Física; (C) a comparação, que ocorre ao analisar outras turmas de aceleração que não empregam

metodologias participativas no planejamento de aula; e (O) os desfechos avaliados, que dizem respeito ao aumento da participação dos alunos dessas classes quando a metodologia do planejamento participativo é utilizada nas aulas de Educação Física.

Como critério de pesquisa, foram utilizados os descritores Desc/Mesh “planejamento participativo”, “educação física”, “classes de aceleração” e o indicador booleano “AND” como conectivo. A fase de coleta ocorreu em maio de 2024, e a margem de tempo selecionada foi desde 1997, ano em que o Ministério da Educação (MEC) instituiu o projeto classes de aceleração, com o objetivo de corrigir a distorção do fluxo escolar, amparados no artigo 24, inciso V, da LDB 9394/96, até o presente.

RESULTADOS

A pesquisa na literatura envolveu a seguinte frase para a busca: “educação física” AND “planejamento participativo” AND “classes de aceleração”. Foram encontrados nas bases de dados n=30 trabalhos divididos em: Pubmed n=0, PEDro n=0, Science n=0, Google Acadêmico n=29, SciELO n=0, CAPES n=1, Lilacs n=0 e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) n=0. Na Tabela 1, apresentam-se os estudos encontrados de acordo com a pesquisa.

Como primeiro critério para selecionar os estudos, foi feita uma leitura do título e do resumo dos trabalhos sugeridos para determinar sua inclusão ou exclusão, gerando um N=4. Para compor uma análise mais aprofundada de dados e embasar a discussão, foram utilizadas as referências bibliográficas citadas nos trabalhos selecionados como fonte para buscar outras referências que especificassem mais a temática de interseção.

Essas referências cruzadas, selecionadas com base nos títulos e resumos, somam em um N=6, conferindo à pesquisa um N total=10 estudos, divididos em dissertações de mestrado, artigos originais e trabalhos para congressos. Na sequência, foi realizada uma nova filtragem, na qual foram separados os estudos duplicados, n=1, gerando um total de n=9 para leitura na íntegra.

Tabela 1: Descrição dos trabalhos encontrados na pesquisa de acordo com o tipo de arquivo.

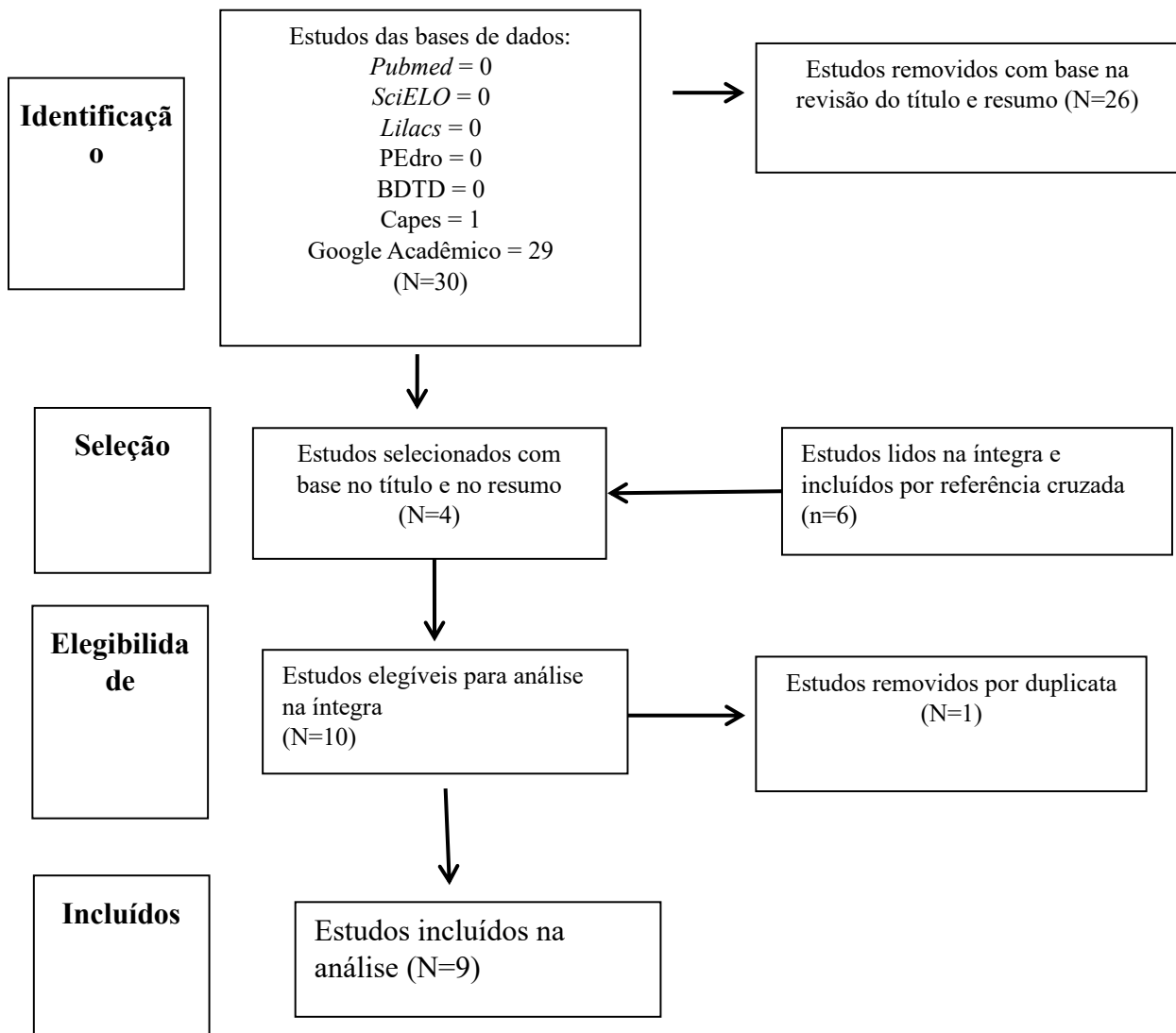
TIPO DE ARQUIVO	AUTORES	ANO	BASE	LOCAL DE PUBLICAÇÃO
Artigo Original	BAPTISTA, G. L.	2020	CAPES	Revista do Dep. de Educação Física - CII
	BAPTISTA, G. L.	2020	GA	Revista do Dep. de Educação Física - CII
Capítulo de Livro	MOISES, R. R.;	2015	GA	PROFEDUC (2014-2017) - UEMS

	LANCILLOTTI, S. S. P.			
Índice Remissivo	BELTRÃO, R. E. V. et al.	1999	GA	Cadernos Gestão Pública e Cidadania (v.4, n.12)
Livro	ROTHEN, J. C. et al.	2005	GA	VIII CEPFE (Congresso)
	SANTOS, C. R. dos	2020	GA	Cengage
Monografia	SILVA, N. R. da	2019	GA	UEMA
	VIEIRA, V. G. B.	2014	GA	UnB
Projeto Político	SEC. MUN. DE EDUCAÇÃO (Arapiraca)	2013	GA	Prefeitura Municipal de Arapiraca
Tese/Dissertação				
Mestrado	ALVERNAZ, A.	2022	GA	PPGEDUC - UFFRJ
	ARRUDA, R. de O.	2016	GA	UNESP
	BOSSLER, F.	2003	GA	UFRS
	CHIARADIA, N. S.	2002	GA	PPGEdu - UFRGS
	CHRISTOFARI, A. C.	2008	GA	UFRGS
	CORTELA, B. S. C.	2011	GA	UNESP
	CUSINATO, M. N. C.	2007	GA	UNESP
	PULICE, C. S.	2006	GA	PUC-SP
	ROCHA, C. das D. B. de	2013	GA	UERJ
	SILVA, J. B. M. N. da	2021	GA	UFJF
	VILARIM, E. C.	2019	GA	UFJF
Doutorado	FREIRE, M.	2011	GA	PUC-SP
Graduação/Pós-Graduação	ABREU, V. F. de	2017	GA	UFRJ
	ANDRADE, V. B. de	2017	GA	UFTM
	BUCHWITZ, T. M. de A.	2007	GA	UMESP
	LEITE, E. A.	2011	GA	PUC-SP
	OLIVEIRA, N. M. de	2005	GA	PUC-Goiás
	SOUZA, C. N. G. de	2005	GA	UFPA
Sem Acesso	POWACZUK, A. C. H.	2006	GA	UFSC
	ROSSIT, R. A. S.; STORANI, K.	2010	GA	-

Fonte: Elaborada pela própria autora (2024).

Na Figura1, abaixo, apresenta-se o fluxograma da seleção dos estudos descritos acima.

Figura 1: Fluxograma de seleção dos trabalhos.



Fonte: própria autora (2024).

DISCUSSÃO

Os estudos que apresentaram relação direta com interseção da temática proposta: classes de aceleração, Educação Física e planejamento participativo, foram n=3 trabalhos, sendo 2 dos mesmos autores. Temos um n=2 de estudos que apresentavam informações sobre

planejamento participativo e Educação Física, sem fazer menção às classes de aceleração. Houve ainda n=2 trabalhos que retrataram informações sobre as classes de aceleração com o planejamento participativo, porém sem especificar a relação com a Educação Física. Após a leitura completa do trabalho, ainda teve um n=2 de trabalhos que só identificavam o item classes de aceleração, sem mencionar de forma direta ou específica relação com a Educação Física ou o planejamento participativo.

Os estudos de Bastos (2013) e Placco *et al.* (1999) enfatizam a importância da gestão escolar participativa e do engajamento de todos os agentes educacionais na criação de um ambiente escolar estimulante e inclusivo, fundamental para o sucesso da aprendizagem de alunos em situação de distorção idade-ano escolar. Na sequência, temos as pesquisas de Vilarim (2019) e Pezzi e Marin (2016), que destacam a relevância da formação continuada de professores e da implementação de práticas pedagógicas inovadoras para atender às demandas educacionais dessas classes de aceleração, visando garantir o desenvolvimento integral dos estudantes. A convergência entre os estudos de Correia (1996) e Bossler (2003) vai de encontro à necessidade do planejamento participativo nas aulas de Educação Física, enfatizando a importância da participação dos alunos no processo educativo, a valorização do componente curricular e a adoção de uma abordagem diversificada e contextualizada. Por fim, os trabalhos de Baptista (2020) e Raimundo e Votre (2010) e Raimundo, Votre e Terra (2012) destacam a importância de uma abordagem participativa e contextualizada no planejamento das aulas de Educação Física, considerando as particularidades desses alunos, fomentando um ambiente de diálogo para uma aprendizagem significativa que atenda às necessidades dos educandos.

CONCLUSÃO

Com base nas análises realizadas e na revisão dos textos, é possível inferir que a investigação acerca das Classes de Aceleração abrange diversos estados e municípios do Brasil, revelando uma escassa produção acadêmica relacionada às aulas de Educação Física, especialmente quando se consideram abordagens metodológicas mais participativas e democráticas.

Os estudos convergem na valorização da gestão escolar participativa, na importância da formação continuada dos professores, na importância da participação ativa dos alunos no processo educativo, na implementação de práticas pedagógicas inovadoras como elementos fundamentais para fomentar um ambiente educacional estimulante, inclusivo e propício ao êxito acadêmico dos alunos em situação de distorção idade-ano escolar.

Ao enfatizarem a relevância do envolvimento de todos os agentes educacionais, a contextualização das práticas pedagógicas e a ênfase no diálogo para elaborar o planejamento das aulas, os estudos apontam para a necessidade premente de uma educação inclusiva, que atenda às demandas e interesses dos educandos, visando uma aprendizagem significativa e o pleno desenvolvimento dos alunos.

Essas conclusões evidenciam a importância do planejamento participativo como uma estratégia para fortalecer a qualidade do ensino de Educação Física e para promover a democratização do ambiente escolar, contribuindo assim para a construção de uma educação mais equitativa e eficaz.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, G. L. Planejamento participativo em turmas de aceleração ciclo do ensino fundamental. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, jul./dez. 2020, v. 5, n. 2, p. 139 - 153. Disponível em: <https://doi.org/10.33025/tefe.v5i2.3034>. Acesso em: 02 jan. 2021.
- BASTOS, S. R. T. **Do fracasso escolar à distorção idade-série**: caminhos percorridos pelas classes de aceleração do Projeto "Acelerar para Vencer". Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Dq. Caxias/RJ, 2013. Disponível em: https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/10142/1/Dissertacao_Sonia_Regina_Thiago_Basto_s.pdf. Acesso em: 09 mai. 2024.
- BOSSLE, F. **Planejamento de ensino dos professores de educação física do 2º e 3º ciclos da rede municipal de ensino de Porto Alegre**: um estudo do tipo etnográfico em quatro escolas desta rede de ensino. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 273 f. 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1714>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- BRASIL, **Ministério da Educação e Cultura**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/ceb#:~:text=%E2%80%9CA%20C%C3%A2mar%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica,recebidas%20ou%20veiculadas%20pela%20internet>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- CORREIA, W. R. Planejamento Participativo e o ensino de Educação Física no 2o. Grau. **Paulista Educação Física**, São Paulo, n. 2, p.43-48,1996. <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/50542>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- DANTAS, HLL *et al.* Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. **Recien**, São Paulo, 2021, v. 12, n. 37, p. 334-345. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/575>. Acesso em: 27 ago. 2024.

GALVÃO, M. C. B., RICARTE, I. L. M. Revisão Sistemática da Literatura: Conceituação, Produção e Publicação. **Logeion**, Rio de Janeiro, set.2019/fev. 2020, v. 6 n. 1, p.57-73.

FURTADO, R. S., BORGES, C. N. F. Educação Física Escolar, Legitimidade e Escolarização. **Humanidades e Inovação**, v.7, n.10, 2020. P. 24-38. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2356>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MIRANDA, J. V. N. **30 razões para valorizar a educação física escolar**. 1 Ed. São Gonçalo, RJ. Ed do Autor, 2024.

NEIRA, M G; NUNES, M L F. **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. FEUSP. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://gpef.fe.usp.br/2023/02/13/neira-m-g-nunes-m-l-f-orgs-epistemologia-e-didatica-do-curriculo-cultural-da-educacao-fisica-sao-paulo-feusp-2022/>. Acesso em: 05 abr. 2024.

NITERÓI. Fundação Municipal de Educação. **Portaria nº 489, de 31 de agosto de 2014**. Dispõe sobre as classes de aceleração da aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Educação de Niterói e dá outras providências. Diário Oficial do Município de Niterói, Niterói, 31 ago. 2014. Disponível em: <https://www.educacao.niteroi.rj.gov.br/mapa-escolar/unidades-municipais-de-ensino-fundamental/>. Acesso em: 03 mai. 2024.

PEZZIN, F. A. S., MARIN, A. H. “Seguindo em frente!”: O fracasso escolar e as classes de aceleração. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. v. 20, n. 2, p. 219-227, mai/ago, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202953>. Acesso em: 05 mai. 2024.

PLACCO, V. M. N. de S.; ANDRÉ, M. E. D. A. de; ALMEIDA, L. R. de. Estudo Avaliativo das Classes de Aceleração na rede estadual paulista. **Cadernos de Pesquisa**, nº 108, novembro/1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15741999000300003>. Acesso em: 05 mai. 2024.

RAIMUNDO, A. C.; VOTRE, S. J. Planejamento curricular da Educação Física escolar no projeto de aceleração da aprendizagem. **III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**. Niterói, RJ, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270412302_Esporte_Sociedade_Educacao_Megaeventos_Esportivos_e_Educacao_Fisica_Escolar. Acesso em: 06 abr. 2018.

RAIMUNDO, A. C.; VOTRE, S. J.; TERRA, D. V. Planejamento curricular da educação física no projeto de correção do fluxo escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 34, n. 4, p. 845-858, out./dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000400004>. Acesso em: 06 abr. 2018.

SILVA, P. A. da. **Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física Escolar**: significados existentes nesta proposta. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23635>. Acesso em: 27 abr. 2024.

VELLOSO, L. R. da S.;MALDONADO, D. T.; MIRANDA, M. L. de J.; FREIRE, E. dos S. Pesquisa participante na Educação Física Escolar: o estado da arte. **Movimento**, v. 28, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.120865>. Acesso em: 29 set. 2024.

VILARIM, E. C. **Aceleração do Ensino Fundamental**: Um Estudo de Caso do Projeto Salto em Rondônia. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/86>. Acesso em: 30 abr. 2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso. Porto Alegre, 2016.

4. ARTIGO DE RESULTADOS

O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CLASSES DE ACELERAÇÃO

THE USE OF ACTIVE METHODOLOGIES IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES FOR ACCELERATION CLASSES

Glória Lontra Baptista

Resumo

Este estudo investiga a utilização de metodologias ativas por professores de Educação Física que atuam em classes de aceleração da aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Niterói/RJ. Partindo do contexto histórico do fracasso escolar e da distorção idade-série no Brasil, a pesquisa analisa como tais abordagens pedagógicas podem responder aos desafios de inclusão, engajamento e efetividade da aprendizagem nesse público específico. Por meio de uma abordagem qualitativa, que integrou revisão de literatura, observação de aulas e entrevistas semiestruturadas com cinco professores, os dados foram submetidos à análise textual com o *software Iramutec* à luz da etnometodologia. Os resultados evidenciam que os professores demonstram sensibilidade ao reconfigurar o conteúdo formal, priorizando necessidades afetivas e estabelecendo diálogo com realidades marcadas por fatores como a violência. Eles identificam o potencial do uso das metodologias ativas para promover protagonismo dos estudantes, contudo, verifica-se uma lacuna entre a intenção de inovar e uma fundamentação teórica mais sólida sobre os princípios das metodologias ativas. Conclui-se que, embora as metodologias ativas se apresentem como uma resposta promissora para tornar as aulas de Educação Física mais democráticas e significativas nas classes de aceleração, sua implementação efetiva requer um investimento em formação continuada que supere o domínio meramente intuitivo, fornecendo aos professores suporte teórico-prático para uma aplicação mais consciente e transformadora de suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: metodologias inovadoras, educação, inclusão, etnometodologia, formação continuada.

Abstract

This study investigates the use of active methodologies by physical education teachers working in accelerated learning classes in the final years of elementary school in the municipal public school system of Niterói/RJ. Starting from the historical context of school failure and age-grade distortion in Brazil, the research analyzes how such pedagogical approaches can respond to the challenges of inclusion, engagement, and learning effectiveness in this specific population. Through a qualitative approach, which integrated literature review, classroom observation, and semi-structured interviews with five teachers, the data were subjected to textual analysis using the Iramutec software in light of ethnomethodology. The results show that the teachers demonstrate sensitivity in reconfiguring formal content, prioritizing affective needs and establishing dialogue with realities marked by factors such as

violence. They identify the potential of using active methodologies to promote student protagonism; however, a gap is observed between the intention to innovate and a more solid theoretical foundation on the principles of active methodologies. It is concluded that, although active methodologies present themselves as a promising answer to make physical education classes more democratic and meaningful in accelerated learning classes, their effective implementation requires an investment in continuing education that goes beyond merely intuitive mastery, providing teachers with theoretical and practical support for a more conscious and transformative application of their pedagogical practices.

Keywords: innovative methodologies, education, inclusion, ethnomethodology, continuing education.

INTRODUÇÃO

No estudo apresentado por Gadotti (2013) sobre qualidade da educação, o autor faz referência aos seus problemas desde Rui Barbosa até os dias atuais. De acordo com este relatório, o perfil da educação brasileira, em 1882, focava basicamente nos problemas de acesso à escolarização (Gadotti, 2013). Então, o seu principal problema naquela época era a falta de disponibilidade de acesso à escola para grande parte da população brasileira.

Para corrigir essa problemática, começaram a abrir escolas, estimulou-se o aumento do número de vagas nas escolas normais visando a formação de professoras, houve a criação da primeira universidade federal, além da criação de institutos de pesquisa educacional, como foi o caso do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), fundado em 1937, vinculado ao Ministério da Educação, com o intuito de produzir evidências e indicadores educacionais para auxiliar na formulação e acompanhamento de políticas educacionais no Brasil (Pinheiro *et al.*, 2020).

Após esse período de culpabilização dos problemas educacionais à questão estrutural de acesso e disponibilidade de vagas para a população, o fracasso escolar no Brasil, até a década de 1960, passou a ser atribuído à falta de maturidade ou aptidão educacional da criança, mas ainda com foco na expansão do acesso e erradicação do analfabetismo (Coimbra, 2008). Contudo, a partir das décadas seguintes, essa visão reducionista começou a ser questionada, passando a reconhecer a influência de fatores externos, como investimentos públicos insuficientes e questões políticas e econômicas (Coimbra, 2008; Gadotti 2013; Pinheiro *et al.*, 2020).

Atualmente, 97,9% das crianças e jovens entre 7 e 14 anos estão matriculados nas escolas em todo o Brasil (INEP, 2019), mas o direito à educação vai além da matrícula, sendo essencial garantir a permanência e a aprendizagem efetiva dos alunos, visto que a evasão nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio são altas e contribuem para o aumento da

defasagem idade-série na educação básica (FRM, 2021). Segundo dados do Censo Escolar produzido pelo Inep em 2017, mais de 7 milhões de crianças e adolescentes em idade escolar estavam em situação de distorção idade-série, ou seja, têm dois ou mais anos de atraso escolar para aquele ano de escolaridade matriculado.

Pinheiro e colaboradores (2020), utilizaram dados coletados do INEP em 2019 e apontaram que 55% dos alunos que concluíram o 3º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras têm conhecimento insuficiente em matemática e leitura. No mesmo estudo, utilizando análises do Censo Escolar de 2017, produzido e disponibilizado pelo INEP, eles destacam que os estudantes do sexo masculino apresentam maior prevalência de idade acima para a série esperada, especialmente a partir do 3º ano do Ensino Fundamental, com pico no 6º ano do Ensino Fundamental e na 1ª série do Ensino Médio. Esses dados estão associados ao fato de que, nessas séries, há alto índice de reprovação e abandono escolar.

Outro fator que complicou o panorama do fracasso escolar foi a pandemia de Covid-19, de 2020 até 2021. Um estudo divulgado em 2021 pela Fundação Roberto Marinho (FRM), com base em dados levantados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância ou “*United Nations Children's Fund*” (Unicef, 2021), indicou que crianças entre 6 e 10 anos foram as mais afetadas pela exclusão escolar no período da pandemia em todo o mundo, refletindo na continuação das dificuldades nos anos seguintes. O abandono do Ensino Médio, que vinha caindo desde 2010, cresceu de 2,6% em 2020 para 5,6% em 2021 (INEP, 2023).

Ainda não se sabe quanto tempo levará para recuperar os impactos causados pela Covid-19, porém os efeitos na escolaridade são evidentes. Ao longo desses últimos anos, várias medidas vêm sendo tomadas com o intuito de combater a evasão escolar e a reprovação. Em diversas redes de ensino, iniciativas como a criação de turmas especiais, utilização de aulas em laboratórios, desenvolvimento de projetos e o incentivo ao uso de metodologias participativas de ensino se consolidaram (Pinheiro *et al.*, 2020).

A análise das políticas educacionais voltadas para a aceleração da aprendizagem e para o combate à reprovação e à interrupção escolar revela a complexidade dos desafios enfrentados pela escola na inclusão e permanência dos alunos com atraso no sistema educacional. Esses desafios incluem a necessidade de se estimular o interesse na continuação dos estudos, criar mecanismos para manutenção deste aluno dentro do ambiente escolar e romper com práticas pedagógicas excludentes que perpetuam a desigualdade e contribuem para a evasão escolar (Coimbra, 2008).

Nesse sentido, as metodologias ativas emergem como uma resposta inovadora, propondo a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem e a construção

colaborativa do conhecimento, o que pode ser especialmente relevante na Educação Física escolar (Libânio, 2013). Ao promover a autonomia, o protagonismo e a interação social, as metodologias ativas oferecem um caminho para superar as limitações dos modelos convencionais e contribuir para uma educação mais inclusiva, dinâmica e efetiva no contexto das aulas de Educação Física (Quixabeira *et al.*, 2021).

O uso destas metodologias ativas, por valorizarem a diversidade e respeitar o ritmo individual de cada estudante, permite um protagonismo nas aulas de Educação Física por alunos que normalmente apresentam dificuldades ou sofrem exclusão, como é o caso de alunos com deficiência ou baixo desempenho atlético (Miranda, 2025). Essas abordagens incentivam a criação de estratégias pessoais de superação e estimulam a interação colaborativa, reforçando a inclusão, a autoestima e o engajamento dos alunos (Gandin, 2001; Miranda, 2025). Desse modo, tais metodologias não só facilitam a inclusão, como também fomentam uma cultura de respeito à diversidade no ambiente escolar (Gandin, 2001).

Ao expor esse contexto o presente trabalho se propõe identificar quais propostas metodológicas de trabalho os professores de Educação Física da rede pública de Niterói, cidade da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, usam com suas turmas de aceleração da aprendizagem dos anos finais do Ensino Fundamental.

MÉTODOS

Para desenvolver esta análise, foi realizada, em um primeiro momento, uma revisão integrativa da literatura, reunindo trabalhos que discutissem a questão das metodologias ativas de ensino relacionadas com a Educação Física escolar e as classes de aceleração dos estudos. Após esse primeiro momento, buscou-se observar aulas e realizar entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física da rede pública municipal de ensino de Niterói que trabalham com este segmento (Processo aprovado pelo CEP nº7806.866, 2025). Desta observação, produziu-se um diário de campo (Apêndice E), que, adicionado às informações coletadas com as entrevistas e as conclusões retiradas da revisão de literatura, passaria por uma triangulação de dados utilizando três tipos diferentes de fontes, visando aumentar a confiabilidade e a fidedignidade dos dados apresentados (Yin, 2016; Taquete; Borges, 2020). Essa abordagem qualitativa integra dados de diversas fontes, certifica a metodologia e amplia a compreensão do fenômeno estudado enriquecendo as conclusões (Gomes *et al.*, 2005; Yin, 2016).

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas após observação das aulas durante um período de quatro (4) a seis (6) aulas, gerando um total de quase um bimestre. Após esse

período de observação, as entrevistas foram gravadas em ambiente reservado, possibilitando maior conforto ao entrevistado, e depois detalhadas através de dois programas para melhor análise e para que não se perdesse nenhum dado. As gravações foram feitas através do aplicativo *Otter.AI* e transcritas utilizando um outro aplicativo, o *Clipto*. Em seguida, o *software* utilizado para a análise textual das transcrições literais das entrevistas foi o *IRAMUTEQ*® (Interface de R Pourles Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires).

A escolha do uso do *software* *IRAMUTEQ* foi mais adequado para esta pesquisa porque ele permitiu uma análise textual multidimensional e hierárquica das entrevistas, gerando visualizações que identificam co-ocorrências e estrutura temática do corpus com alto aproveitamento. Diferentemente de outros programas semelhantes, o *IRAMUTEQ* é gratuito, otimizado para o português e oferece recursos específicos para segmentar e classificar textos qualitativos, o que foi essencial para desvelar, à luz da etnometodologia, os padrões de fala e os etnométodos mobilizados pelos professores.

Os elementos quantitativos apresentados pelo *software* foram analisados à luz da etnometodologia, método válido para análises de entrevistas semiestruturadas, pois permite ao pesquisador focar não apenas no que é dito, mas também em como os entrevistados constroem seus significados, utilizam metáforas, narrativas e conhecimentos compartilhados para representar suas experiências e percepções (Silva; Devide, 2009; Silva; Votre, 2012). Ao analisar as expressões indiciais e o contexto em que são produzidas, a etnometodologia possibilita mapear as representações e desvelar os padrões subjacentes que guiam os comportamentos e as interações sociais (Silva; Votre, 2012).

Foram entrevistados cinco (5) professores que atuam nas classes de aceleração dos anos finais do Ensino Fundamental. Todos os participantes têm mais de um ano de experiência com turmas de aceleração e mais de um ano de trabalho nas respectivas escolas. O perfil do grupo é formado por três homens e duas mulheres, todos concursados em regime estatutário há mais de três anos na rede municipal de Niterói. Todos têm mais de 30 anos e possuem pelo menos uma especialização. Para a transcrição das entrevistas, foi organizado um corpo de texto, retirando os dados pessoais dos professores entrevistados, substituindo seus nomes por uma referência de “Professor 1” até “Professor 5”, independentemente do gênero do entrevistado, e de acordo com a ordem em que as entrevistas foram realizadas.

O roteiro das perguntas foi organizado de modo a entender como estes professores pensam o planejamento para este público, o que entendem por planejamento participativo e metodologias ativas, e como definem o que é importante para aulas de Educação Física

escolar com turmas de aceleração. A escolha por uma entrevista semiestruturada ocorreu pela vantagem de poder termos uma flexibilidade na condução das entrevistas, que apesar de seguirem um roteiro base, favoreceu o surgimento de debates espontâneos, conforme a atuação de cada educador, o que enriqueceu a investigação com perspectivas não antecipadas.

A análise das cinco entrevistas realizada pelo *software IRAMUTEQ*® identificou 11.449 ocorrências que são o total de palavras, repetidas ou não, que aparecem nas entrevistas. O programa classificou 339 segmentos de textos e 1790 formas, que são o total de palavras diferentes, e 908 hapax, que seriam as palavras que aparecem uma única vez (Camargo; Justo, 2021).

O critério adotado para a escolha das palavras que seriam utilizadas para análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) foi o de significado ou sentido das palavras, ou seja, se tinham uma relação direta com a discussão que o trabalho propõe. Totalizando um número de 65 palavras selecionadas de um total de 339, registrou um aproveitamento de 76,11%, o que é considerado um bom aproveitamento de retenção das análises de CHD, tendo como mínima o percentual de 75% (Camargo; Justo, 2021). Abaixo segue imagem gerada pela análise CHD do software.

Figura 2: Análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) elaborada pelo *software IRAMUTEQ*®

```

+-+--+--+--+--+
|i|R|a|M|u|T|e|Q| - Thu Jan 15 16:17:19 2026
+-+--+--+--+--+
Número de textos: 5
Número de ST: 339
Número de formas: 1790
Número de ocorrências: 11499
Número de lemas: 1233
Número de formas ativas: 1076
Número de formas suplementares: 149
Número de formas ativas com a frequência >= 3: 362
Média das formas por segmento: 33.920354
Número de classes: 5
258 Segmentos classificados em 339 (76.11%)
#####
tempo: 0h 0m 17s

```

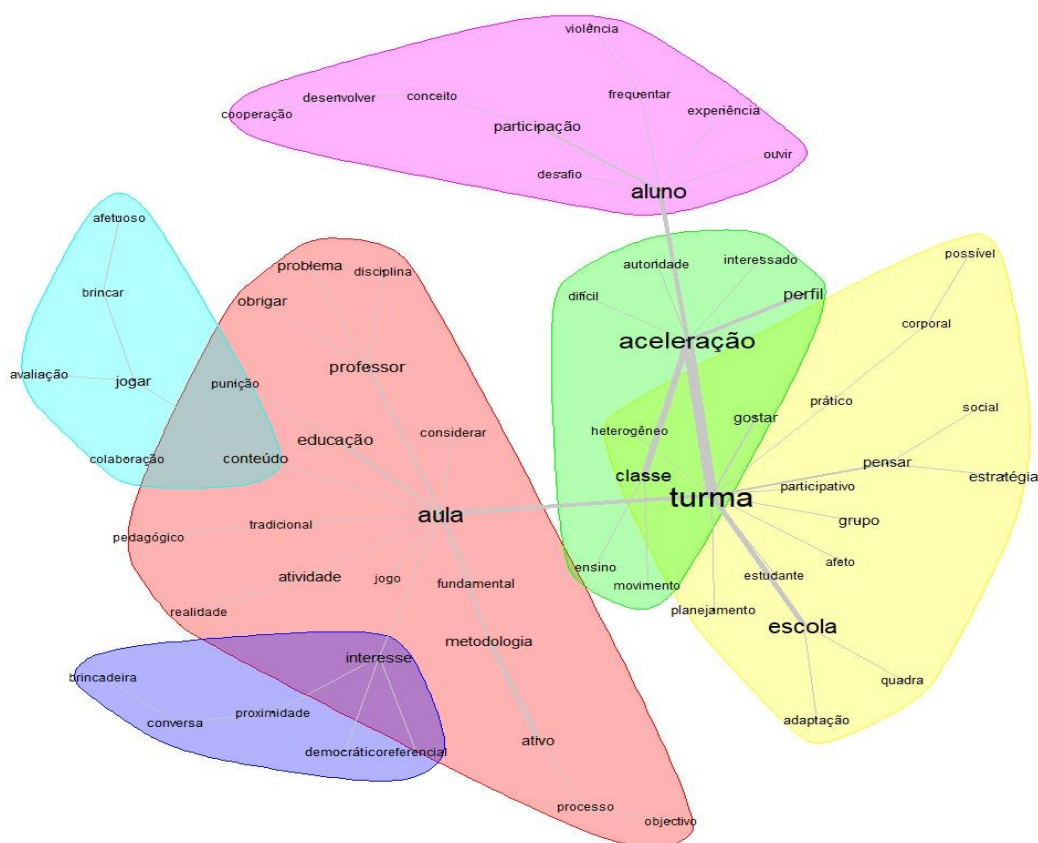
Fonte: Imagem elaborada pelo software (2026).

Para a análise textual, realizou-se uma seleção hierárquica das categorias gramaticais com base em sua carga semântica. Palavras consideradas portadoras de sentido central, como verbos, advérbios, adjetivos e substantivos primários, foram classificadas como formas ativas de importância primária. Em um nível secundário de importância, as categorias como

advérbios suplementares, nomes adicionais, verbos adicionais e adjetivos secundários. Por fim, conectivos como artigos, preposições, onomatopeias e conjunções foram excluídos da análise, por se repetirem com alta frequência sem contribuir significativamente para a construção do sentido investigado.

Após a seleção destas palavras, foi realizada uma análise de similitude, que permite identificar as co-ocorrências entre as palavras e indica a conexidade entre elas, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual (Camargo; Justos, 2021). Ou seja, a análise de similitude mapeia como as palavras se associam em um texto, revelando a rede de conceitos centrais e suas interligações, o que permite visualizar a estrutura temática subjacente ao conteúdo analisado. Essa análise apresenta as palavras que mais apareceram nas entrevistas em destaque, categorizando por cor os grupos de palavras que possuem maior ligação (Camargo; Justos, 2021). Quanto mais forte o traço que liga as palavras, maior a ligação entre elas. Abaixo segue figura ilustrando este Grafo de Similitude:

Figura 3: Grafo de Similitude produzido pelo *software IRAMUTEQ®* (2026) com as palavras selecionadas e categorizadas.



Fonte: Imagem produzido pelo *software IRAMUTEQ*® (2026).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A principal categoria destacada em amarelo apresenta como palavra-chave das discussões, ou seja, a palavra mais citada entre os entrevistados e que apresentou maior relação com as outras palavras, com 130 citações: “turma”. As palavras que compõem esta categoria: grupo, heterogêneo, gostar, participativo, afeto, planejamento, estudante, pensar, estratégia, social, escola, adaptação, quadra, prático, corporal e possível. Podemos chamá-la de “Perspectivas para o ano escolar”, pois apresentam como integrantes as palavras que compõem os elementos que são as expectativas dos alunos, dos professores, aspectos gerais afetivos e conceituais sobre a aula e seu desenvolvimento durante o ano.

Como apresentado pelo Professor 1 neste trecho:

[...] eu parto do plano de curso e daí eu posso corrigir ou não a rota desse plano de curso. Neste caso, não é muito diferente das classes regulares, o que muda é a forma como eu vou fazer o ajuste e qual a intensidade vou dar a esses ajustes para essas turmas.

O professor 2 sinaliza: *[...] são turmas que têm uma demanda muito maior. Os alunos exigem um pouco mais de envolvimento da gente, precisa sim ter o professor de referência próximo, junto deles, buscando direcionando, né?*

Analisando as falas acima dos dois professores, e a análise das palavras, efetuada pelo *software*, podemos citar uma observação feita pelo estudo de Nunes e colaboradores (2017), em cujo texto os autores enfatizam a crescente relevância das metodologias abertas de ensino na Educação Física como uma forma de centralizar o aluno nos processos de ensino e aprendizagem. Ao invés de um planejamento meramente burocrático ou instrumental, a inclusão das experiências e ideias dos alunos visa tornar o processo educativo mais crítico e conectado à realidade escolar (Nunes *et al.*, 2017).

A metodologia “Sala de Aula Invertida” (*Flipped Classroom*) se apresenta como uma estratégia pedagógica altamente adequada para atender às demandas destacadas na análise, pois permite um planejamento flexível e centrado no aluno, alinhando-se tanto às expectativas afetivas e conceituais dos estudantes quanto à necessidade de ajustes intensivos e de maior envolvimento docente, como relatado pelos professores (Pereira *et al.*, 2023). Ao transferir para fora do horário escolar a exposição inicial aos conteúdos, essa abordagem libera o tempo em turma para atividades práticas, discussões e intervenções personalizadas, valorizando assim a participação ativa dos alunos (Pereira *et al.*, 2023).

Na categoria sinalizada em verde, temos como palavra principal: “aceleração”. É uma classificação que juntou elementos que os professores sinalizaram como comuns do perfil das

classes de aceleração, as outras palavras que compõem esta categoria: perfil, difícil, interessado e autoridade. Pode-se nomear este grupo de “Elementos comuns das classes de aceleração”. Para entender melhor esta categoria, trago a fala do Professor 3: “[...] *é incrível também como a gente vê que essa galerinha da turma de aceleração tem muita dificuldade também com a coisa da autoridade [...]*”. Ou na fala do Professor 5: “[...] *todo ano eu trabalho com duas classes de aceleração, então eu já tenho mais ou menos um traquejo... O perfil deles a cada ano é mais ou menos a mesma coisa [...]*”.

Partindo das falas dos professores que identificam um perfil comum nas turmas de aceleração, marcado pela difícil relação com a autoridade, trago a análise exposta no livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (2023). Podemos afirmar que a verdadeira autoridade pedagógica não se impõe pela hierarquia, mas se constrói no diálogo e no respeito à autonomia dos educandos. Por muitas vezes, o aluno que é considerado “difícil” pode ser aquele que resiste a uma lógica opressora e bancária de ensino. Portanto, reconhecer seu saber e criar condições para que ele se torne sujeito de sua aprendizagem não é apenas uma estratégia metodológica, mas um imperativo ético (Freire, 2023). Dessa forma, ao substituir a aula expositiva por projetos, escolhas e corresponsabilidade, essas metodologias convertem a resistência em autonomia, fazendo da sala de aula um espaço de autoria (Freire, 2023).

A metodologia ativa chamada de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPJ) (*Project-Based Learning* - PBL), apresenta-se como uma estratégia pedagógica especialmente potente nestas turmas. Tal abordagem aparece como sugestão inclusive em guias e portarias que normatizam as classes de aceleração. Como é o caso da Portaria da Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME) 489/ 2015, que dispõe sobre as classes de aceleração da aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental nas unidades escolares da rede municipal de educação de Niterói. Em seu Artigo 4, que discorre sobre a atuação dos professores junto a essas turmas, no inciso II, letra b, há uma orientação para que o trabalho com essas turmas seja desenvolvido através de projetos (Niterói, 2014, p. 3).

Ao engajar os estudantes na definição de projetos, no planejamento, nas investigações e na execução de um produto final significativo, o professor deixa de ser o detentor exclusivo do saber para tornar-se um facilitador (Oliveira *et al.*, 2020). Esse processo converte a resistência e o desinteresse nas aulas em energia criativa e autonomia, permitindo que o educando se torne sujeito de sua aprendizagem (Oliveira *et al.*, 2020).

Na categoria rosa, as palavras que a compõem são: frequentar, violência, desafio, experiência, ouvir e participação, conceito, desenvolver e cooperação. A palavra que centraliza as ligações é a palavra “aluno”, e será denominada de “Participação Ativa e

Experiência Coletiva no Ambiente Escolar”. Podemos perceber que as palavras que envolvem esta categoria são ligadas às dimensões de promover estratégias que desenvolvam o interesse dos alunos em um processo que é construído na prática. O Professor 4 apresenta a seguinte fala: “[...] eu tenho que fazer uma adaptação de postura para ficar mais próximo dos alunos dessas classes [...]”, ou como apresentado pelo Professor 3: “[...] eu acho que tem que ser uma aula mais democrática do que a normal para esses alunos [...]”.

A estratégia pedagógica da Aprendizagem Baseada em Equipes (ABE) (*Team Based Learning* - TBL), concretiza a adaptação para uma prática docente mais democrática e centrada no aluno, na qual o professor atua como facilitador de um processo vivencial e cooperativo (Krug *et al.*, 2016). Ao fundamentar-se na colaboração estruturada, na responsabilidade compartilhada e na construção coletiva do conhecimento, essa abordagem não apenas posiciona o estudante como autor de sua aprendizagem, mas também estimula a prática do trabalho em equipe e da cooperação como alicerces para a formação de cidadãos proativos e engajados (Krug *et al.*, 2016). Dessa forma, ao promover valores como solidariedade, respeito mútuo e a resolução colaborativa de problemas, nas aulas de Educação Física, fomenta uma convivência democrática que transcende a aquisição de conteúdos, enfatizando o “jogar com o outro” como princípio educativo (Costa *et al.*, 2011).

Na categoria vermelha, temos como palavra central “aula”. Podemos chamá-la “Planejamento pedagógico”. Esta categoria expõe a tensão central no planejamento do professor. De um lado, termos palavras que aparecem compondo esta categoria como: considerar, atividade, realidade, metodologia e ativa, que revelam a intenção dialógica de adaptar a aula aos interesses dos alunos, conforme exemplificado pelo Professor 3:

“[...] a gente conversa no início do ano para tentar ter essa proximidade com os alunos e vai vendo os interesses deles. A gente com experiência vai sentindo o aluno puxar o assunto, fazer uma pergunta sobre algum esporte, e você já: ‘opa posso trazer isso para a aula’. Ou acontece alguma coisa também e você comenta na aula e eles se interessam [...]”.

De outro, palavras como: educação, punição, disciplina e obrigar representam a lógica tradicional de controle e imposição, evidente na fala do Professor 5:

“[...] e a punição básica que eu utilizo com eles é não dar aula prática de educação física, para vocês hoje vai ser teórica porque a gente teve esse problema, ‘ah professor, mas foram só dois’. Mas vocês fazem parte de uma turma [...]”.

Temos aqui que planejar é uma negociação constante entre escutar o aluno e manter a ordem e o cronograma dos conteúdos, um equilíbrio prático entre dois polos que definem o cotidiano pedagógico.

O texto de Berbel (1998) contribui para a discussão desta categoria ao defender a Metodologia da Problematização na Educação Física. Nesta metodologia ativa, os problemas são extraídos pelos alunos a partir da observação da realidade social, privilegiando a construção coletiva do conhecimento, ou seja, conforme as situações aparecem se tornam objeto de discussão e análise do grupo (Berbel, 1998). Com a valorização dos saberes dos alunos e o diálogo, promove-se uma conscientização crítica sobre os determinantes sociais e ideológicos das práticas corporais (Freire, 2013). Ao invés de controle e punição, a problematização capacita os alunos a compreenderem e transformarem sua realidade, tornando-os sujeitos ativos no processo educativo (Freire, 2013).

Na outra categoria, sinalizada em azul-claro, intitulada “Conteúdo em reconfiguração: entre a forma prescrita e a necessidade afetiva”, a palavra “conteúdo” centraliza as ligações entre as demais palavras que se relacionam: colaboração, jogar, avaliação, brincar e afetivo. Apresenta a ideia de como os professores aplicam as estratégias de aula e pensam os referenciais ou conteúdos obrigatórios para serem trabalhados. O trecho e as palavras da categoria revelam uma tensão essencial na seleção de conteúdo para as turmas de aceleração. De um lado, os professores reconhecem a importância e a obrigatoriedade de um conteúdo pedagógico tradicional, respaldado no referencial curricular, e buscam estratégias para cumpri-lo, como citado pelo Professor 1: “[...] no terceiro ciclo eu procuro usar a referência do sétimo, e no quarto do nono ano, aí dali eu posso mesclar ou não com conteúdo dos oitavos e do sexto [...]”.

Por outro lado, a percepção aguda de que situações externas, como a violência, impactam profundamente a aprendizagem leva à crítica desse mesmo modelo. É nesse conflito que as palavras desta categoria ganham sentido, pois elas representam a busca por uma reconfiguração afetiva e relacional do conteúdo. Ou seja, a aplicação do conteúdo deixa de ser apenas transmissão para se tornar uma mediação que envolva afeto, onde a aprendizagem se apoia no vínculo. O Professor 4 apresenta uma fala sobre esse posicionamento:

“[...] todas essas questões de violência você costuma vê-las muito mais exacerbadas dentro da aceleração. Você consegue ver o quanto que situações externas conseguem afetar as condições de ensino e aprendizagem e aí às vezes você fica ali batendo na tecla para um ensino pedagógico, ou um conteúdo pedagógico tradicional, clássico, e às vezes é a última coisa que aquele garoto ou aquela menina, está precisando naquele momento [...]”.

Na discussão apresentada por Gonçalves e Silva (2023), destaca-se a prática pedagógica de professores que reconfiguram o “conteúdo” tradicional da Educação Física

para atender às “necessidades afetivas” e às realidades complexas dos alunos, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Essa abordagem dialoga diretamente com os conceitos de “TRANSidentidade” e currículo cultural, que buscam desestabilizar categorias identitárias fixas e hegemônicas, promovendo um “currículo vivo, aberto a um diálogo ainda mais radical com as diferenças (Gonçalves; Silva, 2023, p. 11)”. A crítica dos professores ao ensino “clássico” que desconsidera situações externas de violência ressoa com a problematização do texto sobre o privilégio de práticas corporais tradicionais em detrimento de outras, e a importância de valorizar as diferenças que existem dentro das diferenças (Gonçalves; Silva, 2023). Assim, enfatizam a necessidade de uma prática pedagógica reflexiva e em constante movimento, tornando a Educação Física mais democrática e sensível às múltiplas identidades dos estudantes.

A ideia supracitada alinha-se diretamente com a proposta da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPJ), uma metodologia ativa inovadora. A ABPJ, ao empregar projetos autênticos e baseados em problemas motivadores, permite que o “conteúdo” tradicional seja flexibilizado e adaptado às “necessidades afetivas” e às “situações externas”, como a violência, que impactam a aprendizagem, superando a rigidez do “conteúdo pedagógico tradicional” (Oliveira *et al.*, 2020). Essa abordagem do conteúdo promove um currículo aberto ao diálogo com as diferenças, transformando o professor em um mediador que constrói vínculos e engajamento afetivo, tornando a prática educativa mais democrática, reflexiva e sensível às múltiplas identidades dos estudantes (Duarte; Neira, 2020).

Na categoria roxo, as palavras que compõem esta categoria são: interesse, democrático, referencial, proximidade, conversa e brincadeira; com destaque para “interesse”, que centraliza as ligações entre as demais palavras. O título norteador desta categoria, “Interesse democrático como eixo pedagógico”, reflete o núcleo da prática docente na qual o professor atua como mediador entre currículo formal, referencial curricular e os interesses dos alunos, utilizando a proximidade, a conversa e a brincadeira como ferramentas para construir um interesse coletivo e democrático. Ele sintetiza a ideia de que o ensino não segue apenas um plano rígido, mas se molda no diálogo e no vínculo, tornando o aprendizado significativo e acessível.

O Professor 1 destaca em sua fala esse movimento de busca por um equilíbrio:

“[...] eu parto de um ponto de princípio daquilo que eu tenho como objetivo inicial como em qualquer outra turma. Eu tenho que rever isso ao longo do ano, a partir, claro, dos interesses deles. Eu tento também mediar esses interesses. Eu acho que é uma função do professor por que interesse por interesse, como por exemplo, imediatos, que pode ser rolar a bola e eu não acho isso interessante para aquilo que eu tenho como principal objetivo meu

de estar aqui, que é diversificar as práticas corporais [para] que eles possam experimentar e ter um acesso mais amplo ao conhecimento corporal [...]”.

Verificamos esse interesse também na fala transcrita a seguir: “[...] acho que não tem uma fórmula não. Acho que é isso, é coisa democrática, a gente propor atividades que estejam de acordo com o interesse deles também. Não adianta você ficar batendo de frente [...]” (Professor 3, 2025).

A metodologia da Rotação por Estações apresenta-se como uma ferramenta prática e flexível para a mediação pedagógica, organizando a aprendizagem em núcleos de atividades onde os alunos atuam de forma individual ou colaborativa (Silva; Felício, 2020). Essa abordagem, ao promover posturas mais democráticas por parte dos professores, contribui para a formação social, a melhora do rendimento escolar e a redução da agressividade, refletindo uma pedagogia significativa e acessível que atende às necessidades e potencialidades dos estudantes (Silva; Silva, 2014).

Analisando alguns autores que discutem o conceito do que são metodologias ativas, podemos destacar Gandin (2001), que propõe o envolvimento de toda comunidade escolar nos processos de ensino e aprendizagem através de um planejamento participativo. Adicionando os pensamentos de Libânio (2013), que sugere que esse conjunto de estratégias didático-metodológicas são uma alternativa inovadora que se propõe a romper com o modelo tradicional de ensino nas aulas. Corroborando este conceito, Silva (2020) define que as metodologias ativas são abordagens pedagógicas que envolvem ativamente o alunado no processo de elaboração, implementação e avaliação do planejamento educacional.

No contexto das aulas de Educação Física, as metodologias ativas aparecem desde Hildebrandt e Laging (1986) como uma alternativa valiosa, pois se fundamentam em estratégias de ensino crítico-reflexivas que promovem a leitura e a intervenção, favorecendo a interação e a construção coletiva do conhecimento. Ao utilizarem experiências reais ou simuladas, essas metodologias capacitam os estudantes a solucionar desafios advindos da sua própria realidade e convívio social, estimulando a sua criatividade e a liberdade de pensamento e de ação (Duarte; Neira, 2020). A relação engajada entre os alunos e o professor de Educação Física, mediada por essas práticas, não apenas desenvolve o protagonismo e a autonomia, mas também aprimora o pensamento crítico e estimula atitudes que busquem a resolução de problemas, preparando os estudantes para se adaptar e atuar nas suas atividades cotidianas (Quixabeira *et al.*, 2021; Santos, 2023).

Tomando como base a discussão apresentada acima e os dados obtidos pela análise do

software, apresentaremos agora uma interpretação das respostas à luz da etnometodologia, que busca, por meio das expressões indiciais e do contexto em que são produzidas, mapear representações e desvelar os padrões subjacentes que orientam comportamentos e interações sociais (Silva; Devide, 2009).

ANÁLISE ETNOMETODOLÓGICA DAS ENTREVISTAS COM PROFESSORES

A etnometodologia, como perspectiva teórico metodológica, não se interessa apenas pelo conteúdo explícito das falas, mas pelo como os atores sociais constroem, em interação, os sentidos de suas práticas cotidianas (Silva; Votre, 2012). Ela parte do princípio de que a realidade social é uma produção contínua, ou seja, a realidade social é algo que está sendo continuamente produzido, realizado e sustentado pelos próprios participantes, por meio de suas ações e interpretações cotidianas, sendo produzida e reproduzida por meio dos métodos práticos que os membros de um grupo utilizam para dar inteligibilidade e ordem ao seu mundo (Garfinkel, 2018).

Nesta parte, utilizamos essa lente analítica para examinar as entrevistas com os cinco professores de Educação Física que atuam em classes de aceleração. O foco recai sobre os etnométodos, que são os procedimentos de senso comum, as explicações nativas e as formas de raciocínio prático, que os docentes mobilizam para descrever, justificar e orientar sua ação pedagógica junto a esse público específico. Buscamos, assim, desvelar as lógicas subjacentes às suas práticas, compreendendo como eles constroem a noção de “aula”, “planejamento”, “conteúdo” e “metodologia ativa” no contexto das turmas de aceleração.

ANÁLISE DOS ETNOMÉTODOS NAS FALAS DOS PROFESSORES

A análise das transcrições revelou um conjunto recorrente de etnométodos utilizados pelos professores para gerir o cotidiano pedagógico, negociar significados e sustentar a ordem da aula (Silva; Devide, 2012). Um etnométodo é um procedimento prático, muitas vezes implícito ou intuitivo, que as pessoas utilizam no seu dia a dia para compreender, organizar e dar sentido às interações sociais (Garfinkel, 2018). Esse conceito se afasta das regras formais ou teóricas para focar no “como” os atores sociais, no contexto de suas ações cotidianas, constroem ativamente a realidade social. Na pesquisa educacional, por exemplo, os professores mobilizam etnométodos como a “reconfiguração afetiva do conteúdo” ou a “negociação como controle” para gerir a sala de aula, adaptar o currículo e estabelecer vínculos com os alunos, revelando saberes práticos e raciocínios de senso comum que orientam sua ação pedagógica de maneira situada e funcional. Esses métodos práticos emergem como respostas aos desafios concretos impostos pelo perfil das turmas de

aceleração, marcadas pela heterogeneidade, pela difícil relação com a autoridade formal e pelo impacto de contextos externos, como a violência.

1. O Etnométrodo da “Reconfiguração Afetiva do Conteúdo”

Um dos métodos mais evidentes é a reconfiguração prática e afetiva do conteúdo formal. Os professores demonstram uma aguda percepção de que a simples transmissão do currículo prescrito é insuficiente e, muitas vezes, inadequada. Eles operam um ajuste contínuo, uma “correção de rota” (Professor 1), que não é vista como um desvio, mas como uma competência necessária. A fala do Professor 4 é emblemática: “[...] às vezes você fica ali batendo na tecla para um ensino pedagógico, ou um conteúdo pedagógico tradicional, clássico, e às vezes é a última coisa que aquele garoto ou aquela menina, está precisando naquele momento [...]”.

Aqui, o professor constrói uma oposição de sentido entre “conteúdo pedagógico tradicional” e “o que o aluno precisa no momento”. Esse raciocínio prático justifica a suspensão temporária do plano teórico em favor de uma intervenção que priorize a dimensão afetiva e relacional. O conteúdo é tratado não como um fim em si mesmo, mas como um mediador flexível para estabelecer vínculo e lidar com realidades urgentes, como a violência. O etnométodo consiste em ler os sinais do contexto, ou seja, como a turma se apresenta, por exemplo: a apatia, a agitação ou um comentário, e traduzi-los em uma decisão prática: “rolar a bola”, abrir espaço para o diálogo ou flexibilizar a atividade.

2. O Etnométrodo da “Negociação como Controle”

Outro método central é a gestão da ordem através da negociação e da cooperação tácita, em contraste com modelos autoritários puros. Os professores reconhecem a resistência à “coisa da autoridade” (Professor 3) e desenvolvem estratégias para construir uma autoridade legítima, baseada no diálogo e no acordo. O Professor 5 explicita esse método:

[...] É essa cooperação, que eu já deixo bem claro com eles. Vocês me ajudam, eu ajudo vocês... Dois tempos. O primeiro tempo... eu direciono para o conteúdo que eu estou dando... O segundo tempo, eu dou uma abertura maior para eles jogarem [...].

Nessa fala, a “cooperação” é um acordo performativo. Ela não é apenas discutida, é *posta em cena* como uma regra do jogo que estrutura o tempo da aula. A autoridade do professor se exerce na definição dos termos da troca (“eu direciono”, “eu dou uma abertura”), mas sua eficácia depende da aceitação dos alunos. A “punição” mencionada pelo mesmo professor (aula teórica em vez de prática) só faz sentido dentro deste acordo partilhado, no

qual a aula prática é entendida como um bem desejável. A ordem, portanto, é mantida não por obediência cega, mas pela gestão de expectativas e pela oferta de contrapartidas.

3. O Etnométrodo da “Escuta Sensível e Mediação de Interesses”

Os professores constroem seu papel como mediadores entre o currículo formal e os interesses dos alunos. No entanto, a análise etnometodológica mostra que “ouvir o aluno” não é um ato passivo, mas um método ativo de governança pedagógica. O Professor 1 explicita a tensão inerente a este método: “[...] *eu tento também mediar esses interesses. Porque interesse por interesse, como por exemplo, imediatos, que pode ser rolar a bola e eu não acho isso interessante para aquilo que eu tenho como principal objetivo [...]*”.

Aqui, a “escuta” é seguida por um trabalho de triagem e enquadramento. O professor distingue entre “interesses imediatos” (rolar a bola) e o “objetivo principal” (diversificar as práticas corporais). Sua competência prática reside em captar os anseios dos alunos (“o aluno puxar o assunto”, Professor 3) e contextualizá-los dentro de uma estrutura pedagógica intencional. O diálogo inicial do ano, mencionado por vários professores, é um ritual etnometodológico crucial: é o momento em que se sondam os interesses, mas também se começam a moldar as expectativas e a negociar os limites do que será a “aula democrática”.

4. A Construção Prática do Conceito de “Metodologia Ativa”.

As respostas à pergunta direta sobre o entendimento de “metodologias ativas” são um rico material para análise etnometodológica, pois revelam como os professores constroem localmente este conceito, ancorando-o em seu repertório experiencial.

O Professor 1 (2025) apresenta uma definição genérica com um grau de hesitação, o que indica um conhecimento mais difuso, não completamente apropriado como ferramenta discursiva especializada:

“[...] eu já li alguma coisa, mas vou tentar com o pouco que eu li. Tem a ver com esse processo de colocar os estudantes como sujeitos ativos na hora de se pensar as aulas, e de se planejar, levando em consideração os seus interesses. Não sei se é exatamente isso [...]”.

Já o Professor 2 (2025), concretiza este conceito associado ao uso de ferramentas tecnológicas e digitais: “[...] *eu entendo como outras estratégias, um vídeo, trazer os alunos para dentro, para participarem, para planejarem junto comigo [...]*”. A inovação pedagógica é equiparada ao uso de tecnologia e à participação no planejamento, mostrando uma interpretação baseada em ações visíveis.

No caso do Professor 3 (2025), revela o etnométodo da intuição nomeada, conforme

exposto no trecho abaixo: “[...] é lógico que a gente tem um pouco disso no mestrado, na teoria, mas tem coisa que a gente já faz intuitivamente. Sem saber o nome, a nomenclatura do tipo de intervenção[...]”. Com base nessa fala, observa-se que a formação acadêmica (mestrado) atua menos como guia prévio e mais como repertório classificatório, dando nome a práticas já intuitivas – um etnométodo que ele denomina “intuição nomeada”. Paralelamente, essa experiência teórica é percebida como parte importante da formação continuada, na medida em que expande suas ferramentas pedagógicas, ainda que sua aplicação direta na prática escolar cotidiana permaneça limitada.

O Professor 4 (2025) oferece a definição mais vivência corporal e centrada no vínculo. Para ele, metodologia ativa é a gestão sensível do tempo e da energia da aula:

“[...] Metodologias ativas, eu acho que seria o que eu uso de verdade... E aí eu ouço muita coisa que eles fazem, muita coisa legal, muita coisa gostosa, muita atividade que requer que os alunos fiquem 15 minutos sentados na mesma posição, muita atividade que requer que os alunos tragam um certo conteúdo dentro deles para poder jogar ali, e a gente tem ali a nossa realidade. Quando você vai falar da nossa realidade, poxa, eu rolo a bola durante 20 minutos da minha aula... Não adianta eu chegar pra essa galera e falar assim: olha só, a gente vai jogar rugby hoje... Nossos 45 minutos a uma hora, vai ser só rugby. Que eu gosto, que eu estudei na faculdade, que eu tenho a bola em casa. Um dia eu vou conseguir passar esses meus 15, 20 minutos ali, mas eu preciso também dar essa entrega. Eu preciso ter essa troca ali com eles. E, pra mim, nessa situação, uma metodologia ativa de trabalho é dar esse tempo pra que eles possam suar, exercitar, cansar, e depois eu ter o meu tempo, essa minha troca, pra eu poder trazer o meu conteúdo [...]”.

É uma definição que emerge diretamente do desafio de engajar aquela “galera” específica, priorizando a entrega afetiva e a negociação da atenção.

Para o Professor 5 (2025):

“[...] eu desenvolvi ao longo desses anos, baseado na cooperação ... Então, por exemplo, o que quer que seja isso lá que eles chamam, mas eles gostam muito de aula livre, mas eu direciono as aulas. Então, porque eu faço a colaboração? Dois tempos. O primeiro tempo, combinado com eles, eu direciono para o conteúdo que eu estou dando. Se tiver, se eu conseguir, se eu consigo passar o meu conteúdo, dar o que eu tenho. O segundo tempo, eu dou uma abertura maior para eles jogarem aquilo que eles estão mais interessados ali naquele momento em jogar. Então, basicamente, é essa cooperação, que eu já deixo bem claro com eles. Vocês me ajudam, eu ajudo vocês [...]”.

Este, por sua vez, reduz o conceito ao acordo de cooperação sobre o uso do tempo de aula. É uma interpretação altamente pragmática e vinculada à gestão da disciplina.

Apesar das variações, um padrão se destaca: em todos os casos, “metodologia ativa” é construída como sinônimo de flexibilidade, resposta ao contexto e algum grau de

compartilhamento de agência com o aluno. No entanto, falta um discurso que articule essas práticas a princípios teóricos mais amplos, como a construção colaborativa do conhecimento ou a problematização da realidade. O conceito é domesticado e adaptado às necessidades imediatas da gestão da sala de aula, permanecendo num nível de racionalidade prática.

A análise revela que os professores possuem uma competência prática sofisticada para gerenciar a aula em condições complexas, reconfigurando conteúdos e negociando a ordem com base em um saber situado e relacional. No entanto, identifica-se um descompasso discursivo e teórico: embora expressem o desejo de trabalhar com metodologias ativas e o façam intuitivamente, suas justificativas permanecem ancoradas em um senso comum pedagógico, sem uma articulação consistente com os princípios que fundamentam tais abordagens. Esse afastamento entre a eficácia do saber fazer e a falta de um marco teórico reflexivo limita uma apropriação mais intencional e transformadora. Portanto, o desafio formativo não está em substituir suas práticas, mas em elevar seus métodos intuitivos a um nível de consciência teórica, partindo desse domínio prático já existente para construir, de forma crítica e refletida, um saber pedagógico mais fundamentado e ampliado.

CONCLUSÃO

Com base na análise apresentada, este trabalho reafirma a crescente relevância das metodologias ativas como uma proposta viável e promissora para os desafios persistentes na educação brasileira, particularmente no contexto das aulas de Educação Física para turmas de aceleração. Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que tais abordagens são positivas para promover o protagonismo estudantil, a construção colaborativa do conhecimento e a inclusão de alunos que historicamente enfrentam dificuldades ou exclusão, buscando romper com modelos tradicionais e excludentes.

Um dos pontos cruciais revelados é a lacuna entre a intenção dos professores e sua fundamentação teórica sobre as metodologias ativas. Embora os educadores entrevistados demonstrem um entendimento geral da importância de tornar os alunos sujeitos ativos e flexibilizar o planejamento, suas falas indicam uma apropriação mais intuitiva e experiencial do que conceitual. Essa falta de um domínio teórico impede uma aplicação mais efetiva e consciente das estratégias, mantendo as ações muitas vezes atreladas a padrões localizados ou a interpretações limitadas do que realmente constitui uma metodologia ativa, como exemplificado pelas diferentes compreensões dos docentes.

Em conclusão, o estudo destaca a eficácia das metodologias ativas nas aulas de Educação Física para as turmas de aceleração, ao mesmo tempo em que aponta para a

necessidade de um suporte teórico-prático mais robusto para os professores. Faz-se crucial investir em formação continuada que fortaleça a compreensão conceitual dessas abordagens, permitindo uma aplicação mais intencional e transformadora. Novos estudos são necessários para aprofundar a investigação sobre como essa tensão entre o tradicional e o inovador se resolve na prática diária, quais os impactos reais dessas reconfigurações de conteúdo no desenvolvimento integral dos alunos e como as políticas educacionais podem melhor apoiar os educadores nesse caminho.

REFERÊNCIAS

- BERBEL, N. A. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 2, n. 2, p. 145-160, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/BBqnRMcdxXyvNSY3YfztH9J/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Iramuteq: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751532016.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2026.
- COIMBRA, S. R. da S. **Reprovação e interrupção escolar**: contribuições para o debate a partir da análise do projeto classes de aceleração. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91150>. Acesso em: 5 out. 2024.
- COSTA, R. de S. O. da; SILVA, C. A. F. da; VOTRE, S. J. Educação Física, esporte e desenvolvimento sustentável. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/10214>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- DUARTE, L. de C.; NEIRA, M. G. Currículo cultural da Educação Física: a produção de uma pedagogia engajada. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 8, p. 298-300, 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/956228a0-7ba1-4d46-86bab727344bf639/CURR%C3%8DCULO%20CULTURAL%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20F%C3%8DSICA-%20A%20PRODU%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 28 out. 2025.
- FREIRE, M. Educação física escolar: desafios e compromissos de uma experiência crítica e democrática. **Cadernos de Formação RBCE**, Pindamonhangaba, v. 4, n. 2, p. 33-43, set. 2013. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1824>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.
- FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Abandono do ensino médio volta a crescer em 2021**. Disponível em: <https://www.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/noticia/abandono->

[do-ensino-medio-volta-crescer-em-2021](#). Acesso em: 8 nov. 2025.

GADOTTI, M. Qualidade na educação: uma nova abordagem. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: QUALIDADE NA APRENDIZAGEM, Florianópolis, 2013. **Anais** [...]. Florianópolis, 2013. p. 1-18. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf. Acesso em: 21 abr. 2019.

GANDIN, D. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 1, p. 81-95, 2001. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia**. Editora Vozes Limitada, 2018.

GOMES, R. *et al.* **Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/1885>. Acesso em: 9 nov. 2025.

GONÇALVES, C. H. R.; SILVA, C. A. F. Educação física que não escolhe, acolhe. **Movimento**, Porto Alegre, v. 29, e29003, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.124789>. Acesso em: 6 maio 2024.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Defasagem entre idade e série continua alta**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/censo-escolar/defasagem-entre-idade-e-serie-continua-alta>. Acesso em: 8 nov. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar 2023: resumo técnico**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf. Acesso em: 8 nov. 2025.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

KRUG, R. de R. *et al.* O “bê-á-bá” da aprendizagem baseada em equipe. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, DF, v. 40, n.4, p. 602-620, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e00452015>. Acesso em: 5 out. 2025.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MIRANDA, J. V. N. **Metodologias ativas na educação física escolar como ferramenta inclusiva para pessoas com deficiência: um olhar sobre a diversidade**. 2025. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, Niterói, RJ, 2025. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 10 jan. 2026.

NITERÓI. Fundação Municipal de Educação. **Portaria nº 489, de 31 de agosto de 2014**. Dispõe sobre as classes de aceleração da aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Educação de Niterói e dá outras providências. Diário Oficial do Município de Niterói, Niterói, 31 ago. 2014. Disponível em: <https://educacao.niteroi.rj.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/GABARITO-Portaria-489-2015-31-08-2015.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2020.

NUNES, L. O. *et al.* Planejamento de ensino e Educação Física: uma revisão de literatura em periódicos nacionais. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 280-294, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n52p280>. Acesso em: 3 ago. 2024.

OLIVEIRA, S. L. de; SIQUEIRA, A. F.; ROMÃO, E. C. Aprendizagem baseada em projetos no ensino médio: estudo comparativo entre métodos de ensino. **Bolema**, Rio Claro, SP, v. 34, n. 67, p. 764-785, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v34n67a20>. Acesso em: 5 out. 2025.

PEREIRA, L. dos S. et al. Sala de aula invertida: possibilidades no ensino da educação física escolar. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 8, p. 9967-9983, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV3N8-004>. Acesso em: 5 out. 2025.

PINHEIRO, S. N. S. et al. Fracasso escolar: naturalização ou construção histórico-cultural? **Fractal: Revista de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 32, n. 1, p. 82-90, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5698>. Acesso em: 12 nov. 2024.

QUIXABEIRA, A. P. da S. et al. Metodologias ativas e o ensino de educação física: uma revisão da literatura. **Revista Observatório**, Palmas, v. 7, n. 1, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v7n1a12pt>. Acesso em: 3 out. 2025.

SANTOS, T. O. dos. **Ensino e Aprendizagem em Educação Física: metodologias ativas e protagonismo estudantil**. 2023. 169 f. Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/48fdd167-4354-4182-9dc8-5ca6380340b8>. Acesso em: 24 jan. 2026.

SILVA, C. A. F. da; DEVIDE, F. P. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão em aula de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 181-197, jan. 2009. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/444>. Acesso em: 23 set. 2005.

SILVA, C. A. F. da; VOTRE, S. J. **Etnometodologias**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2012.

SILVA, O. M.; SILVA, C. A. F. Desenho da rede de um projeto esportivo social. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 415-428, jul./set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300415>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, P. A. da. **Planejamento participativo nas aulas de educação física escolar: significados existentes nesta proposta**. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23635>. Acesso em: 18 abr. 2025.

SILVA, R. A. da; FELICIO, C. M. **Rotação por estações: uma proposta didática para formação integral na educação de jovens e adultos**. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Instituto Federal Goiano, Morrinhos, GO, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1713>. Acesso em: 1 out. 2025.

TAQUETTE, S. R.; BORGES, L. **Pesquisa qualitativa para todos**. Petrópolis: Vozes, 2020.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral investigar as metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física em classes de aceleração do Ensino Fundamental II da rede municipal de Niterói, com o intuito de compreender como estratégias participativas podem aumentar o engajamento e a inclusão de alunos em situação de distorção idade-série. Ao longo do estudo, desenvolveu-se a integração de uma revisão integrativa da literatura, observação de campo, entrevistas semiestruturadas com professores e análise etnometodológica, permitindo uma visão multidimensional sobre a prática pedagógica nesse contexto específico.

A revisão integrativa da literatura evidenciou uma produção acadêmica ainda incipiente sobre a Educação Física em turmas de aceleração, especialmente no que se refere a abordagens metodológicas participativas. Os estudos revisados destacaram a importância da gestão escolar democrática, da formação continuada de professores e da adoção de práticas inovadoras como elementos centrais para a criação de ambientes educacionais inclusivos. No entanto, a escassez de pesquisas que articulam diretamente educação física escolar, metodologias ativas e classes de aceleração sinalizou uma lacuna significativa, justificando a relevância e a originalidade desta investigação.

A pesquisa de campo, realizada por meio de observações e entrevistas semiestruturadas com cinco professores, revelou um cenário complexo e desafiador. Os docentes demonstraram uma competência prática no trato com as turmas de aceleração, desenvolvendo etnométodos de forma intuitiva – como a “reconfiguração afetiva do conteúdo” e a “negociação como controle” – para gerenciar as aulas, mediar conflitos e estabelecer vínculos com os estudantes. Essas estratégias emergem como respostas criativas a um contexto marcado pela influência de fatores externos como a violência.

Contudo, a análise etnometodológica das falas dos professores apontou para um descompasso entre a prática intuitiva e a fundamentação teórica. Embora os educadores valorizem a flexibilidade, o diálogo e a participação dos alunos, que são princípios fundamentais para as metodologias ativas, seus discursos revelam uma apropriação pouco sistematizada desses conceitos. O planejamento participativo e as metodologias ativas são, muitas vezes, interpretados como sinônimos de “aulas mais dinâmicas” ou “uso de tecnologia”, sem uma articulação profunda com teorias que sustentam a construção colaborativa do conhecimento, a problematização da realidade e o protagonismo discente.

Os resultados indicam que metodologias como a Metodologia da Problemática, a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPJ), a Aprendizagem Baseada em Equipes (ABE) e a Sala de Aula Invertida apresentam potência em sua aplicação para as turmas de aceleração, pois promovem a corresponsabilização, a autonomia e a significação dos conteúdos. No entanto, sua implementação requer mais do que boa vontade docente, exige formação continuada crítica e reflexiva, que parta das experiências práticas dos professores, para, então, ampliar seu repertório teórico-metodológico.

Este estudo também reforça o papel central da Educação Física no processo de (re)inclusão escolar desses jovens. Para além do desenvolvimento de habilidades motoras, a disciplina se mostrou um espaço privilegiado para o trabalho com a autoestima, o respeito às diferenças, a resolução de conflitos e o fortalecimento do vínculo com a escola, dimensões afetivas e sociais fundamentais para estudantes que carregam marcas do fracasso escolar.

Em termos de limitações, reconhece-se que a pesquisa se concentrou especificamente na rede municipal de Niterói, e seus resultados não podem ser generalizados. A amostra de professores, ainda que representativa para o contexto estudado, é pequena. Além disso, o estudo focou na percepção e nas práticas docentes, não incluindo diretamente a voz dos alunos, o que mostra a necessidade de investigações futuras.

Sugere-se ampliar a pesquisa para outras redes de ensino, permitindo comparações e a identificação de desafios e estratégias comuns, além do desenvolvimento de uma cartilha e oficinas de formação continuada que auxiliem os profissionais na busca dessa capacitação para o trabalho intencional com as metodologias ativas para este público.

Conclui-se, portanto, que a busca por uma Educação Física escolar mais democrática e significativa nas classes de aceleração é viável e urgente. Ela passa necessariamente pelo reconhecimento da expertise prática dos professores e pelo investimento em uma formação que os instrumentalize com ferramentas teóricas e metodológicas para transformar sua intuição pedagógica em ação intencional e reflexiva. Dessa forma, a Educação Física pode efetivamente cumprir seu papel de componente curricular essencial na construção de uma escola que não apenas acelera percursos, mas, sobretudo, inclui, dignifica e prepara para o exercício pleno da cidadania.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J., GEWANDSZAJDER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**. Pioneira Thompson Learning. 2. Ed. São Paulo, 2002.

BAIO, C. G. de C. **Estratégias Participativas Construídas entre estudantes e professora nas aulas de Educação Física**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física). Faculdade do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/f2da8d96-f10c-4512-bea4-179f32734d88>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BAPTISTA, G. L. Planejamento participativo em turmas de aceleração ciclo do ensino fundamental. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, jul./dez. 2020, v. 5, n. 2, p. 139 - 153. Disponível em: <https://doi.org/10.33025/tefe.v5i2.3034>. Acesso em: 02 jan 2021.

BASTOS, S. R. T. **Do fracasso escolar à distorção idade-série**: caminhos percorridos pelas classes de aceleração do Projeto "Acelerar para Vencer". Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2013. Disponível em: https://www.bdtu.uerj.br:8443/bitstream/1/10142/1/Dissertacao_Sonia_Regina_Thiago_Bastos.pdf. Acesso em: 09 mai. 2024.

BERBEL, N. A. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 2, n. 2, p. 145-160, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/BBqnRMcdxXyvNSY3YfztH9J/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/introducao.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2026.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/2003/L10.793.htm#art26%C2%A73. Acesso em: 02 jan. 2026.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 2 jan. 2026.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf. Acesso em: 02 jan. 2026.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Iramuteq: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751532016.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2026.

COIMBRA, S. R. da S. **Reprovação e interrupção escolar**: contribuições para o debate a partir da análise do projeto classes de aceleração. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91150>. Acesso em: 5 out. 2024.

COSTA, R. de S. O. da; SILVA, C. A. F. da; VOTRE, S. J. Educação Física, esporte e desenvolvimento sustentável. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/10214>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CORREIA, W. R. Planejamento Participativo e o ensino de Educação Física no 2o. Grau. **Paulista Educação Física**, São Paulo, n. 2, p.43-48,1996. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/50542>. Acesso em 16 abr 2024.

DANTAS, HLL et al. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. **Recien**, São Paulo, 2021, v. 12, n. 37, p. 334-345. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/575>. Acesso em 27 ago 2024.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Autores associados, Campinas, SP, 2010.

DUARTE, L. de C.; NEIRA, M. G. Currículo cultural da Educação Física: a produção de uma pedagogia engajada. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 8, p. 298-300, 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/956228a0-7ba1-4d46-86bab727344bf639/CURR%C3%8DCULO%20CULTURAL%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20F%C3%8DSICA-%20A%20PRODU%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 28 out. 2025.

FREIRE, M. Educação física escolar: desafios e compromissos de uma experiência crítica e democrática. **Cadernos de Formação RBCE**, Pindamonhangaba, v. 4, n. 2, p. 33-43, set. 2013. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1824>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Abandono do ensino médio volta a crescer em 2021**. Disponível em: <https://www.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/noticia/abandono-do-ensino-medio-volta-crescer-em-2021>. Acesso em: 8 nov. 2025.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Panorama da distorção idade-série no Brasil**. Brasília, DF: UNICEF, 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-distorcao-idade-serie-no-brasil>. Acesso em 30 de nov. de 2024.

FURTADO, R. S., BORGES, C. N. F. Educação Física Escolar, Legitimidade e Escolarização. **Humanidades e Inovação**, v.7, n.10, 2020. P. 24-38.
GADOTTI, M. Qualidade na educação: uma nova abordagem. In: CONGRESSO DE

EDUCAÇÃO BÁSICA: QUALIDADE NA APRENDIZAGEM, Florianópolis, 2013. **Anais** [...]. Florianópolis, 2013. p. 1-18. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf. Acesso em: 21 abr. 2019.

GALVÃO, M. C. B., RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion**, v. 6, n. 1, set.2019/fev. 2020, p.57-73.

GANDIN, D. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 1, p. 81-95, 2001. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia**. Editora Vozes Limitada, 2018.

GLÓRIA, D. M. A. Direito à educação escolar: o discurso da inclusão x a prática da exclusão. **Educar**, Curitiba, 2002, n. 20, p. 209-222. Disponível em: Acesso em:

GOMES, R. *et al.* **Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/1885>. Acesso em: 9 nov. 2025.

GONÇALVES, C. H. R.; SILVA, C. A. F. Educação física que não escolhe, acolhe. **Movimento**, Porto Alegre, v. 29, e29003, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.124789>. Acesso em: 15 out. 2024.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Defasagem entre idade e série continua alta**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/censo-escolar/defasagem-entre-idade-e-serie-continua-alta>. Acesso em: 8 nov. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar 2023: resumo técnico**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf. Acesso em: 8 nov. 2025.

KRUG, R. de R. *et al.* O "bê-á-bá" da aprendizagem baseada em equipe. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, DF, v. 40, n. 4, p. 602-620, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e00452015>. Acesso em: 5 out. 2025.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MIRANDA, J. V. N. **30 razões para valorizar a educação física escolar**. 1 Ed. São Gonçalo, RJ. Ed do Autor, 2024.

- MIRANDA, J. V. N. **Metodologias ativas na educação física escolar como ferramenta inclusiva para pessoas com deficiência: um olhar sobre a diversidade**. 2025. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, Niterói, RJ, 2025. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- MOMMAD, M. L. A história da Educação Física escolar no Brasil: leis e decretos norteadores. **Horizontes**, Dourados, MS, v. 9, n. 14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/hre.v9i16.13118>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- NITERÓI. Fundação Municipal de Educação. **Portaria nº 489, de 31 de agosto de 2014**. Dispõe sobre as classes de aceleração da aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Educação de Niterói e dá outras providências. Diário Oficial do Município de Niterói, Niterói, 31 ago. 2014. Disponível em: <https://educacao.niteroi.rj.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/GABARITO-Portaria-489-2015-31-08-2015.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- NEIRA, M G; NUNES, M L F. **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. FEUSP. São Paulo, 2022.
- NUNES, L. O. *et al.* Planejamento de ensino e Educação Física: uma revisão de literatura em periódicos nacionais. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 280-294, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n52p280>. Acesso em: 3 ago. 2024.
- OLIVEIRA, S. L. de; SIQUEIRA, A. F.; ROMÃO, E. C. Aprendizagem baseada em projetos no ensino médio: estudo comparativo entre métodos de ensino. **Bolema**, Rio Claro, SP, v. 34, n. 67, p. 764-785, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v34n67a20>. Acesso em: 5 out. 2025.
- PEREIRA, L. dos S. *et al.* Sala de aula invertida: possibilidades no ensino da educação física escolar. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 8, p. 9967-9983, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV3N8-004>. Acesso em: 5 out. 2025.
- PEZZIN, F. A. S., MARIN, A. H. “Seguindo em frente!”: O fracasso escolar e as classes de aceleração. **Psicologia Esc. e Educacional**, S. Paulo. v. 20, n. 2, p. 219-227, mai/ago, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202953>. Acesso em: 05 mai. 2024.
- PINHEIRO, S. N. S. *et al.* Fracasso escolar: naturalização ou construção histórico-cultural? **Fractal: Revista de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 32, n. 1, p. 82-90, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5698>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- PLACCO, V. M. N. de S.; ANDRÉ, M. E. D. A. de; ALMEIDA, L. R. de. Estudo Avaliativo das Classes de Aceleração na rede estadual paulista. **Cadernos de Pesquisa**, nº 108, novembro/1999.
- QUIXABEIRA, A. P. da S. *et al.* Metodologias ativas e o ensino de Educação Física: uma revisão da literatura. **Revista Observatório**, Palmas, v. 7, n. 1, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v7n1a12pt>. Acesso em: 3 out. 2025.

RAIMUNDO, A. C.; VOTRE, S. J. Planejamento curricular da Educação Física escolar no projeto de aceleração da aprendizagem. **III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**. Niterói, RJ, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270412302_Esporte_Sociedade_Educacao_Megaeventos_Esportivos_e_Educacao_Fisica_Escolar. Acesso em: 06 abr. 2018.

RAIMUNDO, A. C.; VOTRE, S. J.; TERRA, D. V. Planejamento curricular da educação física no projeto de correção do fluxo escolar. **Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 34, n. 4, p. 845-858, out./dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000400004>. Acesso em: 06 abr. 2018.

SANTOS, L. C. dos. **Como elaborar o orçamento de um projeto de pesquisa**. UNEB, Salvador, 2011. Disponível em: https://www.lcsantos.pro.br/wp-content/uploads/2021/03/209_ORCAMENTO_PROJETO_PESQUISA.pdf. Acesso em: 20 de jul. 2024.

SANTOS, T. O. dos. **Ensino e Aprendizagem em Educação Física: metodologias ativas e protagonismo estudantil**. 2023. 169 f. Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/48fdd167-4354-4182-9dc8-5ca6380340b8>. Acesso em: 24 jan. 2026.

NITERÓI. Fundação Municipal de Educação. **Portaria nº 489, de 31 de agosto de 2014**. Dispõe sobre as classes de aceleração da aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Educação de Niterói e dá outras providências. Diário Oficial do Município de Niterói, Niterói, 31 ago. 2014. Disponível em: <https://www.educacao.niteroi.rj.gov.br/mapa-escolar/unidades-municipais-de-ensino-fundamental/>. Acesso em: 03 mai 2024.

SILVA, C. A. F. da; DEVIDE, F. P. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão em aula de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 181-197, jan. 2009. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/444>. Acesso em: 23 set. 2005.

SILVA, C. A. F. da; VOTRE, S. J. **Etnometodologias**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2012.

SILVA, O. M.; SILVA, C. A. F. Desenho da rede de um projeto esportivo social. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 415-428, jul./set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300415>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, P. A. da. **Planejamento participativo nas aulas de educação física escolar: significados existentes nesta proposta**. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23635>. Acesso em: 18 abr. 2025.

SILVA, R. A.; FELICIO, C. M. **Rotação por estações: uma proposta didática para formação integral na educação de jovens e adultos**. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Instituto Federal Goiano, Morrinhos, GO, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1713>. Acesso em: 1 out. 2025.

SOUZA, A. G. de; FREIRE, E. dos S. Planejamento Participativo e Educação Física: Envolvimento e opinião dos alunos do Ensino Médio. **Mackenzie de Educação Física e Esporte**. 2008, n.7, v.3, p. 29-36. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1486>. Acesso em: 27 out. 2025.

STEPANSKI, L. M. P.; REAL, L. M. C. Classe de Aceleração: estudo de caso com uso de tecnologias digitais da informação e comunicação. **ESUD/CIEDUD**, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://esud2020.ciar.ufg.br/wp-content/anais-esud/211294.pdf>. Acesso em: 19 set. 2025.

TAQUETTE, S. R.; BORGES, L. **Pesquisa qualitativa para todos**. Vozes. Petrópolis, 2020.

VELLOSO, L. R. da S. *et al.* Pesquisa participante na Educação Física Escolar: o estado da arte. **Movimento**, v. 28, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.120865>. Acesso em: 29 set. 2024.

VILARIM, E. C. **Aceleração do Ensino Fundamental: Um Estudo de Caso do Projeto Salto em Rondônia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/86>. Acesso em: 18 abr. 2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso. Porto Alegre, 2016.

8. APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: Planejamento Participativo em aulas de Educação Física: estratégias para aumentar a participação de alunos de Classes de Aceleração.

Pesquisador Responsável: Glória Lontra Baptista

Nome do participante:

Data de nascimento:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “Planejamento Participativo em aulas de Educação Física: estratégias para aumentar a *participação de alunos de Classes de Aceleração*”, de responsabilidade da pesquisadora *Glória Lontra Baptista*.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por objetivo identificar quais metodologias são comumente mais utilizadas nas aulas de educação física com turmas de aceleração do ensino fundamental II da região do polo V da rede municipal de educação de Niterói. A finalidade deste estudo é entender como os professores selecionam as estratégias didáticas para desenvolvimento do ensino com essas classes sob a justificativa de melhor entendermos quais estratégias são mais efetivas.
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em permitir a observação da professora pesquisadora responsável, que fará registro em diário de campo sobre como as aulas decorreram e após um período de mais ou menos de seis a oito aulas, uma

entrevista semiestruturada para respostas livres. Esta entrevista individual será conduzida pela professora pesquisadora, com duração máxima de 1 hora, será realizada em um ambiente com privacidade dentro do espaço escolar no horário que melhor se adéque à rotina do professor participante. A entrevista será gravada em um gravador portátil da pesquisadora. A utilização do recurso de gravação do áudio será para que no momento da transcrição da entrevista, o relato seja transcrito o mais fidedignamente possível. Esses dados ficarão armazenados em um pen drive, dentro de um cofre no Arquivo I, que é uma sala do Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física, que só pode ser acessado com uma chave e autorizado pelo coordenador do Programa (Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018), por um período de 5 anos e após esse período, os dados serão descartados. Somente a professora pesquisadora terá acesso as informações e dados colhidos durante a entrevista, sendo, portanto, a identidade do professor participante mantida em sigilo e segurança.

3. Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos de momentos de constrangimento, desconforto, insegurança quanto à privacidade, ou de algum incômodo, a professora pesquisadora estará atenta e solícita para eventuais situações ou sinais indiciais que possam manifestar situações de desconforto. Para que sejam minimizados, ou solucionados os desconfortos, a entrevista ocorrerá em um ambiente de privacidade e segurança, podendo a qualquer momento o participante ter uma pausa, beber uma água, ir ao banheiro, e retomarmos sem prejuízo para o participante neste mesmo dia ou em outra data a combinar. Caso, ainda assim, o participante tenha algum desconforto produzido por sua participação na pesquisa, suspenderemos a entrevista e este poderá ser encaminhado em companhia da pesquisadora, se for do seu interesse, para acompanhamento psicológico na UNIVERSO, instituição coparticipante da pesquisa, que dispões de forma gratuita de atendimento psicoterapêutico para os parceiros participantes. Núcleo de Psicologia Aplicada – NPA – Niterói. Endereço: Rua Marechal Deodoro, 217 – 7º andar – Bloco C Contato: 2138-4931. Horário: 13h às 17h (2ª a 6ª feira) 08h às 12h (sábado).

4. Ao participar desse trabalho estarei contribuindo para uma reflexão sobre a prática metodológica da educação física com turmas de aceleração, colaborando na produção científica dessa temática e trazendo para debate a importância da educação física dentro do ambiente escolar, e em especial, para esse público. Além disso, ao participar terei diretamente benefícios na construção das práticas da educação física com

processos inclusivos que atendam ao meu trabalho e contribuam para a formação coletiva do meu grupo dando significado aos conteúdos na busca de uma educação mais democrática e inclusiva. Os encontros com a professora pesquisadora funcionam como um momento de troca com um outro professor, mesmo que este na função de pesquisador, mas que também trabalha com esse público no mesmo polo que o entrevistado.

5. A minha participação neste projeto deverá ter a duração de uma média de dois meses, que compreende a observação da professora pesquisadora por um período de 6 a 8 aulas de um mesmo trimestre, com duração de 1 hora, uma vez por semana. Essa observação acontecerá dentro dos dias e horários que o professor participante já está na escola ministrando suas aulas com suas turmas, não ocorrendo nenhuma alteração de horários do mesmo e da turma para participação na pesquisa.

6. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo, custo ou empecilho para isso.

7. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido.

8. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de minha participação no estudo, poderei ser compensado conforme determina as Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

9. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e somente a professora pesquisadora responsável terá acesso as informações coletadas. Se eu desejar, terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

10. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados neste trabalho e no artigo científico produzido com base nesta pesquisa mantendo sempre minha identificação preservada.

11. Este TCLE é composto de duas vias, sendo uma pertencente a professora pesquisadora, que ficará anexado no trabalho final da pesquisa e a outra via, pertence ao professor(a) participante, que receberá no início do processo de observação.

12. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Glória Lontra

Baptista, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: 21 982887874, e-mail: lontragb@gmail.com, ou ainda presencialmente toda segunda, quarta e sextas feiras das 07h às 12h na Rua Dr Luiz Palmier 25, Barreto, Niterói. E/ou com Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Salgado de Oliveira - Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVERSO), Rua Marechal Deodoro, 217, bloco B, Térreo, Centro, Niterói - RJ. CEP: 24030-060. Tel. (21) 2138-4983, E-mail: cepuniverso@nt.universo.edu.br.

**Eu, _____, RG
nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar,
como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.**

Cidade, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante Impressão dactiloscópica

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

Apêndice B – Questionário/Roteiro de entrevista**ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA****Dados de identificação**

Título do Projeto: **Planejamento Participativo em aulas de Educação Física de Classes de Aceleração.**
Pesquisador Responsável: **Glória Lontra Baptista**

Data\Horário: _____

Escola: _____

Prof. (a) Regente: _____

Formação do professor: _____

Trabalha a quantos anos em escola \ na rede: _____

Trabalha a quanto tempo em turmas de aceleração: _____

Carga horária semanal na turma: _____

Carga horária semanal na escola: _____

- 1) O que você leva em consideração na hora de planejar suas aulas ou escolher a metodologia que será utilizado?
- 2) Você costuma fazer planejamento de aula de médio e longo prazo?
- 3) O que você considera ser fundamental para as aulas de educação física?
- 4) Você já trabalhou com turmas de aceleração? Se sim, por quanto tempo e em qual escola?
- 5) Como você descreveria e avaliaria o perfil dos alunos que compõem essas turmas?
- 6) Com base nas informações que você falou acima, você acha que a forma como planeja aulas para turma regulares pode ser a mesma que para turmas de aceleração?
- 7) Quais estratégias didáticas você adota para envolver os alunos de turmas de aceleração nas aulas de Educação Física, levando em conta as experiências e interesses dos alunos?
- 8) Como você avaliaria a participação dos alunos das classes de aceleração nas aulas de educação física?

**Apêndice C – CARTILHA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR E O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS DA EDUCAÇÃO**

**CARTILHA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR E O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS DA
EDUCAÇÃO**

GLÓRIA LONTRA BAPTISTA

NITERÓI/2026

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	3
2. Introdução.....	4
3. Tipos de Metodologias Ativas.....	5
3.1 Sala de Aula Invertida.....	5
3.2 Aprendizagem Baseada em Projetos.....	6
3.3 Aprendizagem Baseada em Equipes.....	6
3.4 Metodologia da Problemática.....	7
3.5 Aprendizagem Baseada em Rotação de Estação.....	7
3.6 Gamificação.....	8
4. Base Nacional Comum Curricular.....	9
5. Organização do Planejamento.....	11
6. Exemplos Práticos.....	15
6.1 Sala de Aula Invertida – Jogos Eletrônicos – 6º ano	17
6.2 Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPJ) – Lutas do Brasil - 7º ano	20
6.3 Aprendizagem Baseada em Equipes (ABE/TBL) – Esportes de Rede e Parede - 8º ano	27
6.4 Metodologia da Problemática – Danças Urbanas - 7º ano	32
6.5 Rotação por Estação – Ginástica de condicionamento físico e conscientização corporal - 9º ano	37
6.6 Gamificação – Prática Corporal de Aventura - 9º ano	41
7. Conclusão.....	45
8. Referências.....	46

Apresentação

Esta cartilha é fruto do resultado da pesquisa de mestrado intitulada “Etnométodos e Metodologias Ativas na Educação Física Escolar: Um estudo com Classes de Aceleração”, trabalho desenvolvido para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física (PPGCAF) da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Nela estão contidas algumas estratégias para organização de um planejamento mais participativo e dinâmico. Essas práticas foram testadas ao longo dos anos pela professora pesquisadora que desenvolveu o trabalho visando promover maior participação ativa dos alunos na construção de um processo de ensino ativo.

O principal objetivo desta cartilha é contribuir para um trabalho docente mais intencional e significativo para professores e alunos. Frequentemente, os professores encontram dificuldades em preparar suas aulas devido ao excesso de burocracia, público muito heterogêneo nas turmas, baixa participação dos alunos, falta de recurso das escolas, além de falta de capacitação destes docentes em novas metodologias. Com o auxílio deste material, eles podem ter acesso a uma formação continuada resumida, o que vai fornecer recursos iniciais para auxiliar na transformação da prática diária docente.

Desta forma, este produto visa facilitar e enriquecer as aulas de educação física escolar para alunos do ensino fundamental de segundo ciclo, principalmente as classes de aceleração da aprendizagem, contribuindo, assim, para o desenvolvimento acadêmico na área de educação física e promovendo um retorno concreto para a sociedade com este trabalho.

Cartilha para Formação Continuada em Educação Física Escolar e o uso de Metodologias Ativas da Educação

2. Introdução

Este modelo de cartilha contém práticas corporais e estratégias de planejamento de aula visando a adoção de práticas educacionais mais ativas em aulas de educação física para o segundo seguimento do ensino fundamental. As estratégias apresentadas aqui, podem e devem ser testadas e adaptadas a outros seguimentos da educação básica e a realidade de aula de cada professor.

As metodologias ativas são estratégias de ensino que visam incentivar diálogo, a democracia e a participação ativa dos alunos na construção do processo de ensino aprendido. Essa proposta parte do uso de alterações em alguns conteúdos, modificações nas abordagens, melhor organização e planejamento e ganho de conhecimento sobre essas metodologias consideradas inovadoras.

Em tempos de recursos tecnológicos e digitais, manter os alunos atraídos nas aulas de educação física já não é uma coisa tão simples. Dentro deste material vamos encontrar uma série de exemplos práticos de planejamentos de aula com estratégias já testadas, que propõem dinamizar essas aulas atraindo esse público de forma ativa para a construção desse processo ensino aprendido.

Além de facilitar a vida do professor, as estratégias apresentadas aqui, visam ajudar a transformar o ensino em uma possibilidade de desenvolver habilidades físicas, conceituais e atitudinais, promover o bem-estar e a participação de todos, além de contemplar os conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A cartilha oferece um resumo básico sobre seis tipos de metodologias ativas com propostas de atividades para conteúdo que contemplem os blocos da BNCC. Explica de forma objetiva e respaldada por estudiosos da área, as estratégias ativas de ensino das metodologias selecionadas, além de oferecer sugestões de ajuste e flexibilização das aulas de acordo com o nível de recursos de cada escola.

O documento destaca a importância da incorporação de metodologias inovadoras pois elas incluem o uso de novas linguagens, tecnologias digitais e práticas pedagógicas que promovam a aplicação do conhecimento na vida real, estimulando a autonomia e o protagonismo do estudante. Além disso, a ideia central é que as metodologias inovadoras possibilitam uma relação mais dinâmica, criativa e contextualizada entre conteúdos, estudantes e sociedade, promovendo uma aprendizagem mais efetiva e relevante (BRASIL, 2017, p.488).

3. Tipos de Metodologias Ativas

3.1) Sala de Aula Invertida - “*Flipped Classroom*”.

De acordo com Pereira e seus colaboradores (2023) a metodologia Sala de Aula Invertida pode ser conceituada como uma mudança na organização tradicional do processo de ensino. Onde transfere-se para o aluno a responsabilidade pelo estudo prévio por meio de materiais como vídeos e leituras realizados fora do horário de aula. Assim, o tempo em sala é utilizado para aprofundar conhecimentos por meio de atividades, debates e resolução de problemas, com o professor atuando como mediador e facilitador do aprendizado colaborativo (Pereira *et al.*, 2023).

Essa abordagem visa promover maior autonomia, participação e compreensão significativa, envolvendo estratégias que estimulam a interação, reflexão e prática dos conteúdos, articulando recursos tecnológicos e metodologias diversas para fortalecer o processo educativo e torná-lo mais ativo e centrado no estudante.

Links que podem auxiliar no estudo e no uso da técnica:

<https://www.youtube.com/watch?v=0kPSHVuxOaw>

<https://www.youtube.com/watch?v=mhahtc12aNY>

3.2) Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) - *Project-Based Learning* (PBL)

A ABP é uma metodologia de ensino que utiliza projetos para ensinar conteúdos curriculares, promovendo o trabalho cooperativo. Os alunos engajam-se ativamente na investigação, na elaboração de artefatos e na resolução de questões ou problemas relevantes, tendo certa autonomia na escolha dos métodos a serem utilizados, o que aumenta sua motivação e responsabilidade pelo aprendizado (Oliveira, Siqueira, Romão, 2020).

Conforme texto apresentado por Oliveira, Siqueira, Romão (2020), essa abordagem favorece a construção de conhecimentos por meio de atividades práticas e contextualizadas, permitindo uma maior integração entre teoria e vida cotidiana, além de estimular o protagonismo do estudante. Assim, a ABP promove não apenas o aprendizado de conteúdos específicos, mas também o desenvolvimento de competências essenciais para os desafios contemporâneos.

Link que pode auxiliar no estudo e no uso da técnica:

https://www.youtube.com/watch?v=deE_leEasiI

3.3) Aprendizagem Baseada em Equipe (ABE) - *Team-Based Learning* (TBL)

Aprendizagem Baseada em Equipes é uma abordagem pedagógica que envolve a colaboração estruturada de pequenos grupos de estudantes para o desenvolvimento conjunto do conhecimento, habilidades e atitudes, promovendo a construção coletiva do aprendizado por meio da interação e da responsabilidade compartilhada na resolução de problemas ou tarefas acadêmicas (Krug *et al.*, 2016).

Link que pode auxiliar no estudo e no uso da técnica:

<https://www.youtube.com/watch?v=byEQYwLLWJQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=1-HvidXMFEU>

3.4) Metodologia da problematização

Conforme apresentado por Saviczki (2019), a metodologia da problematização consiste em envolver os estudantes na identificação e análise de problemas relevantes ao seu contexto, promovendo o pensamento crítico, a autonomia e o protagonismo na aprendizagem. Essa abordagem exige do docente planejamento e criatividade para propor situações desafiadoras, estimular a participação dos estudantes e despertar o interesse pelo desenvolvimento de soluções inovadoras diante de problemas reais, alinhando-se aos objetivos da educação e ao incentivo ao protagonismo dos alunos (Savicki, 2019).

Link que pode auxiliar no estudo e no uso da técnica:

<https://www.youtube.com/watch?v=zFQaC46Wrjs>

3.5) Aprendizagem Baseada em Rotação de Estação

A metodologia Rotação por Estações, de acordo com Silva e Felício (2020), é uma proposta metodológica que organiza atividades em diferentes estações de aprendizagem, possibilitando que os alunos trabalhem de forma individual ou colaborativa em conteúdos relacionados, promovendo autonomia e flexibilidade, inclusive no ensino híbrido ou não presencial. Os alunos, passam por todas as estações trocando informações e complementando seus trabalhos à medida que circulam por elas.

Link que pode auxiliar no estudo e no uso da técnica:

<https://www.youtube.com/watch?v=wglxBiHTNZw>

3.6) Gamificação

A gamificação é definida como uma metodologia ativa baseada em elementos e dinâmicas de jogos, que visa tornar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, interativo e motivador para os alunos (Dos Santos Rey *et al.*, 2025). Tem como pontos positivos da proposta o uso de elementos tecnológicos do mundo dos alunos, tornando as aulas mais atrativas e contextualizadas com o universo digital. No entanto, os autores destacam também as dificuldades na implementação dessa proposta, como a falta de familiaridade dos professores com as tecnologias, a carência de estrutura física das escolas e de algumas comunidades o que limita o acesso e aplicabilidade dessa proposta.

Links importantes que podem auxiliar no estudo e no uso da técnica:

<https://www.youtube.com/shorts/xBrCbajDWdI>

<https://www.youtube.com/watch?v=NI DbpuDqbzk>

4. Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento oficial que orienta o que todos os estudantes brasileiros têm o direito de aprender em cada etapa da educação básica. Existem também em sua maioria de estados e municípios outros referenciais que complementam o que já está previsto na BNCC. É importante frisar, que a realidade brasileira infelizmente nem sempre fornece condições estruturais e materiais mínimas para aplicação desses conteúdos, porém é importante que o professor conheça e tente adaptar o máximo possível visando até mesmo respaldar sua prática.

A BNCC organiza os conteúdos por unidades temáticas e objetos de conhecimento, oferecendo um norte para o planejamento do professor, o que assegura que a Educação Física, como componente curricular, contribua efetivamente para a formação integral, valorizando a diversidade de práticas corporais e promovendo o protagonismo dos estudantes.

Tabela 1. Conteúdos e objetos de conhecimento da educação física para o Ensino Fundamental II

Unidade Temática	Objetos de conhecimento	
	6º e 7º anos	8º e 9º anos
Brincadeiras e jogos	Jogos eletrônicos	
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico-combinatórios	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate
Ginásticas	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de condicionamento físico Ginástica de conscientização corporal
Danças	Danças Urbanas	Danças de Salão
Lutas	Lutas do Brasil	Lutas do mundo
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura urbana	Práticas corporais de aventura na natureza

Fonte: Tabela confeccionada pela pesquisadora com base em informações retiradas da BNCC (2022).

Link de acesso ao pdf da BNCC: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf.

5. Organização do planejamento

É importante destacar que para realizar um trabalho inovador é necessário se estabelecer um planejamento a longo prazo – ou seja, que você tenha uma noção do que pretende desenvolver ao longo do semestre ou mesmo de um ano -, subsequentemente um a médio prazo - que seria um trimestral ou bimestral – para finalmente pensar no planejamento de curto prazo, que seriam as aulas. Ressaltando sempre que o planejamento é flexível, que a avaliação é diária, formativa para buscar melhores resultados e corrigir possíveis erros.

Para realizarmos um planejamento eficaz sobre um determinado conteúdo ou competência é necessário ter uma noção de quanto tempo temos para aplicação (aulas). Então vamos bolar um calendário fictício com base numa média de início e fim de ano letivo para um planejamento trimestral. Após isso, vamos estabelecer um número “X” de carga horária semanal e um dia fictício para essas aulas de educação física na semana com base no que é minimamente previsto (usei como base as recomendações previstas por lei para o Estado do Rio de Janeiro).

Com base no que já vimos da BNCC, devemos levar em consideração o Referencial curricular da sua rede/cidade. Caso não tenha, você pode se guiar pela BNCC.

Exemplo de Planejamento Trimestral:

Tomaremos como base o ano de 2026. Analisemos abaixo os meses letivos que compõem este ano. Temos que pensar em feriados nacionais, estaduais e municipais, características locais, eventos globais. Destacando que, nessa nossa sugestão de calendário ele será dividido em trimestre, podemos estabelecer como uma média assim:

1º Trimestre: de 02/02 até 31/05

2º Trimestre: de 01/06 até 30/09

3º Trimestre: de 01/10 até 23/12

Focaremos, portanto, no primeiro trimestre, porém a atividade sugerida poderia ser desenvolvida em um outro.

1º Trimestre:

FEVEREIRO						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14

15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

- Apresentação dos professores: 02/02
Organização e reunião pedagógica junto ao coletivo e direção: 03 e 04/02.
- Observação: Normalmente apresenta baixo fluxo de alunos devido feriado de carnaval cortar o mês. A sexta-feira anterior a data do carnaval é dada ponto facultativo em algumas cidades.
- Os dias 13, 19 e 20 serão repostos no calendário através de sábados letivos. Normalmente já designados pela Secretaria de Educação ou estabelecida data nesta reunião inicial junto com equipe diretiva e pedagógica da unidade escolar. Como são datas que contemplam um número alto de aulas, esses sábados costumam ser de festividades, formações ou encontros que contemplem muitas horas.

MARÇO						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

- É possível que aqui ocorra alguma reposição, que pode ser inclusive uma reunião de pais e alunos para apresentação das metas do ano.

ABRIL						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

- Temos neste mês a realização de mais um sábado letivo e a presença de dois feriados nacionais: 03/04 e 21/04, respectivamente, Semana Santa – Páscoa e Tiradentes.

MAIO						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9

10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

- Mês de maio temos o feriado nacional de 01/05, Dia do Trabalhador.

Analisando o quadro de dias e feriados previstos, tomando que as aulas aconteçam todas as terças a tarde, nossa quantidade de aulas no primeiro trimestre será de: Total de 17 dias, sendo 2 dias feriados nacionais e mais um dia destinado ao planejamento de início de ano, restando um total de 14 dias/28aulas.

Agora o próximo passo é organizar o trimestre com base no que sugere o referencial curricular ou a BNCC, levando em consideração as demandas de cada unidade escolar, o perfil da turma e o objetivo que o professor determinou para aquele trimestre. Sempre deixando claro que o planejamento ele deve ser flexível visando atender as demandas e as intercorrências que aparecerem.

6. Exemplos de Atividades com base nas Metodologias Ativas citadas.

Agora que já sabemos um pouco sobre metodologias ativas e temos uma noção do nosso calendário letivo, vamos ao que interessa! Como aplicar? Verifica-se na tabela dos conteúdos da BNCC o que se recomenda para este ano de escolaridade.

Após a coleta dos dados como: perfil da turma, número de alunos, a realidade de infraestrutura da escola, o número de aulas disponível e pesquisa básica sobre o tema escolhido. Agora é escolher a metodologia ativa que você acha que mais se adequa ao perfil da sua turma, lembrando que você não precisa trabalhar de forma intransigente, você pode ir vendo o que melhor se adequa a turma, à aquele conteúdo ou até mesmo usar elementos diversos.

No nosso exemplo usaremos os seguintes dados:

- Número de aluno: média de 30 alunos por turma;
- Espaço disponível na escola: a escola possui quadra poliesportiva, datashow com TV;
- Material disponível: Bolas diversas, cones variados, bambolês, cordas e raquetes de badminton;
- Tempo de aula: São 2 tempos de 45 minutos cada, totalizando 1h e 30 minutos por semana;

Usando como exemplo a contagem apresentada acima, temos quatorze aulas dentro de um trimestre, agora é planejar como trabalhar os temas dentro dessas aulas.

Avaliação

A avaliação é parte fundamental em qualquer processo. Cada professor tem autonomia, com base no regimento escolar de sua escola/rede educacional para aplicar. Minha sugestão é que use mais de um instrumento avaliativo, ou seja, que não seja só a participação, ou só prova teórica. Seja claro com seus alunos sobre seus objetivos e o que você busca avaliar, com certeza isso aumentará a disposição dele na hora de realizar as tarefas e traz mais recursos na hora de pensar qual melhor instrumento.

➤ Exemplos de avaliações:

- Auto avaliação;
- Uso de avaliação em duplas, onde um avalia ou o outro, sem que eles saibam;
- Mural da avaliação (é como se fosse uma auto avaliação. Cada aluno coloca um adesivo ou faz um desenho, ou mesmo escreve um número dentro de uma escala já combinada de como foi a participação dele naquela aula ou tema);

Exemplo 1 – Sala de Aula Invertida – Jogos Eletrônicos – 6º ano

Objetivo geral: Promover a autonomia dos estudantes e a articulação entre conhecimentos prévios, vivências práticas e reflexões críticas acerca da cultura dos jogos eletrônicos.

Objetivos específicos: 1) estimular a autonomia e o protagonismo dos alunos por meio do estudo prévio de materiais sobre a evolução dos jogos eletrônicos e seus impactos sociais, para que cheguem às aulas aptos a participar de discussões e atividades práticas; 2) proporcionar vivências e experimentações de diferentes jogos eletrônicos, utilizando recursos disponíveis na escola ou trazidos pelos alunos, a fim de analisar criticamente elementos como linguagem visual, regras e dinâmicas de interação; 3) desenvolver a capacidade de análise crítica dos estudantes acerca de temas transversais relacionados aos jogos eletrônicos, como o uso prolongado de telas, a profissionalização dos gamers e as questões de gênero nesse universo, por meio de debates, produções coletivas e construção de materiais como murais e linhas do tempo.

Com base na BNCC contempla os seguintes artigos do texto: EF67EF01 e EF67EF02.

AULA 1 - Atividade proposta: Avaliação diagnóstica

Desenvolvimento – Roda de conversa com os alunos, conhecendo-os, de qual escola vieram, bairro que moram, se já se conheciam na turma. Propor uma votação de atividades que eles têm interesse, assuntos dentro da educação física que eles gostem. Por exemplo: Joãozinho gosta de futebol, queimada e pique, Mariazinha de corda, queimada e corrida, Antonieta de futebol, queimada e corda. Vai anotando todas as informações que transformaremos numa tabela com as atividades, desde as mais votadas até as que só aparecem uma vez. O tempo restante propõe a atividade mais votada do dia.

AULA 2 – Atividade proposta: Planejamento Participativo

Desenvolvimento: Mostre a eles a tabela das atividades escolhidas por eles, pergunte se eles concordam com o resultam e acrescente nesta tabela os conteúdos que você enquanto professor julga necessários com base na BNCC, nos referenciais, na sua prática de vida. E juntos, vocês vão estabelecer critérios como notas, como ordem das atividades, em caso de não cumprimento das regras qual será a solução, e por aí vai. A atividade prática de aula será da 2ª atividade mais votadas por eles na aula anterior até a 4ª. Você vai estabelecer com eles, se cada aluno ficará onde se sente mais a vontade, ou será realizado um rodízio de tempo, então cada grupo de alunos ficaria 10 minutos em cada atividade e trocaria para a seguinte.

Observação: Não conseguiremos mudar radicalmente nada, aos poucos, com estudo e boa vontade, pequenas adaptações dão resultados importantes a médio e curto prazo.

AULA 3 – Atividade proposta: Introdução aos Jogos Eletrônicos

Desenvolvimento: Apresentar algumas informações verbais ou até mesmo visuais (caso a escola possua recursos tecnológicos), sobre o tema “JOGOS ELETRÔNICOS” e pedir que os alunos façam uma pesquisa sobre quais jogos eletrônicos os responsáveis jogavam quando tinham a idade deles e quais, dentro da turma, eles jogam mais. Cada aluno irá trazer isso escrito. Atividade prática do dia serão da 5ª até a 7ª atividade mais votada pelos alunos e a cada aula você faz isso sucessivamente ou conforme acordado com o grupo. Você pode estabelecer uma organização para essas atividades ou mesmo usar estratégias diferentes das apresentadas acima.

AULA 4 – Atividade proposta: Just Dance

Desenvolvimento: Com base no que os alunos trouxeram da pesquisa realizada em casa, vamos começar a construir um mural, para isso pode-se usar papel pardo ou folha de papel 40 – o que a sua escola disponibiliza – eles primeiro vão ver o que cada um trouxe, depois em grupos ou individualmente vão colar ou escrever suas informações. Como parte prática da aula, um jogo eletrônico de fácil acesso é “Just Dance”, que para seu uso é necessário apenas uma conexão de internet e uma tv ou ser projetado.

Observação: É impossível pensar em trabalhar um assunto ‘novo’ sem ter noção do que se está falando, uma pesquisa mínima faz parte do trabalho.

AULA 5 – Atividade proposta: Estafeta das informações

Desenvolvimento: Você vai separar eles em grupos, cada integrante do grupo irá passar por um circuito de estafetas, ao final desse circuito ele pegará um papel que contém uma informação. O objetivo é que o grupo primeiro consiga pegar todas as “informações”, depois eles terão que responder a questão que aquela informação propõe. Essa organização deve ser feita pelo grupo em conjunto e propor uma solução. Para cada item que eles precisem para construir essa solução um integrante terá que percorrer o percurso dos estafetas. Ao final do tempo estabelecido, cada grupo apresenta qual foi a informação que ele pegou e qual a solução que o grupo propõe.

Observação: As informações serão palavras que vão compor uma pergunta, ou uma manchete de jornal, ou alguma outra informação que o professor encontrar relevante sobre o tema “JOGOS ELETRÔNICOS”. Lembre-se de adequar a questão à faixa etária trabalhada.

AULA 6 – Atividade proposta: Sala de Informática

Desenvolvimento: Caso a escola possua uma sala de informática, levar os alunos para conhecerem jogos educativos (Educator games) disponíveis e até mesmo ver o que eles jogam. Vamos nos atentar à escolha e ao aviso prévio aos responsáveis. A ideia da aula é eles em duplas, mostrar um jogo, preferencialmente educativo, e conhecer um outro jogo que o colega jogue, vão trocando as duplas e assim todos jogam com todos. Ao final, fazer uma roda de conversa sobre o que eles acharam dos diferentes jogos e pedir que tragam para a próxima aula uma pesquisa sobre a origem dos jogos eletrônicos. Para ficar mais interessante, você pode separar o assunto por grupos, de forma que todos fiquem com um tema, exemplo: um grupo com a profissionalização dos jogos eletrônicos, outro grupo a origem dos jogos eletrônicos, outro grupo as leis que atualmente protegem crianças e adolescentes em ambientes virtuais.

AULA 7 – Atividade proposta: Linha do tempo dos Jogos Eletrônicos

Desenvolvimento: Cada grupo apresentará para a turma a sua parte da pesquisa, a parte física, ou seja, os materiais impressos que trouxeram vão ser colados em uma folha de papel pardo que será fixada na sala deles apresentando uma linha do tempo com a pesquisa sobre os jogos eletrônicos. Sugestão de atividade física prática do dia pode ser a que eles mais gostaram ou segue o rodízio das atividades mais votadas, ou ainda o professor pode trazer mais um jogo eletrônico para eles vivenciarem.

Observação: se sua escola possui recursos tecnológicos você pode aprofundar ainda mais a prática nesses jogos educativos.

Exemplo 2 – Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPJ) – Lutas do Brasil - 7º ano

Objetivo geral: Pesquisar, vivenciar e valorizar as diferentes manifestações de luta presentes na cultura brasileira (indígenas, africanas, afro-brasileiras e regionais), compreendendo suas origens, significados e transformações ao longo da história, culminando na criação de uma "Feira Cultural: Brasil em Luta" para a comunidade escolar.

Objetivo específico: 1) identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as lutas brasileiras e desconstruir estereótipos que as associam apenas à violência; 2) pesquisar a origem, os instrumentos e os significados culturais de diferentes lutas brasileiras (capoeira, huka-huka, luta marajoara, maculelê, bumba meu boi – enquanto manifestação que envolve luta simbólica, jiu-jitsu brasileiro, etc.); 3) vivenciar elementos básicos de diferentes lutas de forma lúdica, segura e contextualizada, respeitando os limites do próprio corpo e do colega.

Com base na BNCC, contempla os seguintes artigos do texto: **EF67EF16, EF67EF17, EF67EF18 e EF67EF19.**

AULA 1 – Atividade proposta: Lançamento do Projeto

Desenvolvimento: Comece a aula com uma roda de conversa, preferencialmente sentados em círculo e faça perguntas como: "Quando falamos em 'lutas brasileiras', o que vem à cabeça de vocês?". Anote as respostas no quadro ou num tablet, criando um mapa mental inicial sobre o tema ou uma nuvem.

Na sequência, exiba um vídeo curto e instigante que mostre a diversidade das lutas brasileiras. No You Tube você encontra uma série de vídeos, mas lembre-se de assisti-los integralmente antes de passar. Sugestão de temas dos vídeos:

- Cenas de Capoeira (com música e roda).
- Cenas do Huka-Huka (luta indígena do Xingu) – mostrando os rituais e a pintura corporal.
- Cenas da Luta Marajoara (praticada na areia, no Pará).
- Cenas de Maculelê (dança-luta com bastões).
- Se possível, incluir trechos de documentários ou reportagens curtas

Após esses vídeos, levante questionamentos de um debate, como: O que vocês acharam? Alguma luta chamou mais atenção? Por quê?". Reforce a ideia de que as lutas brasileiras são expressões culturais, cheias de história, música, dança e rituais, e que muitas delas surgiram como forma de resistência e preservação cultural.

Agora apresente a eles o projeto da turma: “Lutas Brasileiras”. Explique que muitas pessoas conhecem, e até mesmo, praticam lutas de outros países (judô, karatê, muay thai), mas desconhecem a riqueza das nossas próprias lutas brasileiras. E levante a questão com os alunos, de que como podemos, de forma criativa, apresentar e valorizar essas manifestações para a comunidade escolar? Vamos organizar uma 'Feira Cultural: Brasil em Luta'! Cada grupo pesquisará uma luta brasileira (indígena, afro-brasileira ou regional) e apresentará o que aprendeu através de banners, cartazes, objetos, músicas, e, principalmente, uma demonstração prática ou vivência para os visitantes. A feira será aberta para outras turmas, professores e familiares. Essa culminância será realizada em um sábado letivo.

Agora é formar os grupos e sortear os temas. Apresente uma lista de possíveis lutas brasileiras para pesquisa

(garanta diversidade regional e cultural), segue abaixo algumas sugestões:

- **Afro-brasileiras:** Capoeira (BA) e o Maculelê (BA);
- **Indígenas:** Huka-Huka (Alto Xingu/MT), Luta Bodó (RN), Xondaro (luta-guerra dos Guarani) e o Idjassú (luta praticada no Pará);
- **Regionais/Nordestinas:** Luta Marajoara (PA) e o Bumba Meu Boi (MA) – enquanto manifestação que envolve luta simbólica entre o boi e os vaqueiros;
- **Brasileiras adaptadas:** Jiu-Jitsu Brasileiro (BJJ) – explicar a diferença do japonês, Vale-Tudo (origem brasileira).

Para a aula não ficar sem nenhuma prática, a prática do dia será uma luta indígena chamada de Maracá, também conhecida como “Derruba Toco” ou *Patĩumiukay*. Tradicional da etnia Pataxó, localizada na região sudeste e nordeste do Brasil. Como funciona: Divida os alunos em duplas, o ideal que eles tenham pesos e alturas próximos, para tentar equilibrar a força. Terá uma área demarcada e um mini cone, daqueles emborrachados no centro. O objetivo da luta é usar o corpo do oponente para derrubar o cone, que seria o “toco”, ou jogar o oponente para fora da área de luta. Observação: Não vale morder, dedo no olho, tocar partes íntimas, deixe as regras claras, evite situações perigosas e constrangedoras. Se a sua escola não possui um tatame ou se seus alunos não tem vivência de quedas, não deixe dar “bandas”, permita apenas mãos nos ombros. Todos lutam contra todos.

Ao final uma roda de conversa sobre o que eles viram e vivenciaram.

AULA 2 – Atividade proposta: Pesquisa e Imersão Cultural

Desenvolvimento: Roda de conversa inicial lembrando aos grupos seus trabalhos. É interessante o professor ter um calendário, ou com um passo a passo, do que cada semana os grupos tem que estar produzindo para a feira. Após esse bate papo inicial, leve os alunos para a sala de informática ou biblioteca. Se não houver acesso a internet, prepare previamente materiais impressos (textos, imagens, revistas, letras de música) sobre as lutas escolhidas. Cada grupo deve buscar responder a um roteiro de pesquisa aprofundado para organizar o trabalho:

- Nome da luta e região/etnia de origem no Brasil.
- História e Origem: Como e por que surgiu? Está ligada a que povo? Tem relação com resistência, escravidão, tradição indígena?
- Princípios e Valores: O que ela ensina? (resistência, respeito à natureza, ancestralidade, comunidade?)
- **Rituais e Musicalidade:** Tem música? Instrumentos típicos? (berimbau, atabaque, maracá, canto). Tem rituais de entrada? Pintura corporal?
- **Vestimenta/Objetos:** Usa uniforme? Qual o nome? Usa instrumentos? (bastões, facões simulados, cocar?)
- **Curiosidades:** Existe hoje? Onde é praticada? Tem federação? É conhecida no Brasil e no mundo?

Ainda em grupos, os alunos devem começar a planejar como será a apresentação deles na Feira Cultural. Distribua uma folha para cada grupo registrar o planejamento e os materiais necessários.

Atividade prática do dia: Capoeira. Leve a turma para um espaço amplo e treine alguns movimentos básicos da Capoeira (gingado, esquivas, ataques simulados, sem contato). Depois ao final, se eles estiverem animados podemos tentar uma roda. Os participantes batem palmas e cantam ou podemos colocar a música através de

telefones e caixas de som; dois entram na roda para "jogar" capoeira, reproduzindo os movimentos que treinamos. Se o professor não domina os movimentos básicos, não se preocupe, no You Tube, tem gratuitamente, vários vídeos, com passo a passo, para diferentes idades e níveis de aptidão física.

Ao final, roda de conversa sobre a vivência. Essas práticas sempre despertam alguns temas polêmicos, como racismo e preconceito religioso. Uma conversa aberta e franca, respeitando os costumes de cada um e gerando informação, são fundamentais para construirmos uma sociedade mais justa.

AULA 3 – Atividade proposta: Vivências das Lutas Indígenas e Regionais

Desenvolvimento: Comece a aula com uma roda de conversa sobre o que aconteceu na aula anterior e indique que na aula de hoje o enfoque será na regionalidade. Leve a turma para algum lugar reservado, uma sala de luta, dança ou multiuso. Caso sua escola não disponha de nenhum espaço assim, afaste as carteiras. Utilize músicas indígenas (como cantos do Xingu) ou regionais (carimbó, música nordestina) para criar o clima.

Divida a turma em 3 ou 4 estações. Cada estação representa uma luta brasileira diferente. Os grupos circulam pelas estações, vivenciando cada uma por cerca de 8 minutos. Antes deles iniciarem as estações, mas já separados nos grupos, explique o que é cada estação, cada luta, regras básicas. **Estação 1 – Huka-Huka (Luta Indígena do Xingu):** Explique que é uma luta tradicional dos povos do Alto Xingu, praticada durante o Quarup (ritual fúnebre). Os guerreiros se enfrentam em duplas, de joelhos ou agachados, tentando derrubar o oponente.

Vivência: Em duplas, de joelhos, segurar nos ombros do colega e tentar desequilibrá-lo (sem violência, com controle). Depois, agachados, tentar puxar o colega para frente (jogo de força controlado). Lembre-se de colocar informações visuais nas estações. **Estação 2 – Luta Marajoara (Luta da Ilha do Marajó/PA):** é uma luta praticada na areia, herança dos povos marajoaras. Os competidores usam tangas e tentam derrubar o oponente com técnicas de projeção. **Vivência:** Em duplas, em um colchonete ou areia (se houver), praticar quedas controladas: um tenta imobilizar o outro no chão por alguns segundos (com cuidado e combinando previamente quem será o "atacante"). Muita atenção nesta estação. Diminua a dificuldade se você não sentir confiança.

Estação 3 - Maculelê (Dança-luta com Bastões): Explique que é uma representação de luta com facões ou bastões, de origem africana, muito praticada na Bahia. **Vivência:** Em duplas, com bastões (cabos de vassoura revestidos, ou pedaço de cano pvc, ou ainda, metades de macarrões de piscina), praticar o ritmo básico: bater no bastão do colega (alternando direita/esquerda), bater no chão, cruzar. Tentar uma pequena coreografia em círculo.

Todos passam por todas as estações. Dependendo do tamanho da turma, faça outras estações, repetindo as das aulas anteriores ou colocando outras diferentes. Só o professor, que conhece a sua turma, vai poder avaliar o que melhor se aplica a nível de segurança e motivação para sua turma. Ao final eles podem escolher qual estação gostaram mais e ficar mais tempo nela.

Uma roda de conversa final relembrando os conceitos aprendidos e experimentados.

AULA 4 – Atividade proposta: Preparação das Apresentações

Desenvolvimento: Como sempre, roda de conversa sobre o que foi feito nas ultimas aulas, depois, separe nos grupos e peça que eles revisarem as anotações da pesquisa e o planejamento da apresentação. Eles devem agora definir quem fará cada parte: pesquisa escrita, cartaz, demonstração prática, explicação oral.

Cada grupo começara a produzir seus materiais visuais. Disponibilize cartolinas, papel pardo, revistas

para recorte, tesoura, cola, canetinhas, tinta, etc. Eles podem utilizar a internet e aos materiais de pesquisa. Auxilie-os para que as informações do roteiro de pesquisa fiquem organizadas de forma atrativa. Convide outros professores a participarem deste projeto, contribuindo também. Deixe separado uns 20-30 minutos para essa parte.

Agora eles terão de 20-30 minutos para ensaiar as apresentações das lutas, que devem durar de 2-4 minutos. Repasse com eles os pontos. Caso o grupo prefira, podem se dividir, uns fazem os cartazes e outros a apresentação. O importante é que todos entendam as partes e o que os elementos se interligam.

AULA 5 – Atividade proposta: Revisando e Ensaio Geral

Desenvolvimento: Hoje como a aula será corrida, a roda de conversa será no esquema fala fazendo. Eles vivenciarão de 5-8 minutos cada prática que já tiveram. Ajuste o tempo ao número de práticas ou escolha as que eles mais gostaram. Enquanto eles forem fazendo, você vai falando os pontos fortes, informações importantes, tirando dúvidas e corrigindo erros. Depois desse momento inicial de catarse. Pausa pra água e arrume a sala, a quadra ou o pátio como se fosse o dia da Feira Cultural. Defina onde cada grupo irá expor seu “banner” e onde fará sua demonstração prática. Cada grupo terá de 7 a 10 minutos para se apresentar para a turma (que fará o papel de plateia e de visitantes). Após cada apresentação, os colegas da turma podem fazer perguntas ou dar sugestões de melhoria (feedback construtivo). O professor orienta: "Falem mais alto, olhem para a plateia, expliquem o significado dos movimentos, cuidado com a segurança".

Ao final uma roda de conversa sobre os ajustes finais e os combinados para o grande dia.

AULA 6 – Atividade proposta: A Grande Feira Cultural "Brasil em Luta"

Desenvolvimento: Como é uma festividade, terá mais professores para ajudar a montar o espaço. Porém, chegue mais cedo ou reserve os primeiros minutos para ajudar os grupos a montarem seus estandes: fixar banners, organizar materiais (bastões, berimbau, objetos), preparar a música ambiente (se houver caixa de som), se prepararem.

Cada grupo deve estar caracterizado ou ter elementos que remetam à sua luta (pode ser uma fitinha no braço, um cocar de papel, pintura facial simples – com tinta lavável). Cuidado para não caricaturarem a luta. O simples bem feito é sempre mais bonito.

As turmas se reúnem. O professor ou diretor faz uma breve fala de abertura, explicando aos visitantes o que é a Feira, como ela foi construída e a importância de valorizar a cultura brasileira. Ao longo da construção das aulas, se os alunos tiverem direitos de imagem autorizados, pode-se tirar fotos, imprimir, e no dia da feira expor, como uma linha do tempo para a culminância.

➤ Apresentações e Circulação (40 min):

- Os visitantes (outras turmas, professores, funcionários, pais) circulam pela Feira;
- Os grupos, posicionados em seus estandes, apresentam seus trabalhos, explicam sobre a luta pesquisada e, em momentos combinados, fazem suas demonstrações práticas em um local específico ou palco.
- Alguns grupos podem convidar os visitantes para experimentar um movimento: gingar na capoeira, bater bastão no maculelê, tentar desequilibrar no Huka-Huka (com cuidado) no próprio estande.

Importante: O professor circula, observa, apoia e garante a segurança e a fluidez das apresentações.

Na aula seguinte, reúne-se em uma roda de conversa franca sobre o evento. O que pode melhorar, o que eles acharam, o que foi muito bom, qual foi a percepção dos responsáveis. Eles respondem uma autoavaliação sobre o tema.

Exemplo 3 – Aprendizagem Baseada em Equipes (ABE/TBL) – Esportes de Rede e Parede - 8º ano

Objetivo geral: Compreender, vivenciar e analisar os fundamentos técnicos e táticos dos esportes de rede e parede (Vôlei, Badminton, Tênis de Mesa, Squash e Padel), desenvolvendo habilidades de trabalho em equipe, tomada de decisão coletiva e respeito às diferenças individuais.

Objetivo Específico: 1) Identificar as características comuns e específicas dos esportes de rede e parede (quadra dividida ou com parede, rede, raquetes, petecas, bolas); 2) Vivenciar diferentes modalidades, mesmo que de forma adaptada, em um contexto lúdico e contextualizada; 3) Desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, tomando decisões táticas coletivas para resolver problemas do jogo; 4) Analisar criticamente as próprias habilidades e as dos colegas, oferecendo e recebendo feedbacks construtivos.

Com base na BNCC contempla os seguintes artigos do texto: **EF89EF01, EF89EF02, EF89EF03 e EF89EF04.**

AULA 1 – Atividade proposta: Avaliação diagnóstica e Introdução ao Tema

Desenvolvimento: Na aula anterior ou no início desta, o professor deve solicitar uma rápida pesquisa individual: *"Para a próxima aula, cada um de vocês deve pesquisar e trazer anotado: Quais esportes vocês conhecem que utilizam uma rede ou uma parede para jogar? Traga pelo menos 3 exemplos e, se possível, uma curiosidade sobre um deles."*

A aula sempre inicia com uma roda de conversa. Pergunte: "O que vocês trouxeram? Quais esportes de rede e parede vocês conhecem?" Anote as respostas no quadro. Liste as modalidades que surgirem: Vôlei, Tênis, Badminton, Tênis de Mesa, Squash, Padel, Peteca, Vôlei de Praia, etc. Explique a diferença básica: Esportes de rede (quadra dividida por uma rede, como vôlei e tênis) e esportes de parede (utilizam uma ou mais paredes, como squash e pelota basca).

Em seguida, divida a turma em equipes de 4 a 5 alunos (buscando o máximo de heterogeneidade possível: misturar meninos e meninas, alunos com mais e menos habilidade). Peça que cada equipe escolha um nome e um "capitão" (que será o porta-voz e ajudará na organização, esse capitão ou capitã, pode mudar semanalmente). Eles devem anotar os nomes dos integrantes e te entregar.

Distribua para cada equipe um conjunto de cartões, ou imagens, com diferentes esportes de rede/parede e incluindo alguns que não são, para confundir mesmo, como por exemplo: Futebol, basquete, handebol, entre outros. Desafio: As equipes têm 10 minutos para classificar os esportes em três categorias: 1) Esportes de Rede, 2) Esportes de Parede e 3) Não se enquadra. Caso eles já tenham estudado alguma outra categoria de esporte você pode colocar essa categoria. Durante a atividade, o professor circula entre as equipes, observando a discussão e a tomada de decisão coletiva, mas sem dar as respostas. Quanto maior o número de cards, e maior a variedade de esportes, maior será a dificuldade deles.

Atividade prática do dia: Leve a turma para a quadra ou espaço amplo. Proponha um jogo de "Vôlei com Lençol" ou "Vôlei com Balão". Divida o espaço em duas ou três quadras improvisadas com uma rede (ou corda) no meio. Cada equipe (formada na etapa anterior) enfrentará outra equipe. Elas vão fazendo um rodízio entre elas, onde todas enfrentam todas. As variações são: ou você usa o lençol que pode ser um pedaço de tnt cortado

1mx1m ou pode-se usar um bolão daqueles que se vende em banca de jornal, super leve. Caso você tenha as duas opções, você pode fazer em dois momentos.

Ao final roda de conversa sobre as atividades, estratégias utilizadas, e já deixar o gancho para a próxima aula: "Na próxima aula, vamos nos aprofundar no vôlei. Cada equipe deve pesquisar e trazer anotado: *Quais são as posições dos jogadores no vôlei (levantador, central, ponteiro, líbero) e qual a função de cada uma?* ".

AULA 2 – Atividade proposta: Vôlei

Desenvolvimento: Em pequenos grupos, eles devem compartilhar o que pesquisaram sobre as posições do vôlei. Depois, divididos nas equipes, o professor pode fazer perguntas sobre o vôlei e eles tem que fazer uma corrida, um estafeta, um exercício de aquecimento para responder, ou quem não responder faz o exercício.

Após esse primeiro momento mais lúdico, vamos entrar num aquecimento mais específicos: Em duplas, ou quartetos, conforme a quantidade de materiais, os alunos farão uma média de 10 min divididos de toques e manchetes. Depois, desafio em equipe, jogo das posições: Monte miniquadras de vôlei ou divida o espaço que você tiver disponível em minis quadras, o objetivo é que eles tentem trabalhar a ideia do rodizio, ou você pode focar que eles trabalhem a ideia de alguma posição específica, vai depender do nível de domínio da turma.

Ao final da aula os alunos se reúnem e temos uma roda de conversa sobre o que eles acharam e o professor planta a semente da próxima aula: "Na próxima aula, vamos conhecer o Badminton. Cada equipe deve pesquisar: Quais as regras básicas do Badminton? Como se conta pontos? ".

AULA 3 – Atividade proposta: Badminton e Tênis de Mesa

Desenvolvimento: Roda de conversa sobre os fundamentos discutidos do vôlei e a verificação rápida da pesquisa sobre badminton. Na sequência, o professor mostra imagens ou vídeos curtos de golpes do badminton.

Atividade Prática do dia: Vamos supor que sua escola possua duas mesas de tênis de mesa e um espaço próximo. Vamos dividir o grupo em dois. Um grupo vai começar nas mesas de tênis de mesa e um outro vai começar no badminton, eles vão ficar 15-20 minutos em cada, depois troca. Antes desse grupo se dividir, faça de 8 à 10 minutos alongamentos e aquecimento cardiovasculares gerais. Deixe inicialmente eles sentirem a raquete, o contato com a bola ou o volante(peteca), e aos poucos vai introduzindo as informações sobre empunhadura, four hands, entre outras técnicas. Se você tiver pouco material na escola. Uma forma de aproveitar o tema, é usar um grupo com peteca e frescobol, pois são itens mais baratos e pertencentes a cultura popular.

Ao final, roda de conversa sobre o que eles acharam de cada um, dificuldades, e deixamos como temática para a próxima aula: O que é Squash? Como se joga? Quais as principais regras? ". Esse é um exemplo, você pode usar um outro esporte.

AULA 4 – Atividade proposta: Esportes de Parede – Squash Adaptado

Desenvolvimento: Roda de conversa inicial lembrando o que foi discutido na aula anterior e o que foi combinado para esta aula. Compartilhamento das pesquisas sobre Squash. Como é o jogo? Onde se joga no Brasil?

Atividade prática do dia: Vivência do Squash Adaptado.

Explicação e Demonstração: Mostre um vídeo curto de uma partida de Squash. Explique a lógica: a bola deve quicar na parede frontal e pode quicar uma vez no chão. Destaque a importância do posicionamento e da

antecipação.

Vivência com Adaptação: Utilize uma parede lisa e grande (da quadra ou do pátio), raquetes de frescobol e bolas de borracha.

Atividade 1 – Rebater na Parede: Individualmente ou em duplas, os alunos rebatem a bola na parede, tentando acertar um alvo (um círculo desenhado com giz) ou mantendo um ritmo constante.

Atividade 2 – Jogo de Parede em Duplas (Desafio em Equipe):

Regras simplificadas: Dois jogadores (ou duas duplas, em revezamento) se posicionam de frente para a parede. Um saca (a bola deve quicar no chão e depois na parede). O adversário deve rebater a bola após ela quicar no chão (no máximo um quique) e acertar a parede. Vale ponto se o adversário não conseguir rebater ou acertar a parede.

O desafio: "Como vocês podem usar a parede para dificultar a vida do adversário? (bater mais forte, bater com efeito, explorar os cantos)".

Dependendo do nível da turma, você pode desmembrar essa aula em três.

Roda de conversa ao final ressaltando questões como: "O que vocês acharam dessa modalidade? Qual a principal dificuldade? Como a parede muda a lógica do jogo em comparação com os esportes de rede?". Para a próxima aula: "Na próxima aula, cada equipe será responsável por ensinar um esporte para a turma. Vou sortear agora qual esporte cada equipe vai preparar: Vôlei, Badminton, Tênis de Mesa ou Squash. Vocês terão que planejar uma aula de 15 minutos para os colegas, mostrando os fundamentos básicos e organizando uma atividade prática." (Faça o sorteio).

AULA 5 – Atividade proposta: Preparação e Ensaio das Aulas

Desenvolvimento: Iniciamos a aula com uma roda de conversa lembrando o que já foi trabalhado e separando eles nos grupos. Nesta primeira parte da aula, as equipes se reúnem com base no esporte que sortearam na aula anterior. O professor entrega um roteiro simples para auxiliar o planejamento da "miniaula" que eles darão na próxima aula, esse roteiro deve conter informações como: O que fazer para aquecer? Qual fundamento será trabalhado? Quais atividades os colegas vão fazer para treinar este fundamento? Quais materiais são necessários? Determine um tempo para esta primeira fase.

Para a segunda parte, eles devem ter entre 20-30 minutos, onde eles vão treinar tanto a execução quanto a explicação das atividades que planejaram. O professor circula entre as equipes, auxiliando, tirando dúvidas e garantindo que as atividades propostas sejam seguras e adequadas.

Roda de conversa final, reúna os grupos reforce os critérios que serão utilizados para avaliação dos grupos, relembre a ordem de apresentação e os temas.

AULA 6 – Atividade proposta: Feira de Esportes de Rede e Parede

Desenvolvimento: Roda de conversa inicial lembrando a ordem de apresentação e determinando em qual espaço cada equipe vai precisar. Vamos frisar que nem toda escola possui espaço suficiente para já deixar todas as estruturas montadas. Se preciso, fracione essas aulas em duas.

A turma se organiza nas equipes, separa e confere os materiais necessários, verifica os espaços e já deixa montado, se possível.

Cada equipe terá entre 12 até 15 minutos para dar a aula do seu esporte sorteado. Durante sua apresentação, ela deve: explicar o esporte e o fundamento escolhido, demonstra o movimento (se necessário) e organiza os colegas para a atividade prática. O restante da turma participa ativamente, respeitando os "professores" do dia.

Essas atividades onde os alunos vivenciam o lugar de professor são interessantes, pois, eles veem como é difícil manter a atenção da turma.

O professor observa, anota, media se necessário, mas deixa a condução principal com a equipe. É o momento de avaliar o trabalho em equipe e a aplicação dos conceitos. Vocês podem criar uma ficha avaliativa anteriormente para que fique ainda mais claro quais serão os critérios avaliados.

Parte três da aula: Cada equipe se reúne e responde a uma autoavaliação. Você pode usar respostas discursivas, ou números de 1 à 10, ou conceitos, a ideia é que eles consigam perceber essas questões sobre a própria atuação: "O que funcionou bem na nossa aula?"; "O que poderíamos ter feito melhor?". "Como foi trabalhar em equipe para planejar tudo isso?".

Depois uma roda de conversa final sobre a sua visão junto com a percepção deles. Estimular a participação democrática, a colocação e o respeito a fala e a opinião dos alunos é parte da construção de um cidadão crítico.

Exemplo 4 – Metodologia da Problematização – Danças Urbanas - 7º ano

Objetivo Geral: Compreender as Danças Urbanas como manifestação cultural, social e artística, identificando seus diferentes estilos, contextos históricos e potencial de transformação social, partindo de um problema gerador para estimular a pesquisa, a reflexão crítica e a experimentação prática.

Objetivo Específico: 1) Identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as danças urbanas (K-pop, break, hip-hop, etc.) e levantar questionamentos sobre o tema; 2) Experimentar movimentos básicos de diferentes estilos de danças urbanas, analisando as dificuldades e potencialidades de cada um; 3) Refletir sobre o papel das Danças Urbanas como forma de expressão, resistência cultural e inclusão social, propondo soluções criativas para um problema identificado na comunidade escolar.

Com base na BNCC contempla os seguintes artigos do texto: EF67EF11, EF67EF12 e EF67EF13.

AULA 1 - Atividade proposta: Avaliação diagnóstica

Desenvolvimento: Comece a aula perguntando: "O que vocês entendem por Danças Urbanas? Onde elas são dançadas? Quem dança? Vocês conhecem algum estilo?" Deixe que eles falem livremente sobre o que sabem, seja de videocliques, redes sociais, filmes ou experiências próprias. Anote as palavras-chave no quadro ou caso sua escola tenha lousa digital que tal fazer uma nuvem de palavras!

Após essa conversa inicial, apresente a seguinte situação-problema que norteará as próximas aulas: *"Na nossa escola, muitos alunos e professores têm uma visão preconceituosa ou estereotipada sobre as Danças Urbanas, achando que é 'coisa de malandro', 'barulho' ou 'falta do que fazer'. Como podemos, enquanto turma, criar uma ação para desconstruir esses preconceitos e mostrar a importância cultural e das Danças Urbanas para a comunidade escolar?"*. Você pode mudar os elementos da questão, mas lembrem-se de propor um problema a ser resolvido através da dança.

Mostre um vídeo curto (3-5 minutos) que contraste diferentes visões: um clipe de dança de rua em um contexto de competição (como a *Red Bull BC One*) e uma cena de filme ou documentário que mostre a dança como ferramenta social em comunidades (ex: trecho do filme *"Hip Hop - A Cultura de Rua"* ou documentários sobre o projeto *"Dançando Para Não Dançar"*) – se você jogar no YouTube vão aparecer vários filmes assim. Atividade prática do dia: Caso sua escola possua um espaço reservado ótimo, senão afaste as carteiras, para essa brincadeira dar certo é necessário que os alunos se sintam a vontade. "Espelho Dançante", em duplas, um faz um movimento livre e o outro tenta imitar. Depois, peça que tentem imitar movimentos que lembrem danças urbanas, mesmo que de forma intuitiva, para começar a se conectar com o tema corporalmente.

Na roda de conversa final sobre a atividade, divida os alunos em grupos. E no decorrer das aulas iremos trabalhar os tipos de danças urbanas.

AULA 2 - Atividade proposta: Investigação Teórica

Desenvolvimento: Roda de conversa com retomada das questões abordadas na aula anterior. Na aula desse dia você irá organizar a sala (ou biblioteca/sala de informática) em 4 estações de pesquisa, com materiais impressos, tablets ou acesso a sites previamente selecionados por você. Cada estação aborda um aspecto:

- **Estação 1 - Origem e História:** Qual a origem das danças urbanas? Selecione os tipos que eles mostraram mais interesse. Em que contexto social e cultural elas surgiram?

- **Estação 2 - Elementos da Cultura Hip-Hop:** Como as Danças Urbanas se relacionam com os outros elementos da cultura Hip-hop (o MC, o DJ e o Grafite)?
- **Estação 3 - Danças Urbanas no Brasil:** Como essas danças chegaram e se desenvolveram no Brasil? Quais as características da nossa dança de rua?
- **Estação 4 - Dança como Ferramenta Social:** Existem projetos sociais que usam a dança urbana? Quais os benefícios (social, físico, emocional) apontados por esses projetos?

Separados nos mesmos grupos da aula anterior, os alunos vão circular pelas estações, anotar as informações mais importantes e, ao final, construir um grande mapa do grupo em uma folha de papel pardo, relacionando as informações das quatro estações com o problema gerador. Esse mapa será mexido ao longo das aulas.

Atividade prática do dia: No final da aula, ensine um passo básico e icônico das Danças Urbanas: o "*Top Rock*" (passos básicos feitos em pé, característicos do Breaking). Todos tentam reproduzir, primeiro sem música e depois com uma batida de Hip-hop. Sugestão de vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=BonajVkVaEA>.

AULA 3 - Atividade proposta: Vivenciando Diferentes Estilos

Desenvolvimento: Roda de conversa inicial, pergunte se depois das informações e vivências, se a visão deles sobre as danças urbanas começou a mudar. A aula será uma grande oficina prática. O professor atuará como mediador, apresentando movimentos simples de diferentes estilos, sempre com comando verbal claro e respeitando os limites de cada um. Você não precisa ser um grande dançarino, use da criatividade, use vídeos, um aluno que tenha mais desenvoltura, chame um colega para ir a sua escola, seja criativo!

- Aquecimento (10 min): Alongamento dinâmico ao som de Hip-hop ou algum outro estilo de dança urbana.
- Bloco 1 (15 min): Breaking – Vamos revisar os passos aprendidos na aula anterior e incluir o “Six-Step” (movimento básico no chão) e o “Freeze” (Pose de parada).
- Bloco 2 (15 min): Locking - Apresentar o movimento principal, o "*Lock*" (parada brusca com os braços), e o "*Point*" (apontar com estilo e energia). Explorar a expressão facial divertida característica do estilo.
- Bloco 3 (15 min): Popping - Experimentar a técnica de contração e relaxamento muscular (o "*hit*" ou "*pop*") e tentar fazer a "*onda*" com os braços e o corpo.

Roda de conversa final, reúna a turma e pergunte: "Qual estilo vocês acharam mais difícil? Mais divertido? Qual deles se aproxima mais do que vocês imaginavam? Como a prática corporal ajuda a entender melhor a cultura que pesquisamos na última aula? Você pode alterar os passos, o estilo conforme a turma. Como disse, e todos você acha o passo a passo no YouTube.

AULA 4 - Atividade proposta: "Batalha de Ideias e de Passos"

Desenvolvimento: Comece a aula em uma roda de conversa retomando algumas ideias que eles deixaram. Hoje vamos problematizar a dança. Exiba agora dois vídeos que aprofundam o problema.

Vídeo 1: Um *Batalha do Passinho* que mostre a rivalidade, mas também o respeito e a criatividade.

Vídeo 2: Um trecho de uma apresentação artística ou performance de dança urbana em um teatro ou programa de TV, mostrando a profissionalização e a arte.

Em seguida, promova um debate com questões como: 1) A 'batalha' é uma briga? Qual a diferença entre a rivalidade da dança e uma briga de rua?; 2) "A dança urbana pode ser considerada uma arte como o balé? Por

quê?"; 3) "Por que, mesmo com toda essa arte e história, ainda existe preconceito? Será que a mídia mostra a dança de vocês (nas redes sociais, por exemplo) de forma diferente da que mostramos nos vídeos? Isso influencia o preconceito?".

Atividade prática do dia: Em grupos, os alunos devem preparar uma pequena sequência coreografada que será apresentada na próxima aula. Eles podem usar os movimentos que aprenderam ou criar outros. O objetivo não é a qualidade técnica, mas a capacidade de expressar uma ideia com o corpo. Eles terão o restante da aula para ensaiar.

AULA 5 - Atividade proposta: Planejamento da Ação de Intervenção

Desenvolvimento: O professor relembra o que foi discutido na aula anterior e o que ficou combinado para esta aula. Cada grupo apresenta sua pequena sequência coreográfica criada na aula anterior.

Volte ao problema inicial: *"Como podemos desconstruir os preconceitos sobre as Danças Urbanas na escola?"*. Agora, munidos de pesquisa, vivência e reflexão, a turma vai, coletivamente, pensar em possíveis ações de intervenção. O professor media e anota todas as ideias no quadro. Exemplos de ações possíveis:

- Organizar uma pequena mostra de dança (um *evento*) no intervalo.
- Criar cartazes explicativos sobre a história e a cultura das Danças Urbanas para colocar nos corredores.
- Produzir um vídeo curto (para as redes sociais da escola ou para ser passado nas TVs dos corredores) com depoimentos dos alunos e cenas das danças.
- Fazer uma apresentação na aula de Arte ou em uma reunião de pais.

A turma escolhe uma das ideias por votação. Em seguida, organiza-se em comissões/grupos de trabalho para planejar a ação escolhida. O professor media essa organização. Os alunos tem o restante da aula para preparar este evento e dançar!

AULA 6 - Atividade proposta: Assistir a um filme e a Ação final planejada.

Desenvolvimento: A turma vai fazer a ação final que preparou. Podemos colocar também um dia de cinema com pipoca. Filmes como *Hairspray*, *Billy Elliot*, entre outros, trazem a questão do preconceito dentro da dança. E podem ser assistidos por uma larga faixa etária. Eles podem fomentar a discussão e contribuir para o debate.

Lembrando que essas aulas podem ser fragmentas, adaptadas e até mesmo alongadas dependendo do seu contexto escolar. O principal papel deste material é fornecer ferramentas para que professores consigam dar o pontapé inicial em alguns temas desafiadores.

Exemplo 5 – Rotação por Estação – Ginástica de condicionamento físico e conscientização corporal - 9º ano

Objetivo geral: Vivenciar e analisar criticamente diferentes práticas corporais relacionadas à ginástica de condicionamento físico e de conscientização corporal, compreendendo seus objetivos, métodos e contribuições para a saúde e o bem-estar.

Objetivos específicos: 1) Compreender a diferença conceitual entre ginástica de condicionamento físico e de conscientização corporal; 2) Experimentar as cinco modalidades diferentes em um circuito de estações; 3) Comparar as diferentes sensações e objetivos das modalidades; 4) Sistematizar as diferenças e semelhanças entre as duas vertentes da ginástica.

Com base na BNCC contempla os seguintes artigos do texto: EF89EF10 e EF89EF11

AULA 1 - Atividade proposta: Avaliação diagnóstica

Desenvolvimento: Roda de conversa para levantar conhecimentos prévios, como por exemplo: “O que vocês entendem por ginástica? Qual a diferença entre uma aula de alongamento e um treino HIIT? Alguém já praticou Yoga? Após essa conversa inicial, apresentar os objetivos do trimestre e o conceito do que são ginásticas de condicionamento físico e ginástica de conscientização corporal. Sugestão prática do dia: uma aula de alongamento na própria sala de aula. Dividir a turma em 5 grupos, cada grupo ficará responsável por pesquisar e trazer impresso o conceito de um determinado tipo de ginástica (yoga, alongamento, caminhada, hiit e treino de força) e terá que montar uma aula para a turma sobre esse tipo.

AULA 2 - Atividade proposta: Circuito das atividades

Desenvolvimento: Relembrar o que foi discutido na aula anterior. Dividir a turma em 2 grupos. Explicar que cada grupo começará em uma estação e, que depois os grupos trocarão de lugar. O grupo 1 vai começar fazendo uma caminhada pela quadra da escola ou o espaço utilizado para aula. A cada comando do professor, eles terão que intensificar a caminhada ou relaxar o ritmo.

Já o grupo 2, irá realizar um treinamento em circuito com um protocolo Tabata 40 x 20, ou seja, a cada 40 segundos, um sinal sonoro indicará a rotação para a estação seguinte, os alunos tem 20 segundos para fazer essa rotação – abaixo segue sugestão de atividades. As instruções de cada exercício do circuito devem estar impressas e visíveis. Ex:

Exercício 1 – Polichinelo

Exercício 2 – Agachamento sumo

Exercício 3 – Corrida Estacionária

Exercício 4 – Spro

Exercício 5 – Abdominal Supra ou Canivete

Exercício 6 – Corrida Lateral

Exercício 7 – Passada alternada

Exercício 8 - Flexão de braço com ou sem apoio de joelho

Um breve alongamento dinâmico e ativação cardiovascular leve para os dois grupos com duração média de 8-10 minutos antes deles darem início nas estações. Após os grupos passarem nas duas estações, roda de

conversa sobre os efeitos que eles sentiram, o que eles acharam, se foi fácil, ou difícil e assim sucessivamente.

AULA 3 - Atividade proposta: Yoga

Desenvolvimento: Serão repassadas as informações expostas na aula anterior. Caso a escola disponha de um espaço mais reservado, preferencialmente com tatames ou colchonetes, caso não, faremos na sala de aula dos alunos, abrindo espaço com as mesas e carteiras. É importante criar um ambiente acolhedor para essa prática, coloque uma música baixa, introspectiva, se possível baixe a iluminação, existem posições da yoga fáceis em pé e deitadas. A escolha se dará em função do espaço disponível. Existem alguns canais no YouTube que são gratuitos e tem a opção de mostrar essas posições. Abaixo deixo um link. Aula prática de yoga com duração de 20-30 minutos, depois uma aula de alongamento, também com duração de 20-30 minutos.

Como a realidade de cada escola varia, se você tiver a disponibilidade de colocar a metade dos alunos em um outro espaço, seria perfeito. Então enquanto um grupo experimenta a yoga o outro estaria fazendo uma caminhada. Você pode preparar uma planilha indicando a tabela de esforço e o tempo que eles têm que ficar em cada nível.

Após o tempo combinado, troca-se os grupos e depois uma roda de conversa final sobre a experiência.

AULA 4 - Atividade proposta: Circuito

Desenvolvimento: Começa a aula com uma roda de conversa lembrando o que foi abordado nas aulas anteriores. Depois vamos a prática do dia. A turma será dividida em 5 grupos, será necessário um espaço grande para a prática, a ideia é que cada estação tenha uma das nossas atividades sugeridas: Caminhada, Yoga, Alongamento, HIIT e Circuito Funcional. Os alunos irão ficar de 8-10 minutos em cada estação, que irá trocar ao comando do professor. Em cada estação eles encontraram ilustrações sobre o que irão fazer naquele espaço. Ao final do treino uma grande roda de conversa sobre as práticas.

AULA 5 - Atividade proposta: Circuito

Desenvolvimento: Começa a aula com uma roda de conversa lembrando o que foi abordado nas aulas anteriores. Depois vamos a prática do dia. A turma será dividida em 5 grupos novamente, será necessário um espaço grande para a prática, a ideia é que cada estação tenha atividades de alta intensidade e eles façam um descanso entre as estações para recuperar. Como trabalhamos com margem de segurança porque é escola e não dispomos de segurança, essa alta intensidade não chega a 90%, mas um pouco mais forte do que seria uma aula normal.

Como eles já fizeram cada estação anteriormente, eles já chegam mais familiarizados com as atividades. Em cada estação, além da atividade prática, haverá um pequeno cartão com uma pergunta para ser discutida no grupo durante a prática, estimulando a reflexão.

Convide o professor de ciências para participar, um trabalho em conjunto fortalece o conhecimento e aumenta o engajamento dos alunos.

Estação 1 (Circuito) - "Como está sua respiração? Muito ofegante? Isso é o esperado para um exercício de condicionamento?"

Estação 2 (Yoga) - "Qual parte do corpo você precisa tensionar mais para manter o equilíbrio ou a postura?"

Estação 3 (Caminhada) - "Se o objetivo é melhorar a resistência cardiovascular, como poderíamos tornar essa caminhada mais intensa?"

Estação 4 (Alongamento) - "O que você sente no músculo quando ele está sendo alongado? Desconforto ou dor?"

Estação 5 (HIIT) - "Por que será que esse tipo de treino alterna esforço máximo e descanso?"

Ao final roda de conversa para responder as questões.

AULA 6 - Atividade proposta: Grande Circuito de estações

Desenvolvimento: A aula vai começar com uma grande roda de conversa com os grupos apresentando seus trabalhos e suas conclusões sobre os tipos de ginásticas estudadas durante o período. O professor pode ir escrevendo no quadro as diferenças e destaques que eles forem apontando. Após esse primeiro momento, cada grupo irá passar uma estação de alguma dessas atividades para a turma, esse material já terá sido avaliado anteriormente pelo professor e eles podem consultar na hora. Serão estações de 8-10 minutos para cada grupo. Ao final outra roda de conversa e uma avaliação (que pode ser oral ou por escrito) que responda a seguinte questão: "Depois de todas essas vivências, como vocês responderiam à pergunta: como a prática da ginástica de conscientização corporal e de condicionamento físico pode contribuir para a melhoria das condições de vida e do cuidado consigo mesmo?"

Exemplo 6: Gamificação – Corrida de orientação (Prática Corporal de Aventura) - 9º ano

Objetivo geral: Vivenciar a corrida de orientação de forma lúdica e significativa, compreendendo seus fundamentos técnicos e desenvolvendo habilidades socioemocionais como trabalho em equipe e respeito ao meio ambiente.

Objetivo específico: 1) Compreender o conceito e a história da corrida de orientação, identificando seus elementos básicos; 2) Aprender a interpretar a simbologia de um mapa e os conceitos básicos de escala e ponto de referência; 3) Compreender o funcionamento da bússola e sua integração com o mapa.

Com base na BNCC contempla os seguintes artigos do texto: EF89EF04, EF89EF06 e EF89EF07.

AULA 1 - Atividade proposta: Apresentação do tema

Desenvolvimento: Roda de conversa com o objetivo de levantar os conhecimentos prévios deles com perguntas como: "Como vocês se orientam no dia a dia?", "O que é uma corrida de orientação?". Exibir um vídeo curto que mostre a prática do esporte em meio à natureza. Explicar a origem militar do esporte no Brasil e seu objetivo principal.

Após esse montão inicial, apresentar uma narrativa do “tesouro perdido”, crie uma história lúdica. Acredite, eles sabem que é mentira, mas adoram! Divida a turma em equipes. Cada equipe escolhe um nome e recebe seu "Diário de Bordo" (um caderno ou pasta) e o "Passaporte do Explorador" (cartão para registrar os selos).

Atividade prática do dia: Cada equipe recebe um "enigma" (um texto ou imagem) que precisa ser resolvido com a leitura de um material de apoio (pequeno texto impresso sobre o esporte). O enigma deve conter perguntas como: "Qual o principal objetivo da corrida de orientação?" e "Quais os instrumentos básicos para praticá-la?". A equipe que der a resposta correta primeiro ganha o "Selo do Conhecimento" – que pode ser um carimbo ou uma rubrica. Eles têm que ir juntando esses “selos”, uma pessoa da equipe registra o ocorrido no “diário de bordo”.

AULA 2 - Atividade proposta: Apresentação os mapas

Desenvolvimento: Roda de conversa sobre o que foi falado na aula anterior. Depois explicar o que são os pontos de referência e propor um desafio relâmpago de 1 minuto. A equipe tem que identificar e listar quantos pontos de referência (árvores, postes, bancos) existem no entorno da quadra? Valendo um “selo”.

Após esse momento, o professor vai apresentar um mapa de orientação simplificado da escola (que o professor deve preparar previamente). Existem alguns sites que fazem, ou mesmo fotos do satélite aérea servem. Depois explicar os elementos: título, escala, legenda (simbologia de cores e formas), orientação (norte) e pontos de controle.

Um outro desafio para o dia: distribuir cópias desse mapa e pedir que as equipes localizem e marquem onde estão alguns pontos (quadra, cantina, árvore grande, poste). A equipe que marcar tudo corretamente ganha o "Selo do Cartógrafo".

Peça que eles façam um mapa da escola com a maior riqueza de detalhes possíveis.

AULA 3 - Atividade proposta: Construindo o mapa

Desenvolvimento: Roda de conversa sobre o que aconteceu na aula anterior, contagem dos selos das equipes, e apresentação dos mapas de cada um. Cada equipe vai escolher o melhor mapa e melhora-lo. O melhor mapa desenvolvido por eles, ganha um “selo”.

Após esse momento o professor os leva para a quadra, lá ele já vai ter espalhado cartões com os símbolos do mapa (azul = água, verde escuro = vegetação densa, círculo = ponto de controle, etc.). As equipes, com o mapa em mãos, devem correr para coletar os símbolos e colá-los na legenda correta de um cartaz. Vence a que completar a legenda corretamente no menor tempo.

Depois novamente roda de conversa sobre os pontos apresentados.

AULA 4 - Atividade proposta: Conhecendo a bússola.

Desenvolvimento: Roda de conversa sobre a aula anterior. Apresenta-se a bússola, explica seu funcionamento e complementa com a explicação sobre a rosa dos ventos e os pontos cardeais. Tem um aplicativo muito popular chinês que você encontra 12 bússolas por R\$20. Convide o professor de geografia para abraçar essas aulas, um trabalho integrado aumenta o engajamento e a participação do coletivo.

Brincadeira da Bússola Humana: em bússola? Sem problemas! Em duplas, um aluno venda os olhos do outro. O professor dá um comando de direção (ex: "dê 3 passos para o Norte"). O aluno vendado tenta executar, enquanto seu guia o ajuda com comandos verbais, mas sem tocar. Depois, trocam os papéis.

Em círculo, o professor coloca cartões com os pontos cardeais no chão. Ao gritar um ponto, os alunos devem correr e tocar no cartão correto.

Agora vamos começar a juntar a bússola e o mapa. Com o mapa da escola em mãos, as equipes recebem uma lista de trajetos (ex: "da quadra para a cantina, siga para o Norte"; "do portão principal para o pátio, siga para o Leste"). Usando uma bússola (real ou o sol como referência) e o mapa, devem validar ou corrigir as afirmações. Acertos valem o "Selo do Navegador". Ao final roda de conversa e contagem dos selos.

AULA 5 - Atividade proposta: Corrida de orientação.

Desenvolvimento: Roda de conversa inicial apresentando os achados anteriores e explicando como será a atividade do dia. O professor já espalhou pela escola os pontos de controle (PC) na ordem correta. Cada equipe recebe um mapa e um caminho a percorrer. A equipe de inspetores e coordenadores da escola deve ser informada. Eu uso Qrcodes como pontos de controle. Então nesse dia, para esta atividade, eles recebem antecipadamente um bilhete para os responsáveis autorizando o uso dos telefones. Caso você não tenha prismas e não queira usar telefones, você pode usar cones como PC e colocar embaixo desenhos, usar carimbos infantis como marcadores. Use sua criatividade.

Como uso Qrcode, em cada um dele apresenta uma pergunta, a resposta dessa pergunta é a marcação que eles devem colocar no cartão controle que recebem. Ao final do percurso as equipes vão chegando eu marco o tempo utilizando um cronometro. Vejo quem fez os pontos corretos no menor tempo possível. E eles ganham o “Selo Desbravadores”

AULA 6 - Atividade proposta: Corrida de orientação feita por eles.

Desenvolvimento: Roda de conversa sobre o que aconteceu nas aulas anteriores e explicar a atividade do dia. Cada equipe irá desenhar novamente um mapa da escola, dessa vez eles usarão passos ou pés como escala,

cores para determinar o que é árvores, ou construção, legendas e a bússola para colocar a sinalização do norte no mapa. Agora eles possuem mais informações e já vivenciaram uma caçada. Eles terão 40 minutos para essa parte inicial. Cada equipe irá fazer um desafio para uma outra equipe que eles não sabem quem será. O professor supervisionará e auxiliará nas dúvidas. Para começar ele vai espalhar as fichas com as equipes e entregar os mapas com os controles determinados pela equipe que montou. Ganha a equipe que passar pelos PC no menor tempo possível na ordem correta.

Na roda de conversa ao final da aula, soma-se os pontos das equipes e vê quem ganhou mais selos. Eu costumo dar sempre um brinde consolação para a turma e um melhor para a equipe vencedora.

7. Conclusão

A presente cartilha reafirma a viabilidade e relevância da incorporação de metodologias ativas no contexto da Educação Física escolar, ao propor estratégias e pequenos ajustes no planejamento, que colocam o estudante no centro do processo de ensino-aprendizagem. Ao articular referenciais teóricos atualizados com exemplos práticos e sugestões de planejamento, o material busca superar os desafios do cotidiano escolar, assim como servir de inspiração para a construção de novos trabalhos e propostas.

A fundamentação na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assegura, ainda, o alinhamento às competências e habilidades previstas para a etapa, promovendo uma prática pedagógica intencional e significativa, o que fortalece o papel da educação física como componente curricular essencial ao desenvolvimento integral dos alunos.

Ao longo do documento, foram apresentadas seis modalidades de metodologias ativas, cada uma acompanhada de orientações didáticas e sugestões de aplicação. Os exemplos de atividades, especialmente aqueles voltados para jogos eletrônicos e esportes, podem e devem ser adaptados a realidade escolar do professor, porém, demonstram também como é possível integrar teoria e prática, valorizando os saberes prévios dos alunos e o uso criativo dos espaços e materiais disponíveis.

Espera-se que este material contribua efetivamente para a formação continuada dos professores de Educação Física, oferecendo subsídios para auxiliar no planejamento de suas práticas e para o enfrentamento dos desafios da educação. Mais do que uma sugestão técnica, a cartilha pretende incentivar uma postura reflexiva e investigativa por parte do docente, capaz de adaptar as metodologias ativas às realidades locais e de promover um ensino mais dinâmico e inclusivo.

8. Referencia

- BERBEL, NEUSI. **Metodologia da Problemática** [vídeo]. YouTube, 8 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFQaC46Wrjs>. Acesso em: 02 mar. 2026.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.
- BROWN ANDRADE. **COMO DANÇAR BREAKING | TOP ROCK | PASSOS PARA INICIANTES** [vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BonajVkVaEA>. Acesso em 11 mar 2026.
- COMPARTILHANDO CONHECIMENTO. **Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) - 10 passos para aplicar a mais profunda Metodologia Ativa** [vídeo]. YouTube, 22 abr. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=deE_leEasjI. Acesso em: 15 mar. 2026.
- COMPARTILHANDO CONHECIMENTO. **Aprendizagem entre times - Metodologia ativa para otimizar o aprendizado entre equipes** [vídeo]. YouTube, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1-HvidXMFEU>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- COMPARTILHANDO CONHECIMENTO. **Sala de Aula Invertida - Passo a Passo, dicas e como aplicar de maneira simples e fácil!** [vídeo]. YouTube, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mhahtcl2aNY>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- DeProfPraProf. **SALA DE AULA INVERTIDA | O que é e como fazer?** [vídeo]. YouTube, 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0kPSHVuxOaw>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- DIVULGASAÚDE. **Gamificação e Jogos na Saúde e Educação | Gamifica PSE** [vídeo]. YouTube, 22 jul. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/xBrCbajDWdI>. Acesso em: 05 mar. 2026.
- DOS SANTOS REY, Agersonias et al. A gamificação como metodologia ativa na educação física escolar: revisão sistemática de estudos qualitativos. *Cuerpo, Cultura y Movimiento*, Belém, v. 15, n. 1, p. 147-160, jan./jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.15332/10649>. Acesso em 02 jan. 2026.
- DUPLA ENSINA. **Método TBL ou Ensino Baseado em Equipes** [vídeo]. YouTube, 28 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=byEQYwLLWJQ>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- EDUCAÇÃO FÍSICA EM FOCO. **Gamificação nas aulas de Educação Física!** [vídeo]. YouTube, 15 ago. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NlDbpuDqbzk>. Acesso em: 01 mar. 2026.
- KRUG, R. de R. et al. O "bê-á-bá" da aprendizagem baseada em equipe. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, DF, v. 40, n. 4, p. 602-620, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e00452015>. Acesso em: 5 out. 2025.
- OLIVEIRA, S. L. de; SIQUEIRA, A. F.; ROMÃO, E. C. Aprendizagem baseada em projetos no ensino médio: estudo comparativo entre métodos de ensino. *Bolema*, Rio Claro, SP, v. 34, n. 67, p. 764-785, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v34n67a20>. Acesso em: 5 out. 2025.
- PEREIRA, L. dos S. et al. Sala de aula invertida: possibilidades no ensino da educação física escolar. *Revista Contemporânea*, v. 3, n. 8, p. 9967-9983, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV3N8-004>. Acesso em: 5 out. 2025.
- SAVICZKI, Sheila Caroline. **Prática Pedagógica de Professores em Cursos Técnicos de Nível Médio: aplicação de metodologias ativas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8589>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- SILVA, R. A. da; FELICIO, C. M. **Rotação por estações: uma proposta didática para formação integral na educação de jovens e adultos**. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Instituto Federal Goiano, Morrinhos, GO, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1713>. Acesso em: 1 out. 2025.
- VASCONCELOS, PROF. RITA. **Metodologia ativa: ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES - Exemplo prático - Tema: Realismo e Naturalismo** [vídeo]. YouTube, 3 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wglxBiHTNZw>. Acesso em: 02 mar. 2026.

Apêndice D – Observações do Diário de Campo produzido pela pesquisadora entre os meses de novembro à dezembro de 2025.

E. M. “X” – Polo 7 - Professor 1

2º feira das 7h às 8:30h – 2 tempos de 45 minutos/cada.

AULA 1 – 03/11/2025.

O professor busca os alunos na sala de aula, faz a chamada e desce para a quadra. O professor me apresentou como professora e disse que eu observaria a aula, mas não daria aula para eles. Alguns vieram me perguntar se eu trabalhava em algum lugar, porque estava ali, se eu era estagiária... Respondia sempre com a verdade, porém sem entrar em detalhes.

A quadra é poliesportiva, coberta, totalmente cercada por um alambrado, fica no pátio da escola, então os alunos que chegam atrasados ou estão de aula vaga, ficam próximos do cercado da quadra, observando a aula ou até mesmo interagindo com os alunos que estão no pátio.

A turma é majoritariamente composta por meninos negros.

Atividade do dia: Construção de um mural sobre capoeira. Os alunos apresentam-se aos poucos, muitos chegam atrasados. O professor já tinha anteriormente feito algumas aulas com eles e hoje ia começar a colar alguns trabalhos escritos que eles estavam trazendo, junto com o material impresso que o professor trouxe. A maioria dos alunos apresentavam-se desinteressados ou não trouxeram a atividade pedida. O professor conversou com a turma, deu mais uma semana de prazo e iniciou a atividade prática do dia que seriam alguns movimentos e fundamentos da capoeira. Eles se interessaram por aprender os instrumentos que o professor levou, mas ficaram com vergonha de fazer os movimentos. Um aluno de fora da aula, que já faz capoeira pediu para participar e jogou com o professor enquanto os colegas olhavam. As expressões eram de surpresa e felicidade. Alguns se saíram bem no atabaque e outros tentaram no berimbau. Após 45

minutos começaram a pedir para jogar futebol e o professor não liberou, pois, a maioria da turma não tinha trazido o trabalho escrito pedido anteriormente. Com isso muitos reclamaram e alguns poucos continuaram tentando os passos da capoeira e o manuseio dos instrumentos.

AULA 2 – 17/11/2025.

Cheguei mais cedo e os alunos imediatamente me reconheceram da aula que eu observei anteriormente, e já vieram falar comigo. O professor chegou e repetiu o processo de buscar os alunos na sala de aula, fazer a chamada e descer para a quadra. Ele me mostrou o mural e alguns outros trabalhos tinham sido entregues na aula anterior.

Ele iniciou a aula com alongamentos comuns, depois pediu para alguns alunos pegarem os instrumentos que estavam em algum lugar na escola. Na sequência, repetiu os passes treinados anteriormente. Percebi que apesar da turma começar mais esvaziada, os alunos apresentavam-se mais participativos que na outra aula que observei e com mais desenvoltura nos movimentos. Hoje tinham muitas turmas no pátio e sempre um aluno gritava chamando o professor ou pediam para participar. Após o treino dos passes foi feita uma roda onde eles tinham que tentar fazer um jogo de capoeira. Auxiliei o professor com o pandeiro, um aluno no atabaque e ele cantou as músicas e tocou o berimbau. Como a maioria da turma participou de forma mais ativa e cumpriu os trabalhos pedidos pelo professor ele os deixou jogarem futebol e um outro grupo foi jogar vôlei no lado externo da quadra. Alguns preferiram não fazer nada e ficaram conversando com o professor sobre assuntos da rotina deles. Eles pareciam gostar de estar com o professor.

AULA 3 – 01/12/2025.

A aula de hoje se desenvolveu em um torneio de queimada entre turmas. A AC3 jogou contra a AC4. Muitos alunos da escola estavam no pátio para

verem os jogos. Eles apresentavam muita força em seus lançamentos, gritavam e se excediam muitas vezes nas falas entre os colegas. O professor intervinha sempre que ouvia, mas de forma descontraída. Dentro da quadra ficaram apenas os alunos que jogavam, aqueles da turma que não queriam participar, gritavam do lado de fora palavras de incentivo aos colegas de turma, de provocação aos da outra turma, além de zoações sobre erros e situações engraçadas que ocorriam. Por alguns momentos achei que sairia briga, o professor imediatamente intervinha e avisava que se tivesse suspenderia o torneio. A turma vencedora saiu da quadra prometendo ganhar das outras de 9º ano.

AULA 4 – 08/12/2025

Foi uma aula livre onde ele juntou alunos de duas turmas que ele pegaria no dia. Mesmo juntando o quantitativo estava baixo e a escola parecia esvaziada, em função do conselho de classe para as turmas de 6º ano, logo, os alunos dessas turmas não estavam na escola. Os alunos tentavam descobrir mais sobre mim e prestavam atenção na minha conversa com o Professor. Ele liberou alguns materiais para eles jogarem, como bola de futebol, bola de vôlei e raquetes de badminton. Após a aula nos reunimos numa sala vazia da escola e fizemos a entrevista.

E. M. “Y” – Polo 2 - Professor 2

4º feira das 13h às 14:30h – 2 tempos de 45 minutos/cada.

AULA 1 – 05/11/2025

A professora espera os alunos na quadra. Eles chegam na escola e após o sinal direcionam-se sozinhos para a quadra. A quadra é muito pequena, com marcação poliesportiva, toda cercada em arame e fica ao lado do prédio das salas de aula da escola, num canto do pátio. A professora reuniu os alunos e eles começaram a aula tirando os times para jogar basquete. Pelo que entendi anteriormente eles já estavam treinando os

fundamentos e já tinham começado a fazer pequenos jogos. Ela distribuiu 4 cores de coletes para marcar os times. A primeira atividade foi o jogo dos passes, ganhava a equipe que conseguia trocar 10 passes primeiro. Ia rodando as equipes que perdiam, enfrentando as que ganhavam. Após uns 15 minutos, foram feitos jogos adaptados de 5 minutos, onde saía a equipe com menos pontos. As regras foram afrouxadas, mas a professora cobrava que eles não andassem com a bola na mão e nem podiam puxar da mão do oponente. Meninos e meninas participavam. É uma turma atípica de aceleração composta por maioria de meninas e bem participativos. Após 1 hora de aula a professora deixou eles jogarem queimada livres.

AULA 2 – 12/11/2025

Assim como em todas as escolas os alunos tinham curiosidade a meu respeito. Eu tentava me esquivar das respostas, mas mantendo o carinho e a atenção.

A aula começou com um jogo de basquete onde valia 1 ponto se a bola passasse por todos da equipe, 2 pontos se a bola tocasse na tabela e 3 pontos as cestas. Eles apresentavam dificuldade em conseguir ter força para jogar a bola na cesta. Eles pareciam se divertir e gostavam da atividade. Assim como na primeira aula jogaram queimada ao final.

AULA 3 – 26/11/2025

A aula de hoje foi assistir um filme sobre capoeira que a professora passou na sala. Tinha chovido muito na noite anterior e a quadra ainda estava muito molhada. Eles não gostaram muito da ideia, mas aceitaram. Muitos tentaram mexer no telefone durante o filme e conversas paralelas. A professora precisou chamar a atenção algumas vezes, apesar dela “brigar” com eles, sempre carinhosa e brincava com eles em diversos momentos das aulas.

AULA 4 – 03/12/2025

A aula de hoje foi aplicação de provas finais. Apesar da professora de educação não dar prova ela tinha que aplicar para a turma que estaria com ela, que foi a AC3. E eles não teriam aula prática depois, pois após a prova eram dispensados. Depois da aplicação, nos reunimos em uma sala vazia e fizemos a entrevista.

E. M. “W” – Polo 3 - Professor 3

2º feira das 10:30h às 11:50h – 2 tempos de 45 minutos/cada.

AULA 1 – 10/11/2025

Encontrei a professora no pátio da escola e subimos juntas para buscar a turma. Os alunos fizeram festa quando ela entrou. A turma era bem mista para uma turma de aceleração, com quantidades quase iguais de meninos e meninas. Os alunos imediatamente que a professora chegou já cobraram alguma coisa que ela prometeu anteriormente. Ela brincou e disse: “Boa tarde para vocês também! Nem cheguei e vocês já estão me cobrando.”, com ar de riso ela me apresentou e começou a chamada. Após isso desceram e chamaram uma outra turma para jogar futebol misto contra. A maioria não participou, porém ficaram em volta da quadra torcendo. Perguntei se era torneio, e ela disse que não. Que eram turmas muito amigas e sempre pediam para jogar juntos, e ela tinha prometido deixar nesta aula.

Os alunos pareciam se sentir muito a vontade com a professora.

AULA 2 – 24/11/2025

Cheguei na escola e os alunos estavam fazendo prova. Parece que os horários foram alterados e as turmas saíam um pouco mais cedo. A professora estava aplicando prova de matemática e alguns já tinham terminado e saído.

AULA 3 – 01/12/2025

A aula foi livre. Muitos alunos estavam ausentes. A turma parece gostar bastante

da professora, e estão sempre muito próximos a ela. Um grupo escolheu queimado e ficou um grupo menor jogando altinha no canto da quadra.

AULA 4 – 08/12/2025

A maioria da turma estava envolvida com a organização da confraternização de fim de ano que eles iriam fazer no tempo final da professora. Os meninos estavam na quadra jogando futebol com poucas meninas e a o restante estava arrumando a sala. Quando deu 11h eles subiram para lanche. Cada um trouxe algo e a professora levou uma caixa de som. Eles colocaram músicas e lancharam. Saíram no tempo final da aula, mas deixaram a sala organizada para o próximo turno.

E. M. “H” – Polo 1 - Professor 4

3º feira das 10:30h às 12h – 2 tempos de 45 minutos/cada.

AULA 1 – 04/11/2025

Cheguei na escola e a secretária me levou de encontro ao professor que estava na sala dos professores. Conversamos um pouco, entreguei o TCLE e ele começou a me descrever o perfil da turma. Perguntei qual conteúdo ele estava trabalhando e ele falou que queria fazer uma ação sobre jogos e brincadeiras africanas. Como estava chovendo e a quadra apesar de ser coberta é aberta nas laterais, ele ia usar jogos de tabuleiro africano. Ao entrar na sala nos deparamos com uma confusão já instaurada. Parece que na aula do professor anterior, rolou uma discussão e dois alunos tinham sido encaminhados para a direção. A turma composta por alunos com até 17 anos, maioria meninos, estava agitada e dividida em dois grupos. O professor 4, começou a tentar entender o ocorrido e a apaziguar os ânimos.

O professor 4, parece ter uma boa relação com o grupo, usando uma linguagem mais tranquila, tentou não alterar o tom voz, e buscou resolver ou liquidar de vez o conflito. Com isso ele perdeu a aula inteira só resolvendo esse

problema que parece que vem vindo acontecendo a alguns dias.

AULA 2 – 11/11/2025

Cheguei e fui encontrar o professor como na aula anterior. Ele buscou os alunos na sala e levou eles para a quadra. Diferentemente dos outros professores, ele permitia um tempo “livre” no início da aula e depois entrava no conteúdo previsto para o dia. Perguntei o que aconteceu após a aula e ele informou que os alunos foram suspensos, mas que a turma estava mais calma. Ele mudou o cronograma da atividade prevista e não iria mais dar os jogos.

Após uns 20 minutos de futebol, o professor que é mestre de capoeira, começou a falar sobre a capoeira e a organizar uma roda. Ele chamou alunos de outras turmas que já faziam aulas com ele. O mesmo desenvolve um projeto com aulas gratuitas um dia da semana a noite na escola. Os alunos pareceram interessados e surpresos com a performance dos colegas e do regente. Depois de uma exibição da roda, ele propôs os alunos tentarem alguns movimentos com os alunos de outras turmas auxiliando. Eles riam dos colegas, mas tentaram. Depois o professor tentou ensinar alguns a tocarem os instrumentos. Ele conseguiu manter a turma uns 40 minutos entretidos na capoeira, após isso liberou novamente o uso livre da quadra.

Algumas meninas ficaram ainda tentando e experimentando os instrumentos. Os alunos que foram ajudar, a maioria foi jogar futebol e outros permaneceram interessados em ajudar.

AULA 3 – 18/11/2025

Nessa aula o professor trouxe novamente os instrumentos da capoeira e mais uns dois alunos de outra turma para ajudá-lo. Como de costume antes de tocar no assunto da aula os alunos ficaram jogando livres por 20/30 minutos, porém alguns alunos já procuraram o professor para mexer nos instrumentos da capoeira. O professor começou a aula tocando e cantando enquanto os alunos

tinham que repetir tanto os cantos como os movimentos que os colegas mostravam. Eles ficaram um pouco, alguns reclamavam, mas a maioria fazia. Depois ele tentou uma roda, alguns participaram, mas a maioria não quis tentar. Após isso o professor conversou um pouco com eles sobre valorização da cultura afrobrasileira como forma de resistência e afirmação social e liberou ele para jogarem mais.

AULA 4 – 25/11/2025

Nesse dia eles estavam agitados porque no sábado seguinte teria uma festa na escola com a culminância do novembro negro e o professor queria que eles se apresentassem com a capoeira e eles não queriam. O professor insistia que treinassem, pois o grupo de capoeira que o professor tinha na escola ia se apresentar e queria que eles participassem da roda. Alguns alunos foram jogar futebol e outros ficaram ali conosco, mexendo nos instrumentos e tentando fazer os passos. Deu o tempo “livre” e depois mais uma vez começou a roda de capoeira, os movimentos agora mais controlados e ritmados. Os alunos são sempre amáveis, dentro do jeito deles, e bem humorados com o professor e o mesmo com eles.

AULA 5 – 02/12/2025

Alguns alunos da turma tinham sido tirados pelos coordenadores de turno para fazerem provas de segunda chamada ou recuperação que estavam com pendência. O grupo começou a contar o que achou da festa e quais eram as expectativas para a festa de formatura no dia 17/12. Era interessante ver a animação deles, mas chocava também a falta de perspectiva acadêmica para esses meninos e meninas. O professor perguntava o que eles queriam fazer no ensino médio, ou faculdade, e eles simplesmente não se imaginavam nesses espaços.

O professor buscava motivar eles, incentivar a continuarem os estudos, a

tentarem as provas e escolas melhores de ensino médio, mas a grande maioria dizia que só estudava porque eram obrigados e que queriam trabalhar apenas.

AULA 6 – 09/12/2025

Aula livre do início ao fim. Os alunos jogaram queimada e futebol, como a escola estava mais esvaziada alguns alunos de outras turmas completaram os times. A aula “livre” fluiu sem problemas e após o tempo de aula fiz a entrevista em uma sala separada.

E. M. “Z” – Polo 5 - Professor 5

3º feira das 08:40h às 10:10h – 2 tempos de 45 minutos/cada.

AULA 1 – 04/11/2025

Cheguei na escola e muitos alunos já vieram falar comigo. Como trabalho nesta escola e já dei aula para muitos dos alunos da turma de AC3, eles estranharam minha presença no dia observando a aula do outro professor.

O professor espera os alunos na quadra, eles entram e alguns vão trocar de roupa no banheiro da escola. Ele começa a aula com exercícios de alongamentos básicos, depois partiu para alguns educativos de futsal. O conteúdo que o professor escolheu para trabalhar neste trimestre foi o futsal. Os alunos fizeram trocas de passes, conduções, ensaios de domínio de bola e na sequência um jogo onde meninos jogavam com meninos e as meninas com as meninas com meninos como goleiros. Os alunos tem uma boa relação com o professor e pareciam gostar do tema proposto. Era visível a diferença de nível técnico motor das meninas para os meninos, porém todos participavam. O professor é sempre objetivo e direto nas instruções e feedbacks de correção da turma. Ele vai anotando quem participa e quem não participa das aulas, é a forma de avaliação que o mesmo utiliza. Diferente das outras escolas, aqui os alunos conversam com o professor somente sobre questões da aula, não tendo um envolvimento maior nos assuntos. No final da aula ele deixou os alunos jogarem futebol livre e

algumas meninas jogaram vôlei no canto da quadra. Nenhuma menina quis participar do jogo dos meninos.

AULA 2 – 11/11/2025

Neste dia não teve aula, pois o professor organizou um interclasse de queimada entre as turmas dele. As equipes eram mistas e as turmas de aceleração AC3 e AC4 jogaram contra as turmas de 9º ano. As regras utilizadas foram combinadas previamente e o sorteio da chave feito na hora por um aplicativo de telefone. O professor ficou de juiz do jogo. As partidas fluíram sem problemas graves, os alunos apresentaram forte interesse e participação. O professor coibiu ações e falas antidesportivas e inadequadas de forma firme, não apresentando muita tolerância para falta de comportamento.

AULA 3 – 18/11/2025

Nesta aula ele fez uma revisão dos educativos sobre futsal. Iniciando a aula sempre com alongamentos. O professor tem uma postura mais rígida e calada em relação aos outros professores entrevistados, mas mesmo assim parece ter uma boa relação com os alunos. Mesmo evitando conversas desnecessárias ele tenta atender os anseios de aulas livres que os alunos pedem, sempre se mostrando aberto a negociações e acordos com a turma. Após os educativos, ele pediu um jogo de futsal com regras oficiais e ficou combinado que se todos participassem as próximas estariam livres.

AULA 4 – 25/11/2025

Hoje não teve aula prática, foi semana de provas na escola. O professor de educação física aplicou prova de matemática para a turma. A turma reclamou por não ter aula, pediu para ele liberar a bola depois, porém o professor explicou que não teriam aula depois.

AULA 5 – 02/12/2025

Como combinado na aula anterior, a aula de hoje seria livre. Visto que na próxima aula já seria conselho de classe. Pelo que entendi o professor nestas últimas semanas, tem permitido alunos de aulas vagas de outras turmas, participarem dos jogos livres. Você vê descontração entre aqueles que jogam, alguns se incomodam um pouco, mas não saem do jogo. Outros alunos apesar de não participarem da parte prática, ficam conversando com outros na lateral da quadra, outros jogam outras coisas no canto do pátio.

Anexo A – Termo de Autorização do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA - ASOEC - UNIVERSO



Continuação do Parecer: 7.806.866

de literatura e outro artigo interrelacionando as conclusões do primeiro às informações coletadas na pesquisa de campo por meio dos seguintes instrumentos de coleta de dados: observação de aulas, diário de campo e entrevista semiestruturada com professores que trabalham com classes de aceleração de ensino fundamental II no polo V da rede municipal de educação de Niterói. Os resultados preliminares indicam uma escassez de produção acadêmica sobre Educação Física em turmas de aceleração, especialmente em relação a metodologias de ensino nestas classes. Os estudos revisados enfatizam a importância da gestão escolar participativa, da formação contínua de professores e de práticas pedagógicas inovadoras, cruciais para criar um ambiente educacional inclusivo e estimulante para alunos com distorção idade-ano escolar. Aponta-se o planejamento participativo como uma estratégia eficaz para melhorar a qualidade das aulas de Educação Física e democratizar o ambiente escolar, contribuindo para um sistema educacional mais equitativo e eficaz. Palavras-chave: Metodologia de Ensino, Turmas de Aceleração, Atraso Escolar, Fracasso Escolar, Inclusão.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo primário deste trabalho é o de investigar as metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física em classes de aceleração do ensino fundamental II de uma escola do polo V da rede pública de Niterói.

Objetivo Secundário:

Partindo desse objetivo geral, propôs-se: a) revisar a literatura corrente sobre metodologias de ensino utilizadas na Educação Física escolar, em especial em classes de aceleração; b) descrever quais metodologias de ensino são comumente mais usadas nessas turmas durante aulas de Educação Física de uma escola da rede pública municipal de Niterói pertencentes ao polo V; c) elaborar um diário de campo com as observações sistemáticas obtidas no acompanhamento das aulas nas classes de aceleração e confrontar com os dados obtidos na revisão de literatura; d) produzir uma

Endereço: MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo

Bairro CENTRO

CEP: 24.030-060

UF: RJ

Município NITERÓI

Telefone (21)2138-4983

E- cepuniverso@nt.universo.edu.br

**UNIVERSIDADE SALGADO DE
OLIVEIRA - ASOEC -
UNIVERSO**



Continuação do Parecer: 7.806.866

cartilha com informações atualizadas sobre metodologias de ensino-aprendizagem que possam auxiliar os profissionais que atuam com aulas em classes de aceleração, de modo a proporcionar diferentes formas de interação entre docentes e discentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Por se tratar de um estudo com observação de aulas, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos, os riscos podem estar relacionados à confidencialidade, privacidade e bem-estar dos participantes, principalmente considerando a coleta de dados sensíveis no contexto educacional e a participação de professores em suas práticas pedagógicas. Por causa disso a pesquisa conta com procedimentos éticos, incluindo a obtenção de termos de consentimento e de aprovação pelo Comitê de Ética, além de uma escuta sensível com o intuito de minimizar ao máximo esses riscos e proteger os participantes.

Benefícios:

Os benefícios da pesquisa, conforme exposto no texto, abrangem a potencialização da compreensão acerca das práticas pedagógicas aplicadas nas aulas de Educação Física em turmas de aceleração, bem como sua contribuição para o aprimoramento do ambiente educacional e da formação docente. Em específico, o estudo objetiva fornecer subsídios teórico-metodológicos para a elaboração e validação de um inventário de práticas

docentes, instrumento que poderá orientar tanto a formação continuada de professores quanto a implementação de metodologias mais inclusivas e eficazes. Ademais, a pesquisa almeja fomentar a gestão escolar participativa, a inclusão de alunos em situação de distorção idade-série e o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras. Tais iniciativas podem resultar em aulas mais dinâmicas, inclusivas e qualificadas, contribuindo para a redução dos índices de fracasso escolar, a promoção de justiça social e a democratização do espaço educacional. Por fim, ao sistematizar conhecimentos e estratégias específicas para o ensino

Endereço: MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo

Bairro CENTRO

CEP: 24.030-060

UF: RJ

Município NITEROI

Telefone (21)2138-4983

E- cepuniverso@nt.universo.edu.br

**UNIVERSIDADE SALGADO DE
OLIVEIRA - ASOEC -
UNIVERSO**



Continuação do Parecer: 7.806.866

de Educação Física em turmas de aceleração, o estudo possui potencial para influenciar políticas públicas educacionais e práticas pedagógicas, beneficiando diretamente discentes e docentes ao fomentar um sistema educacional mais equitativo e adaptado às necessidades desse público.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem como foco a investigação das metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física em classes de aceleração do ensino fundamental em uma escola da rede pública de Niterói. O tema é relevante com importantes aplicações na área. Os preceitos éticos em pesquisa são adequadamente seguidos e o estudo apresenta um desenho metodológico adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto - OK

Informações básicas do projeto: OK

Projeto - OK

TCLE - OK

Termo de aceite para realização da pesquisa (Secretaria Municipal de Educação): OK

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O material apresentado ao Comitê de Ética encontra-se em consonância com os preceitos éticos em pesquisa, não tendo apresentado pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

O material apresentado ao Comitê de Ética encontra-se em consonância com os preceitos éticos em pesquisa, não tendo apresentado pendências ou inadequações.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2609254.pdf	08/08/2025 14:17:28		Aceito

Endereço: MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo

Bairro CENTRO

CEP: 24.030-060

UF: RJ

Município NITEROI

Telefone (21)2138-4983

E- cepuniverso@nt.universo.edu.br

**UNIVERSIDADE SALGADO DE
OLIVEIRA - ASOEC -
UNIVERSO**



Continuação do Parecer: 7.806.866

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Gloria_Lontra_CEP.pdf	08/08/2025 14:17:09	GLORIA LONTRA BAPTISTA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_GLORIA_LONTRA_ass inado.pdf	08/08/2025 14:14:23	GLORIA LONTRA BAPTISTA	Aceito
Outros	Termo_FME.pdf	30/07/2025 17:38:46	GLORIA LONTRA BAPTISTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_de_dissertacao.pdf	30/07/2025 17:35:24	GLORIA LONTRA BAPTISTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	30/07/2025 17:31:56	GLORIA LONTRA BAPTISTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

NITEROI, 29 de Agosto de 2025

**Assinado por:
Juliana Marin
(Coordenador(a))**

Endereço: MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo

Bairro CENTRO

CEP: 24.030-060

UF: RJ

Município NITEROI

Telefone (21)2138-4983

E- cepuniverso@nt.universo.edu.br

Anexo B – Termo de Autorização para disponibilização de trabalhos científicos

Mantida pela Associação Salgado de Oliveira de
Educação e Cultura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

O discente da **ASSOCIAÇÃO SALGADO DE OLIVEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA – ASOEC**, mantenedora da **UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA - UNIVERSO**, com sede na cidade de Niterói - RJ, à rua Marechal Deodoro, 217 – Bloco A, inscrita no CNPJ sob o nº 28.638.393/0003-44, na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho indicado abaixo, nos moldes da Lei nº. 9610/98, ao assinar o presente termo, ato esse de livre vontade, **AUTORIZA** que: A Universidade Salgado de Oliveira - UNIVESO publique, de forma gratuita, por tempo indeterminado, em ambiente digital institucional, sem qualquer tipo de ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral do Trabalho de Conclusão de Curso descrito abaixo, em formato PDF e/ou outro que identifique ser mais adequado, a título de divulgação da produção científica gerada pela Instituição de Ensino Superior.

Nome do discente/autor: Glória Lontra Baptista

Curso: Mestrado em Ciências da Atividade Física

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: Etnométodos e Metodologias Ativas na Educação Física Escolar: Um estudo com classes de aceleração.

Endereço: Rua Dionísio Erthal 69, bl2 apto 603. St Rosa – Niterói – RJ.

CPF: 106.582.057-73 RG: 12.432.343-7 Detran/RJ

E-mail: lontragb@gmail.com Telefone: (21)-98288-7874

O discente está ciente quanto a sua responsabilidade de originalidade e que detém o direito de disponibilizar a obra indicada nesta autorização, conforme art. 30, da Lei 9.610/98, sendo, contudo, vedada a cópia/plágio de trabalhos de terceiros. Assim, quaisquer medidas judiciais ou extrajudiciais concernentes a divulgação/reprodução/cópia/exposição/venda de seu conteúdo, sem autorização do titular dos direitos autorais, serão de inteira responsabilidade do infrator e de iniciativa exclusiva do discente/autor.

Niterói, 20 de março de 2026.

Aluno

Anexo C – Relatório de Autenticidade do DocxWeb ou Copyspider



Página 1 de 603

Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela com o resumo da análise do CopySpider. Cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na internet (para "Busca em arquivos da internet") ou do arquivo de entrada com outros arquivos em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais").

A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de similaridade dos arquivos. Quanto maior a quantidade de termos comuns, combinada com o agrupamento desses termos, maior a similaridade entre os arquivos.

No início de cada comparação entre arquivos, encontram-se um resumo numérico dos resultados:

- Arquivo 1: <nome do arquivo> (<Ni> termos)
- Arquivo 2: <nome do arquivo> (<Nc> termos)
- Termos comuns: <N>
- Similaridade:
 - * Índice antigo (S): <x> %
 - * Índice novo (Si): <y> %
 - * Agrupamento (Sg): <Alto|Moderado|Baixo>

No texto do documento, os termos em comum são marcados em cores diferentes:

- **Amarelo**: quando são considerados no cálculo do Novo Índice de Semelhança (Si) e;
- **Vermelho**: quando estão agrupados e fazem parte do Índice de Agrupamento (Sg).

Os termos marcados em amarelo são comuns entre os documentos, mas, por não estarem agrupados, tendem a não caracterizar cópia. Os termos marcados em vermelho também são comuns e têm maior chance de serem interpretados como cópia.

É importante destacar que a classificação da semelhança como Alta, Moderada e Baixa não representa um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade Alta e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)

[Como interpretar os índices de semelhança?](#)

Versão do CopySpider: 3.5

Relatório gerado por: lontragb@gmail.com

Análise no modo: Web/Normal (disponibilidade de 98.33%) em 19:29 s

Idioma da busca: Português

Arquivos	Termos comuns	Semelhança	Agrupamento
2026.1.1.doc	989	Baixa	Moderado
X www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/10142/1/Dissertacao_Sonia_Regina_Thiago_Bastos.pdf			
2026.1.1.doc	171	Baixa	Moderado
X portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3034			
2026.1.1.doc	1073	Baixa	Baixo
X www.saojose.sc.gov.br/images/uploads/publicacoes/Proposta-Curricular-de-Sao-Jose.pdf			
2026.1.1.doc	967	Baixa	Baixo
X bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_condicoes_atencao_primaria_saude.pdf			
2026.1.1.doc	888	Baixa	Baixo
X efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2020/08/CURRÍCULO PAULISTA etapa Ensino Médio.pdf			
2026.1.1.doc	709	Baixa	Baixo
X www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/altosestudos/pdf/desafio_mobilidade_conle.pdf			
2026.1.1.doc	702	Baixa	Baixo
X www.passeidireto.com/arquivo/148685188/material-complementar-libras-mini-dicionario-ilustrado-de-libras-1-5-arquivos-me			
2026.1.1.doc	692	Baixa	Baixo
X download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/textos_disseminativo_argumentativos.pdf			
2026.1.1.doc	671	Baixa	Baixo
X portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Legislação_Migratória_Compilada/2021_12_20_Compilado_rev_atu.pdf			
2026.1.1.doc	645	Baixa	Baixo
X www.passeidireto.com/arquivo/151953506/pedagogia-juridica-no-brasil			

Arquivos com problema de download

<https://academia.qedu.org.br/censo-escolar/distorcao-idade-serie> - Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - Tipo do arquivo não identificado

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/14572> - Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - (22)
 The requested URL returned error: 404; [csu] timeout

<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/download/27374/25065> - Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - (28)
 Operation timed out after 15005 milliseconds with 0 bytes received

Arquivos com problema de conversão

https://www.researchgate.net/profile/Temas-Em-Educacao-Fisica-Escolar/publication/373359163_PLANEJAMENTO_PARTICIPATIVO_EM_TURMAS_DE_ACELERACAO_DE_TERCEIRO_CICLO_DO_ENSINO_FUNDAMENTAL/links/64e764c60acf2e2b520db596/PLANEJAMENTO-PARTICIPATIVO-EM-TURMAS-DE-ACELERACAO-DE-TERCEIRO-CICLO-DO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf - Não foi possível converter o arquivo. É recomendável converter o arquivo para texto manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos).: msg.the file is empty

<https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/constituicao.asp> - Não foi possível converter o arquivo. É recomendável converter o arquivo para texto manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos).: TEMPO DE ESPERA ESGOTADO
